

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MÁRCIO MENDES DA LUZ

**Abençoados aqueles que vêm:  
imigração e beneficência judaica em  
São Paulo (1900-1950)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de História do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de Campinas sob  
a orientação do Prof. Dr. Michael Mc  
Donald Hall.

Área de Concentração: História Social.

CAMPINAS, MARÇO DE 2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP  
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

**L979a Luz, Márcio Mendes da**  
**Abençoados aqueles que vêm: imigração e beneficência judaica em São Paulo (1900-1950) / Márcio Mendes da Luz. - - Campinas, SP : [s. n.], 2011.**

**Orientador: Michael McDonald Hall.**  
**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Imigrantes – São Paulo (SP). 2. Judeus – São Paulo (SP) – História. 3. Etnicismo. 4. Gender. 5. Judeus – Migração. I. Hall, Michael M. (Michael McDonald), 1941- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

**Título em inglês: Those who are blessed: immigration and jewish charities in São Paulo (1900-1950)**

**Palavras chaves em inglês (keywords) :**  
**Immigrants – São Paulo (SP)**  
**Jews – São Paulo (SP) – History**  
**Ethnicity**  
**Gender**  
**Jews – Migration**

**Área de Concentração: História Social**

**Titulação: Mestre em História**

**Banca examinadora: Michael McDonald Hall, Claudio de Henrique Morais  
Batalha, Roney Cytrynowicz**

**Data da defesa: 25-03-2011**

**Programa de Pós-Graduação: História**

MÁRCIO MENDES DA LUZ

*“Abençoados aqueles que vêm: imigração e beneficência judaica em São Paulo (1900-1950)”.*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Michael Mc Donald Hall.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 25/03/2011.

BANCA



Prof. Dr. Michael Mc Donald Hall – DH/IFCH/UNICAMP (orientador)



Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha – DH/IFCH/UNICAMP



Prof. Dr. Roney Cytrynowicz – Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Prof. Dra. Bela Feldman – DA/IFCH/UNICAMP

Prof. Dr. Luigi Biondi – UNIFESP

MARÇO/2011



## Dedicatória

*A Memória de meu pai,  
Miguel Barbosa da Luz, e  
de minha avó materna, Ana  
Barbosa Mendes.*



## **Epígrafe**

*Agradeço a minha mãe pelo apoio moral nesses meus anos de estudo, obrigado.*



## Resumo

Esta dissertação tem por objetivo analisar a imigração do grupo judaico para a cidade de São Paulo entre 1900 e 1950 através das instituições de beneficência e como essas influenciaram na formação de uma identidade judaica paulistana. Como fonte de pesquisa utilizei as atas da Sociedade Beneficente Ezra, Congregação Israelita Paulista, Sociedade das Damas Israelitas, Organização Feminina Israelita de Assistência Social e periódicos da época



## Abstract

This dissertation aims to analyze the jewish immigration to the city of São Paulo between 1900 and 1950 through charities and how those influence the formation of a jewish identity in São Paulo. As a source of research used the records of the Benevolent Society Ezra, Congregation Israeli Paulista, The Ladies Society Israelis, Jewish Women's Organization for Social Welfare and journals of these time.



## Agradecimentos

Na realização desta dissertação contei com inúmeras pessoas que me apoiaram nas horas de aflição; me incentivaram nas horas de desânimo, me acalmaram nas horas em que desesperei e que orientaram, academicamente e pessoalmente, a todos os momentos. Por isso nada mais justo, nesse momento de alegria e felicidade poder compartilhar com estas pessoas esta alegria e satisfação.

Primeiramente gostaria de agradecer a FAPESP pelo apoio financeiro dado ao longo do meu mestrado.

Gostaria de expressar aqui meu especial agradecimento ao meu orientador Dr. Michael McDonald Hall que em diversas oportunidades sanou minhas dúvidas (que foram inúmeras) e com paciência soube me orientar e apaziguar a minha impaciência e confusão. Também quero agradecer a Roney Cytrynowicz, que eu posso sem dúvida chamar de co-orientador, pois cujas informações muito ajudaram na elaboração desta dissertação.

Gostaria de agradecer a minha mãe, Anésia Mendes da Luz, que mesmo não podendo me ajudar academicamente, me orientou e ajudou em meus dramas pessoais, não só os que ocorreram durante a realização da monografia, mas em todos os momentos de minha vida. Também meus irmãos: Miguel, Marco e Mariângela, que dentro de suas possibilidades me orientaram ao longo da vida. Os meus cunhados: Ivanir, Valéria e Evaldo, que são muito mais que isso, são meus irmãos adotivos. Também gostaria de agradecer a meus sobrinhos: Vinícius, Sharise, Marco, Nihey, Ingrid, Sayuri e Raphaela; quero lhes dizer – obrigado por deixarem a minha vida sempre com um sorriso nos lábios.

Gostaria também de agradecer as ajudas pontuais da Dra. Ethel Kosminsky, Dr. Oswaldo Truzzi e Dra. Eva Blay que me ajudaram a elaborar as questões a ser respondidas durante a pesquisa e dissertação. Também quero agradecer aos demais professores do instituto que mesmo não sendo especialistas na área de imigração, me

orientaram, dentro de suas possibilidades, questões pessoais da minha pesquisa e me incentivaram a continuá-la.

Gostaria de dizer um especial obrigado aos meus amigos e companheiros a toda horas, desde das mesas de estudos, passando pelas mesas de cantinas e terminando em uma mesa de bar: Lucas Paris; Virgínia Mancilha; Valdir Bertoldi Jr; Larissa Gomes, Natália Zanela, , Rafaela Basso, Geisa Aguiari, Giovani Grilo, Daniel Martini, amigos de pós que acompanharam o crescer da pesquisa: David Lacerda, Maurício Ghedin, Camilo Araújo, Rafael Schaffer, Larissa Correia, Maria do Socorro Araújo. Peço desculpas àqueles amigos que esqueci mas são tantos que, a esta data do calendário, fica difícil ao autor desta dissertação lembrar de todos.

E por fim, meu especial agradecimento aos funcionários, alguns ex-funcionários, e voluntários do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro em São Paulo. Dentre eles se destacam a querida Lúcia Chermont, Paulo Valadares, Mireille Barki, Maria Theodora da Câmara Falcão Barbosa, Ingo Bekman, Arnaldo Lev, que gentilmente me concedeu uma entrevista, e Irene Dal Medico. A ajuda de você foi preciosa, e muitas vezes um papo despretenso entre nós, jogou luz a minha pesquisa possibilitando a formulação de novas hipóteses.

# Glossário

## Siglas:

**CARIA:** Comissão de Assistência aos Refugiados Israelitas Alemães

**CIP:** Congregação Israelita Paulista

**HIAS:** Hebrew Immigrant Aid Society

**JCA:** Jewish Colonization Association

**JOINT:** Joint Distribution Comitee

**FISESP** – Federação Israelita do Estado de São Paulo

**OFIDAS** – Organização Feminina Israelita de Assistência Social

**ICIB** – Instituto Cultura Israelita Brasileiro

**CIBAT** – Centro Israelita Brasileiro Amadeu Toledano

## Vocabulário:

**Ashkenazita:** Judeu procedente da Europa Oriental

**Ídiche:** dialeto mistura de alemão com hebraico e escrito em letras do alfabeto hebraico

**Ladino:** dialeto mistura de português arcaico, espanhol e hebraico.

**Landsmanschaften** – Associações de conterrâneos

**Matza:** Pão ázimo

**Mizrahi:** Judeu do oriente médio de sobrenome árabe, também conhecidos como Orientais

**Pessach:** Páscoa Judaica

**Pogrom:** Ataque sistemático a judeus do Império Russo.

**Sefaradita:** Judeu cuja ascendência remonta aos judeus expulsos de Portugal e Espanha durante os séculos XV e XVI.

**Shtetl:** Em ídiche significa cidadezinha, vila.

**Jekke** – termo depreciativo para designar judeus de origem alemã



# Sumário

## **1. Introdução – 19**

- Imigração – 21
- Beneficência – 26
- Formação da identidade – 28

## **2. Sociedade Beneficente Ezra – 47**

- Criação – 47
- Imigração e trabalho – 48
- Status – 58
- Relações externas – 68
- Conclusão – 76

## **3. Congregação Israelita Paulista – 79**

- Das origens à consolidação – 79
- Imigração e beneficência – 83
- Imigração e Antissemitismo – 97
- Federação e Sionismo – 105
- Relações Internas e Externas – 118
- Conclusão - 126

## **4. Imigração e Questão de Gênero – 129**

- Mulher judia: Trabalho e família -132
- Mulher Judia e a Assistência Social – 138
- Política – 149
- Conclusão 152

## **5. Considerações Finais - 155**

## **6. Bibliografia - 159**



# INTRODUÇÃO

Nesta dissertação pretendo mostrar ao longo de três capítulos a seguir como as instituições de beneficência judaica auxiliaram na imigração e adaptação desses em solo paulistano entre os anos de 1900 e 1950 e como atuaram na formação de uma identidade judaico-paulistana. Para isso escolhi pesquisar quatro instituições de beneficência: Sociedade Israelita Amigo dos Pobres Ezra, Congregação Israelita Paulista (CIP), Sociedade das Damas Israelitas e Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS).

O espaço escolhido foi São Paulo por ser um dos maiores destino da imigração judaica na América do Sul e onde a comunidade foi mais ativa com a construção de diversas instituições religiosas, beneficentes e de lazer. O período escolhido foi 1900 -1950 por ser nesse período o maior fluxo de imigração judaica para o Brasil. Por isso a escolha do título ser *Abençoados* aqueles que vêm em alusão a expressão hebraico *Baruchim Habaim* (ברוכים מהבא), que significa é uma saudação de boas vindas. Mas como nota-se ao longo dos capítulos nem sempre o imigrante judeu foi bem vindo em solo brasileiro pelas autoridades em questão nisso atua as instituições para o auxílio dessa imigração.

Na dissertação também analisa-se as relações internas e externas dessas instituições, no modo como lidavam com a sociedade maior em como manter e melhorar a imagem do grupo imigrante assistido perante a outros grupos e as políticas governamentais imigracionista de restrição em alguns momentos específicos. Assim como analisa-se as questões internas dessas instituições: as disputas políticas, como lidavam com o imigrante e como definiam qual deveria, ou não, ser assistido. Também é analisado a relação entre essas instituições, muitas vezes essas relações foram tensas e motivadas por rivalidades regionais, religiosas, culturais e sobretudo, políticas.

A questão do sionismo permeou veemente essas instituições, principalmente nos anos entre o final da II Guerra Mundial e a criação do Estado de Israel. Junto com a questão do sionismo havia uma disputa entre elas para decidir qual seria a instituição a unificar todas as demais sob o

seu comando e qual setor da comunidade conseguiria: ashkenazim ou ocidentais<sup>1</sup>, sionistas ou não sionistas. Tangencialmente a esse debate político mais intenso, estava presente outros setores que influenciavam indiretamente como o combate as polacas e a criação e o desenvolvimento da ala progressista.

A questão do status também permeia profundamente essas instituições. Defendo que entre suas funções de assistência, estava a manutenção do status da comunidade perante a sociedade maior. Não deixar seus congêneres cair na mendicância auxiliaria em melhorar a imagem do judeu perante a elite paulistana, passar a imagem de uma comunidade composta apenas por indivíduos de sucesso. Também o status interno, por ocupar lugar central na vida comunitária, fazer parte da diretoria de alguma dessas instituições dava prestígio perante a comunidade.

Em alguns momentos optei por deixar as referências na íntegra ao invés de encurtar por crer que alguns detalhes que estão nessas referências são importantes para entender o debate em que ocorre, como a decisão ou não de ter um harmônico para as grandes festas. Ao olhar de alguém que não conhece as minúcias pode parecer uma discussão fútil de religiosos, mas quem conhece o contexto histórico e cultural em que ocorreu a discussão não poderia privá-los de ter acesso a todos os detalhes da discussão. Assim como alguns documentos em inglês, a opção de manter o idioma, a tradução poderia modificar o significado original. Também optei por dividir os capítulos por instituição nos dois primeiros por compreender que ambas as instituições, apesar de origem israelitas, assistiam a imigrantes diferentes e tinham concepções diferentes sobre assistência, trabalho e política. Somente o último representei através de um tema geral “Imigração e Questão de Gênero” por conceber que este tema ainda pouco estudado na historiografia brasileira necessita de uma atenção especial.

Nessa introdução, além de fazer essa pequena explicação do que será analisado nessa dissertação em linhas gerais, também farei uma breve análise da imigração judaica para o Brasil, a beneficência nessa imigração e a sua formação de identidade.

---

<sup>1</sup> O autor dessa dissertação classifica os judeus alemães, franceses e italianos como ocidentais, baseado em uma prédica do Rabino Fritz Pinkuss em que ele próprio se designa como judeu askenazim ocidental, por isso essa diferenciação. Fundo Fritz Pinkuss, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

## Imigração

O fluxo imigratório<sup>2</sup> para o Brasil foi insignificante até 1850; na década de 1870 alcançou cem mil pessoas; entre 1890 e 1894 atingiu seiscentas mil e, a partir disso, passou a declinar por diversos fatores. Voltou a aumentar nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, cessando durante o conflito. No período entreguerras, o movimento perdurou com bastante intensidade, mas não como na segunda metade do século XIX.

Calcula-se que entre 1850 e 1950 cerca de 4.800.000 imigrantes tenham ingressado no país. Mais da metade deste total, 2.500.000, dirigiu-se para o estado de São Paulo<sup>3</sup>. Infelizmente, os dados sobre os números de imigrantes que tenham ingressado no Brasil são inexatos, mas provavelmente se aproximam bem do real.

A lavoura de café foi, provavelmente, a principal responsável pela imigração no Brasil. A rápida expansão da lavoura no oeste paulista e as restrições à obtenção de escravos fizeram com que os cafeicultores passassem a “importar” mão-de-obra. Os estrangeiros que resolvessem vir para a lavoura de café tinham suas passagens custeadas. Dentre as nacionalidades com maior contingente de imigrantes, estavam: italianos, espanhóis, alemães e, mais tardiamente, japoneses e portugueses. As péssimas condições de vida experimentadas pelos trabalhadores nas fazendas fizeram com que muitos não completassem os contratos firmados e fugissem, alguns voltaram ao país de origem, mas grande parcela dirigiu-se às cidades. No estado de São Paulo, a capital recebeu enorme contingente.

Por que São Paulo? Podem-se especular vários fatores: por ser a capital do estado, a maior cidade, pela emergência de seu parque industrial. Fato é que, a partir da década de 1890, com um pequeno parque industrial estabelecido, a cidade passou a ser destino de imigrantes. No início da década, contava 64.934 habitantes, no final, 241.935, entre eles, um considerável número de estrangeiros, 54,6%. No fim do século XIX e início do século XX, São Paulo era um dos maiores focos de imigração do mundo.

O impacto desse enorme volume de imigrantes sobre a economia da capital do estado não pode ser desprezado. É relevante, ainda, que parte desse contingente sequer se dirigiu à lavoura,

---

<sup>2</sup> O autor dessa dissertação tem como referência que a imigração seja feita por pessoas de livre e espontânea vontade.

<sup>3</sup> HALL, Michael, **Imigrantes na cidade de São Paulo**, in PORTA, Paula, **História da cidade de São Paulo, vol.3, a cidade na primeira metade do século XX**, Paz e Terra, São Paulo, 2004.

instalando-se imediatamente na cidade. O grupo analisado nesta pesquisa veio, em sua maior parte, de forma espontânea e, também em sua maior parte, concentrou-se na capital (85%).

É ligeiramente diferente a situação da Argentina. No vizinho sul-americano a imigração judaica foi maior e mais intensa e com forte presença nos assentamentos agrícolas da JCA (*Jewish Colonization Association*) no interior do país. Isso se pode explicar pela política migratória argentina na década de 1920, que praticamente forçava os judeus vindos da Europa Oriental a se dirigirem para o interior<sup>4</sup>.

No Brasil, surgiram assentamentos agrícolas da JCA nos primeiros anos do século XX, mas a política migratória brasileira desencorajava a ida de imigrantes da Europa Oriental para o campo, como vemos a seguir no relato anual da secretaria da Agricultura, Comércio e obras públicas do Estado de São Paulo:

A crise determinada aos serviços immigratórios do Estado (São Paulo) pela estagnação, na Hospedaria de Immigrantes, de algumas levas de bessarábios da Rumania, introduzidos sem o conveniente esclarecimento das condições de vida e de trabalho, offerecidos pela lavoura de café e, também, chegados em ocasião imprópria para a sua rápida e perfeita collocação, foi, feliz e satisfactoriamente, resolvida, sem que da respectiva solução tenha advindo motivo para posteriores contrariedades. Medidas foram estudadas e postas em prática, de modo a que de futuro seja fixado razoavelmente o número de immigrants a ser introduzidos nas épocas propícias à sua collocação (...) selecção das procedências e melhor composição das famílias destinadas à colonização das fazendas de café<sup>5</sup>

A JCA era uma instituição judaica europeia criada em 1891 por financiamento do Barão de Hirsch e outros filantropos da comunidade judaica europeia que incentivava a emigração de judeus da Europa Oriental para assentamentos agrícolas no continente americano. Dentre os assentamentos, se destacaram os argentinos na província de Santa Fé, Buenos Aires e posteriormente Entre Ríos. Tanto os assentamentos argentinos e brasileiros sofreram com a limitação dos recursos, a falta de conhecimento por parte dos colonos em técnicas agrícolas e pela distância dos centros urbanos e conforme o tempo foram perdendo contingente para os centros urbanos próximos até que deixaram de existir.

A emigração judaica remonta a 70 d.C, produzindo a dispersão de judeus pelo espaço geográfico e construção de múltiplas comunidades. Hodiernamente, o mapa da diáspora estende-

---

<sup>4</sup> AVNI, Haim, **História de la inmigracion judaica en la argentina (1810-1950)**, Editorial Universitária Magnes, Universidade Hebrea de Jerusalém, Argentina, 1983.

<sup>5</sup> Relatório apresentado ao *dr.* Carlos de Campos, Presidente do Estado, pelo *dr.* Gabriel Ribeiro dos Santos, Secretário da Agricultura, Commercio e obras públicas, anno de 1926, São Paulo.

se do Cazaquistão aos Estados Unidos, da Suécia à África do Sul. Nos séculos XIX e XX, cerca de 70% da população judaica da Europa e Oriente Médio emigrou para a América. Foram os Estados Unidos, seguidos pela Argentina, quem mais absorveu estes imigrantes.

Quanto ao Brasil, se tem notícia de imigrantes judeus já no século XIX, judeus marroquinos atraídos pelo surto da borracha no Amazonas. A partir de 1870, conhecem-se (nachman Falbel) algumas lojas em São Paulo de propriedades de judeus alsacianos que fugiram da guerra franco-prussiana. Mas a grande maioria dos judeus que se destinaram ao Brasil veio no século XX, nas décadas de 10, 20 e 30, quando nos Estados Unidos passou a vigorar o *National Origins Act* (1924) e a Argentina passou a adotar critérios de “seleção” mais rígidos.

Segundo René Decol<sup>6</sup>, entre 1900 e 1950, imigraram para o Brasil 71.280 judeus, 76% do total da imigração judaica no país. Em comparação com os números da imigração geral no mesmo período, 2.731.360, a imigração judaica representa cerca de 3% do total, mas, quando se examina década por década, nota-se um crescimento da imigração do grupo judeu em relação aos demais: 1900 a 1909, geral 622.407, judaica 5.000 (1%); 1910 a 1919, geral 815.453, judaica 5.000 (0,6%); 1920 a 1929, geral 846.647, judaica 30.316 (3,5%); 1930 a 1939, geral 332.768, judaica 22.452 (6,7%); 1940 a 1949, geral 114.085, judaica 8.512 (7%).

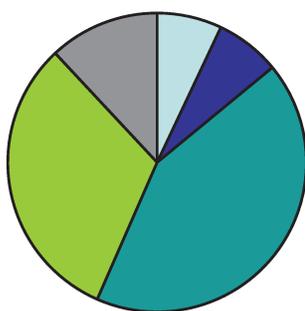
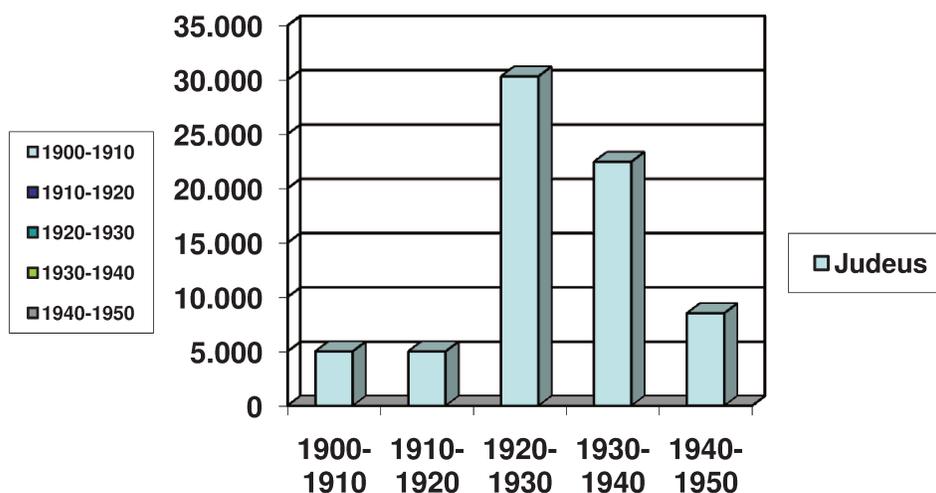


Gráfico Comparativo da Imigração judaica por década.



<sup>6</sup> DECOL, René, **Judeus brasileiros: um panorama demográfico**, in Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

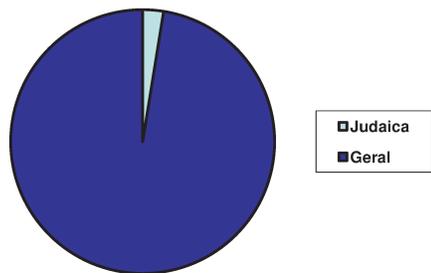
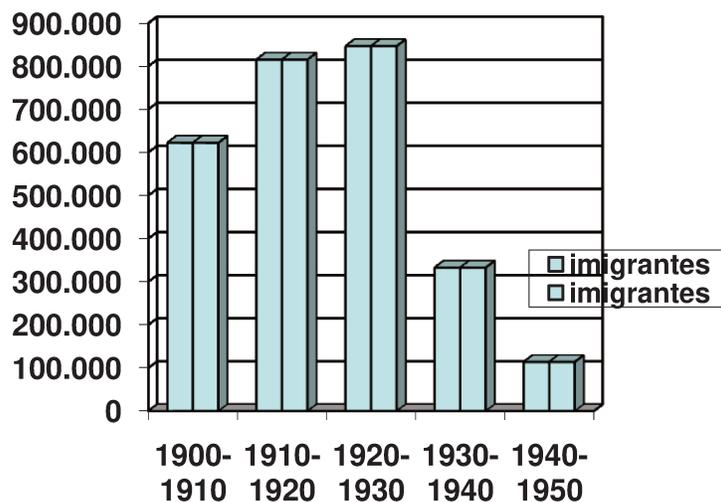
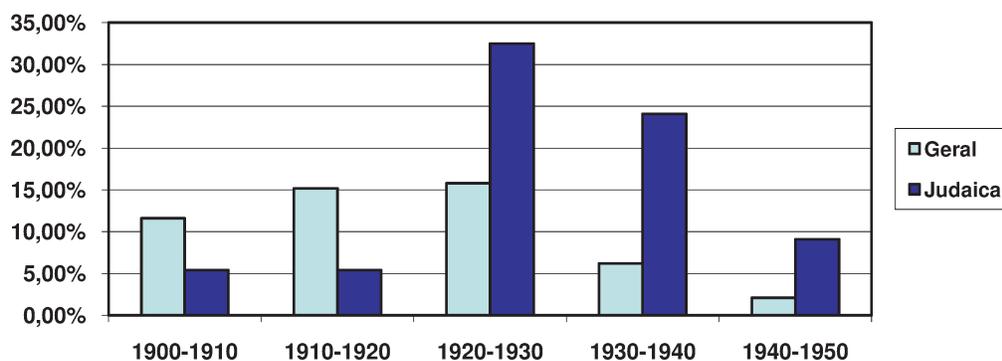


Gráfico Comparativo entre a Imigração judaica e a geral



Mas, como se pode deprender das informações obtidas acima, a imigração judaica no Brasil faz-se tardiamente, quando o deslocamento populacional para o Brasil já está em declínio. Veja-se o gráfico abaixo:



Assim como na imigração geral, os dados sobre a imigração judaica para o Brasil também são inexatos. Segundo Lesser<sup>7</sup>, o *The American Jewish Year Book* contabilizou que a população judaica no Brasil era de 6.000 em 1920 e subiu para aproximadamente 30.000 em 1930. A maioria dos imigrantes judeus, nessa época, provinha da Europa Oriental e do Oriente Médio.

Apesar da origem distinta, os motivos da dispersão desses grupos coincidem. A opressão econômica e política recaía sobre ambos. Os asquenazitas (Europa Oriental), apesar da emancipação no século XIX, sofriam constantes ataques antisemitas, principalmente os que habitavam a região do antigo Império Russo. Quanto aos sefarditas e orientais que viviam no Império Turco, a partir de 1914 passaram a ser obrigados ao alistamento militar, além disso, a

<sup>7</sup> LESSER, Jeffrey, *Continuity and Change Within an Immigrant Community: The Jews of São Paulo, 1924-1945*, Luso-Brazilian Review, 1988, pp.45-58.

situação econômica, social e política da Turquia vinha se deteriorado muito desde o início do século. Porém, embora tenham saído de seus países de origem devido ao antissemitismo, às perseguições e à precária situação social e econômica, não se pode retirar dos imigrantes uma postura ativa de escolher emigrar, e na medida do possível, optar por seu destino.

Foi graças à imigração contínua desses três grupos que surgiram, na década de 10, as duas primeiras instituições de beneficência da comunidade em São Paulo: A Sociedade de Beneficência das Damas Israelitas, fundada em 1915 e a Sociedade Israelita Amigo dos Pobres, denominada de Ezra, fundada em 1916. O estabelecimento dessas instituições assistenciais judaicas evidencia uma imigração contínua e, ao mesmo tempo, engendra os primórdios da formação de uma vida judaica institucionalizada, que foi aprimorando-se ao longo da década de 1920.

Na década de 1930, surge um “novo tipo” de imigrante judeu: o refugiado. Sua emigração é estimulada pela ascensão do nacional socialismo, a partir de 1933, e pela publicação de leis antissemitas, em 1935, na Alemanha; bem como pelo advento de leis raciais na Itália fascista, em 1938.

Até 1938 não houve iniciativa formal, por parte do Estado alemão, de agredir fisicamente os judeus. A primeira agressão foi de teor econômico, configurando-se por meio de boicotes a lojas, advogados e médicos de origem judaica. Depois, veio a expulsão de cargos públicos e a queima de livros de autores israelitas em frente às praças de universidade. Em 1935, promulgaram-se as leis raciais de Nuremberg, relegando aos judeus uma cidadania de segunda classe no interior do Reich. Somente em 1938, precisamente nos dias oito e nove de Novembro, houve o *Kristallnacht* (noite dos cristais)<sup>8</sup> com incentivo do Estado Nazista e pronunciamento do ministro da propaganda Joseph Goebbels.

A população judaica da Alemanha, em 1933, contava cerca de 500.000 pessoas. Quase a metade desse contingente emigrou durante a década de 30. Dentre os judeus que rumaram para o

---

<sup>8</sup> Dia 7 de Novembro, Herschel Grynzpan, jovem judeu de 17 anos, assassina Ernest vom Rath, membro da embaixada alemã em Paris. Como consequência disto. Na noite 9 e 10 de Novembro se produz na Alemanha a noite dos cristais (*Kristallnacht*). Os ataques se iniciaram na noite do dia 9 e continuarão todo o dia seguinte, baseados em instruções precisas. A notícia da morte de vom Rath chegou a Goebbels no dia 9 as 20h30 horas. Goebbels se encontrava em Munique, em uma reunião para comemorar o Putsch de 1923. Depois de receber a notícia e conversar brevemente com Hitler, pronunciou um discurso informando que se levaria a cabo ações violentas contra os judeus

Brasil, aproximadamente 5.000 se fixaram em São Paulo<sup>9</sup>. Os judeus oriundos da Itália, saídos principalmente após as restrições raciais de 1938, também se fixaram, em sua maior parte, na cidade de São Paulo, perto dos judeus alemães.

Em virtude do conflito armado, durante a Segunda Guerra o deslocamento populacional interrompeu-se; mas, findo o confronto, reabriram-se as portas da imigração.

Esperava-se, então, uma grande leva de imigrantes judeus para a América; tanto que as sociedades beneficentes paulistas resolveram unir forças possibilitando o nascimento da FISESP (Federação Israelita do Estado de São Paulo), em 1946. Dada a iminência da criação do Estado de Israel, porém, muitos dos deslocados que viviam em campos de refugiados preferiram emigrar para uma Palestina sob mandato britânico a atravessar o atlântico. Apesar de a imigração não ter sido tão intensa quanto se esperava, a ação conjunta da comunidade resultou no fortalecimento da beneficência local.

## **Beneficência**

As instituições de beneficência tiveram grande impacto na imigração do grupo aqui estudado.

Segundo o historiador Boris Fausto, a historiografia brasileira não dá relevância ao estudo das instituições de beneficência; privilegia a investigação sobre a classe operária e sua organização, o sindicato. Independentemente disto, o quadro vem mudando ao longo do tempo, desde a década de 1990 temos trabalhos como o de Roney Cytrynowicz, Luigi Biondi e Tânia Regina de Luca, que se dedicam ao estudo de instituições assistenciais judaicas ou de outros grupos.

De acordo com Tânia de Luca<sup>10</sup>, as sociedades de socorro mútuo tornaram-se objeto de ação estatal em 1860, regulamentadas na lei nº1.083 de 22/08/1860: as associações de socorro mútuo passavam a depender do parecer do imperador e dos presidentes de províncias. Apesar desta lei, poucas sociedades de socorro mútuo foram criadas no período. Em 1893, o decreto

---

<sup>9</sup> KLEINER, Alberto, **Inmigración judia a Brasil**, Instituto Hebreo de Ciências, Buenos Aires, 1943

<sup>10</sup> DE LUCA, Tânia Regina, **O sonho do futuro assegurado**, Contexto, São Paulo, 1990.

nº173 (vigente até 1935) reconhece as sociedades de auxílio mútuo de personalidade jurídica mediante o seu registro e de seu estatuto e a publicação de pelo menos parte deles no Diário Oficial do Estado. O decreto de 1893 foi criado numa época em que essas entidades cresciam em número e importância devido ao aumento da população da cidade de São Paulo proporcionado pela imigração em massa.

Segundo Iamamoto & Carvalho<sup>11</sup>, a ação social surge nessas entidades durante a década de 1910, com a emergência do proletariado. A exploração e a miséria fizeram com que o serviço social passasse a ocupar a lacuna deixada pelo Estado, ausente na sustentação deste proletariado. Entretanto, esse serviço cristaliza-se como um dos mecanismos utilizado pelas classes dominantes para exercer seu poder na sociedade e só pode afirmar-se como prática institucionalizada e legitimada ao responder às necessidades sociais derivadas da prática histórica das classes sociais na produção e reprodução dos meios de vida e de trabalho de forma socialmente determinada.

Luca afirma que as associações ligadas a algum grupo imigrante constituíam o mundo da convivência íntima, onde se falava a língua materna, e este se opunha ao espaço público, que demandava o aprendizado do português, para o exercício do trabalho. Segundo a socióloga Helena Lewin<sup>12</sup>, as instituições de beneficência judaica criaram seu *landsmanschaft* como células de convivência e sociabilidade entre aqueles que provinham da mesma localidade. Eram mais que beneficentes, eram também instituições da memória, que os associados desejavam conservar como parte de sua identidade judaica. O contato social entre pares possibilitava promover coletivamente a catarse da saudade e manter os vínculos simbólicos com as raízes, que, embora longínquas, continuavam fornecendo, nos primeiros tempos, o referencial de vida judaica.

Creio que além de representar a terra de origem e manter o vínculo entre os membros do grupo, as instituições tiveram o papel de controle e manutenção do status do grupo perante a sociedade maior. Evitar que seus membros caíssem na indigência e assim arranhar a imagem do grupo, assim como evitar que membros não desejáveis mantivessem convívio nessa sociedade e

---

<sup>11</sup> IAMAMOTO, Maria Vilela; CARVALHO, Raul de, **Relações sociais e serviço social no Brasil**, Cortez, São Paulo, 2001

<sup>12</sup> LEWIN, Helena, **DOPS: o instrumento da repressão política**, in Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

também em suas festas promover casamentos inter étnicos. No caso judaico as instituições paulistanas exerceram fortemente esse papel.

Uma diferença entre as associações judaicas e as dos demais grupos imigrantes é a participação feminina nas entidades. Luigi Biondi<sup>13</sup>, ao analisar a *Società Italiana di Beneficenza di São Paulo* (SIB), afirma que no estatuto desta instituição, artigo 40, declarava que as mulheres de maior idade poderiam ser eleitas para a diretoria; mas, após uma leitura completa das atas de diretoria ao longo do período verifica-se que isso não se realizou. Contrariamente, no grupo judaico as mulheres participam ativamente da fundação de algumas instituições, o que só encontra alguma semelhança na colônia sírio-libanesa.

Outra peculiaridade das instituições judaicas é o respaldo internacional. A maioria das entidades de beneficência judaica no Brasil era ligada a alguma entidade internacional na Europa ou nos Estados Unidos, formando uma rede muito organizada de assistência ao imigrante. Geralmente as entidades judaicas brasileiras recebiam donativos das entidades internacionais como a HIAS, *JOINT*, JCA e, em troca, auxiliavam na recepção do imigrante no Brasil, proporcionando transporte desde Santos para São Paulo e, eventualmente, para outras cidades; bem como oferecendo ajuda financeira, para custear o início de uma atividade comercial.

Além de auxiliar na implantação e beneficência do grupo imigrante em São Paulo e no Brasil, as instituições foram importantes para a formação de uma identidade judaica na capital paulistana.

### **Formação da Identidade**

Antes de entrar propriamente na discussão sobre a construção da identidade do grupo judeu, há que se fazer um pequeno resgate sobre a imigração desse grupo para o Brasil e seu papel no processo imigratório. Como bem observou Lesser<sup>14</sup>, o projeto imigratório para o Brasil foi sempre cercado de elementos raciais, entre eles e principalmente o branqueamento da raça brasileira. Mas ao ler a obra, ficam as questões: o que era ser branco para o governo brasileiro? O

---

<sup>13</sup> BIONDI, Luigi, **Entre associações étnicas e de classes: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)**, Tese de Doutorado, Unicamp, Campinas- São Paulo, 2002.

<sup>14</sup> LESSER, Jeffrey, **A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**, tradução: Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbre, Unesp São Paulo, 2001.

que fez sírio-libaneses serem reclassificados, de imigrantes não brancos, para brancos? Por que no auge da imigração em fins do século XIX e início do XX o governo brasileiro recusou a vinda de chineses, mas aceitou a de japoneses? Lesser em seu livro dá algumas luzes sobre a questão.

Durante a leitura, nota-se que para o governo brasileiro ser branco equivale a ter costumes ocidentais: os sírio-libaneses aos poucos mudaram seus costumes e se adaptaram ao modo ocidental, os japoneses já tinham contato com o ocidente, então já estavam acostumados com o modo ocidental de viver, ao contrário dos chineses. Quando o emissário do governo de Pequim veio ao Brasil e se vestiu de modo tradicional chinês (não ocidental) causou má impressão nos fazendeiros, impossibilitando a imigração de chineses. Creio que para os cafeicultores não importava a cor da pele de seus empregados, desde que fossem ocidentalizados, e me arrisco a dizer que essa procura por uma ocidentalização do Brasil fez os fazendeiros recusarem a mão-de-obra negra livre por associarem a imagem do negro à África, um lugar hostil não civilizado, não ocidentalizado.

A presença de judeus no Brasil remonta a tempos coloniais com a fuga de criptojudeus e cristãos novos do Tribunal do Santo Ofício instalado na Europa. A imigração em massa, porém, só se inicia no século XIX, com o *boom* da borracha no Amazonas. O aumento da procura pelo produto amazonense fez com que alguns milhares de judeus, marroquinos em sua maioria, imigrassem para o norte brasileiro. Muitos destes se tornaram pequenos comerciantes no interior do Pará e Amazonas, que, conforme iam enriquecendo, se mudavam para as capitais dos respectivos Estados.

Entre o final do século XIX e meados do XX, forma-se o maior fluxo de imigração de judeus para o Brasil. Calcula-se que entre 1900 e 1950 tenham entrado em solo brasileiro cerca de 71.280 judeus<sup>15</sup>. A maioria desse contingente era originária de territórios do leste europeu e se fixou nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro. Esse aumento do fluxo judaico para o Brasil coincide com a piora de vida dos judeus em seus Estados natais (o aumento dos *pogroms* no Império Russo, a Revolução Russa, o esfacelamento do Império Austro-Húngaro e do Império Otomano, a obrigação de jovens de outras etnias integrarem o exército turco), o aumento a restrição de entrada de imigrantes nos EUA e Argentina, o recrudescimento do antissemitismo

---

<sup>15</sup> DECOL, René, **Judeus brasileiros: um panorama demográfico**, In Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

em países como Alemanha, Polônia e Romênia, onde viviam cerca de 4,5 milhões de judeus, o Holocausto judeu e a perseguição nos países árabes anti-Israel.

Em 1920, a população judaica em São Paulo não passava de alguns milhares de pessoas; em 1940, já era de 20.379, e, em 1950, alcançou 26.443, fazendo de São Paulo o segundo maior centro judaico do Brasil, atrás apenas do Rio de Janeiro, com 27.431<sup>16</sup>. A maior parte dos judeus que imigraram para o Brasil no século XX era europeia (asquenazitas e ocidentais), mas havia grande parcela de sefarditas que também imigrou nesse período e também se estabeleceu nos dois maiores centros urbanos brasileiros<sup>17</sup>.

Em São Paulo os judeus asquenazitas, ocidentais<sup>18</sup>, sefarditas e orientais (*mizrahim*)<sup>19</sup> ocuparam bairros distintos e, até 1950, compunham vidas comunitárias também distintas. Os asquenazitas ocuparam o Bom Retiro; os ocidentais instalaram-se, em grande parte, nos bairros de Higienópolis e Jardins; os sefarditas na região da Bela Vista e os orientais na Mooca. O fato de morarem em bairros distintos da capital demonstra que esses grupos tiveram experiências distintas de imigração.

Apesar dos *pogroms* e da restrição de moradia que os judeus viviam no Império Russo, na Polônia e Romênia, a maioria dos asquenazitas tinha a escolha de ficar ou mesmo de emigrar para a Europa Ocidental, América ou Palestina, no caso dos sionistas. A maioria ocupava profissões que requeriam pouca ou nenhuma instrução educacional, como alfaiates, sapateiros, marceneiros e padeiros. Nesse grupo de imigrantes, dificilmente havia quem possuísse alguma instrução ou fizesse parte de uma camada social mais elevada, pois os asquenazitas sofriam restrições do governo russo para residência (*Palle of Settlement*) e não podiam circular livremente dentro do Império. O mesmo ocorria com alguns sefarditas e *mizrahim* que viviam sob a tutela do Império Otomano e passavam por suas agruras.

Os asquenazitas que para cá imigraram, principalmente no início do século XX, por terem profissões com baixa remuneração, foram morar no bairro imigrante do Bom Retiro e organizaram suas sinagogas, instituições recreacionais e de beneficência. Feita a análise dos

---

<sup>16</sup> SANSON, Daniel, **Características socioeconômicas da população judaica do Rio de Janeiro**, In Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

<sup>17</sup> Para maiores informações ler: MIZRAHI, Rachel, **Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro**, Ateliê, São Paulo, 2003.

<sup>18</sup> Denominei de ocidentais judeus da Europa ocidental, por serem mais assimilados a sociedade de origem, ao contrário dos ashkenazitas.

<sup>19</sup> Judeus do Oriente Médio que falam o árabe ou arbya (mistura de árabe com termos hebraico).

documentos de uma dessas instituições de beneficência, resta que 40% dos assistidos por ela montaram pequenos comércios como sapataria, alfaiataria, marcenaria, entre outros; 20% foram trabalhar na indústria como operários e 10% aventuraram-se como mascates. Os sefarditas e *mizrahim* que imigraram na mesma época e faziam parte da mesma classe social, ocuparam Santa Cecília, no caso dos primeiros, e Mooca, no caso dos segundos. Por terem maior relacionamento com os sírio-libaneses, adentraram, em grande parcela, no ramo da mascateação.

Já os judeus ocidentais aportados na década de 1930 e os *mizrahim*/sefarditas que chegaram durante as décadas de 1940 e 1950 tinham um perfil diferente daqueles que imigraram no início do século XX. Primeiramente, a maioria deles não teve “escolha”, ao contrário de seus predecessores. Imigraram às pressas, pois sofriam sérias ameaças à vida, dadas as políticas oficiais governamentais de perseguição. Eram profissionais liberais em seus países de origem, por isso ocuparam uma classe social mais alta do que aquela ocupada pelos primeiros judeus<sup>20</sup>. Chegando ao Brasil, dirigiram-se imediatamente aos bairros mais abastados de São Paulo e lá formaram suas sinagogas.

No início, a relação entre esses judeus de várias procedências na cidade de São Paulo eram mínimas, havendo conflitos no âmbito religioso, linguístico e político interno e externo. As diferenças eram tamanhas a ponto de um grupo “negar” a existência do outro, como bem demonstra um de meus entrevistados, filho de judeus asquenazitas:

Como eu disse, a minha origem é de judeus asquenazitas, originários da Rússia, a minha infância até os 20 e poucos anos eu morei no Bom Retiro, o bairro onde moravam a maioria dos judeus da época e eu não tinha contatos com a comunidade sefardita, tinha contato com alguns judeus sefarditas, mas não com a comunidade. Quando eu era jovem, judeu era quem morava no Bom Retiro, que eram todos judeus asquenazitas... Eu lembro de uma tia que achava que judeu diferente dela, era um judeu de outra categoria, o que na realidade não é.<sup>21</sup>

Raquel Mizrahi cita em seu livro casos de famílias *mizrahim* que cortaram relações com parentes que se tinham casado com pessoas de origem asquenazita. Ela também cita que os judeus *mizrahim* e sefarditas chamavam os asquenazitas de “gringos” e estes replicavam chamando aqueles de “turcos”, pelo fato de a maioria vir do Império Otomano. Mas não foi

---

<sup>20</sup> No caso dos judeus ocidentais ler: LEVIN, Elena, **História de una Emigración(1933-1939) Alemanes judios en la Argentina**, Buenos Aires, 1991. E no caso dos Sefarditas e Mizrahim ler: MIZRAHI, Rachel, **Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro**, Ateliê, São Paulo, 2003.

<sup>21</sup> Entrevista realizada por Márcio Mendes da Luz em 09/05/2007 em São Paulo-SP.

apenas com os *mizrahim* que os asquenazitas entraram em conflito, também se indispuseram com os ocidentais, aos quais acusavam de serem assimilados e não professarem o verdadeiro judaísmo. O mesmo entrevistado dá boa dimensão disso:

Como falei, meus pais eram originários da Rússia e existia uma comunidade de judeus alemães, que eram na maioria deles judeus mais assimilados, judeus não tão ortodoxos como a comunidade no Bom Retiro. A gente não se dava, mas eu casei com uma moça daquela comunidade e passei a frequentar e frequente até hoje a comunidade cuja origem é de judeus alemães, a CIP.<sup>22</sup>

Mizrahi, no mesmo livro<sup>23</sup>, afirma que a relação entre sefarditas, *mizrahim* e ocidentais eram boas, sem conflitos, tanto que antes de construírem seu templo os ocidentais ocupavam a sinagoga sefardita da Abolição para realizar seus trabalhos. Outro entrevistado, sefardita, explicita bem essa relação:

[...] Nossa vida, na nossa família, foi muito aberta, ela não seguiu uma conduta reta, ela tentou enxergar tudo em volta. Os meus filhos, depois de uma certa idade, eles entraram na casa da juventude que era dirigida por alemães que era a CIP, do rabino Sobel. Os religiosos asquenazim não o aceitam muito como rabino.<sup>24</sup>

Havia também o conflito linguístico, Mizrahi reporta várias vezes em seu livro que havia judeus asquenazitas que achavam que o ídiche era a língua “oficial” do judeu: “Como Ettore pode ser judeu? Nem ídiche ele fala!”. Ela também reporta que a primeira tentativa de se criar uma organização central judaica em São Paulo falhou por causa da recusa dos judeus asquenazitas em falar o ídiche, forçando os judeus sefarditas e *mizrahim* a criarem seus próprios clubes e entidades: Clube Monte Sinai e Centro Israelita Brasileiro Amadeu Toledano (CIBAT).

Para além dos conflitos no âmbito religioso, havia também o conflito político entre os grupos. Jeffrey Lesser<sup>25</sup> e Alice Irene Hirschberg<sup>26</sup> demonstram bem em seus trabalhos a disputa entre a CIP, representante dos ocidentais, e o Centro Hebreu Brasileiro (CHB), representante dos

---

<sup>22</sup> Entrevista realizada por Márcio Mendes da Luz em 09/05/2007 em São Paulo-SP

<sup>23</sup> MIZRAHI, Rachel, op.cit

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> LESSER, Jeffrey, **Continuity and Change Whithin an Immigrant Comunity: The Jews of São Paulo, 1924-1945**, Luso-Brazilian Review, 1988, pp.45-58.

<sup>26</sup> HIRSCHBERG, Alice Irene, **Desafio e Resposta: A história da Congregação Israelita Paulista desde sua fundação**, CIP, São Paulo, 1976

judeus asquenazitas. As duas entidades lutavam pelo direito de ser representantes do *Joint*<sup>27</sup>. Aquela que conseguisse a representação e a quantia de dinheiro em jogo, conseguiria fatalmente ser a liderança da comunidade judaica em São Paulo e uma das mais proeminentes no Brasil. Outra briga política, mas no âmbito externo, era a questão do sionismo. Lesser demonstra em seu artigo que a CIP tinha, no geral, uma postura antissionista, para não cair em conflito com o governo brasileiro. Já o CHB era uma entidade pró-sionista e acusava os ocidentais de não serem verdadeiros judeus por não apoiarem a causa do Estado de Israel. O resultado das duas disputas foi que a CIP, apesar de ganhar o direito de representar o *Joint* no Brasil, não conseguiu lograr o intento de ser a organização central da comunidade judaica paulistana. Essa posição foi ocupada pelo CHB, ao liderar a criação da FISESP (Federação Israelita do Estado de São Paulo).

À primeira vista, pode parecer que a rivalidade entre asquenazitas e judeus de outras origens se deve às diferenças religiosas, linguísticas e políticas, mas, analisando o processo de imigração dos quatro grupos, nota-se que é, fundamentalmente, uma reação à entrada dos novos imigrantes. Como foram os primeiros a imigrar, os asquenazitas formaram as primeiras instituições e, em virtude disso, requisitaram o espaço de liderança da comunidade judaica em São Paulo. Além do mais, constituem a maioria dos judeus paulistanos.

Recenseamento da comunidade judaica realizado em 1980 revelou que, dos 91.795 judeus em solo brasileiro, 28.892 nasceram fora do Brasil. Desses, 12.751 vieram de países do leste europeu, contra 4.156 oriundos da Europa Central, 3.159 saídos no Oriente Médio (Egito e Líbano), 1.835 nascidos em Israel, e 1.459 na Argentina<sup>28</sup>.

Os asquenazitas estabelecidos em São Paulo viram a imigração de judeus da Alemanha e do Oriente Médio como uma ameaça a sua liderança na comunidade, eis a razão de inferiorizarem quem não fala o ídiche, repugnarem e chamarem de *Jekke* os alemães assimilados, disputarem com eles pelo direito de representar o *Joint* e se arrogarem legítimos representantes políticos dos judeus no Brasil.

Os motivos desse conflito são o começo da resposta à questão desta pesquisa: como o ídiche se tornou a língua símbolo da comunidade judaica no Brasil? Os fatos que expus nas linhas acima podem sedimentar uma base para a resposta, mas não esclarecem por si sós de que modo o

---

<sup>27</sup> *Joint* Distribution Comitee, entidade americana responsável pela imigração de judeus da Europa e sua instalação em países da América, havia representantes do *Joint* nos principais países latino-americanos.

<sup>28</sup> DECOL, René, op.cit.

ídiche consegue perpetuar-se até hoje como língua símbolo, quase sagrada para os judeus, em detrimento do ladino ou mesmo do hebraico. Esse fato ocorre não apenas no Brasil, mas também nos EUA, como expõe Harold Bloom<sup>29</sup>.

O ídiche surgiu na Europa Central por volta do século X, com a chegada de judeus que se integraram à sociedade local. O idioma é uma mistura do alemão medieval, que forma a base fonética, com dialetos modernos eslavos como o polonês, ucraniano e russo, acrescido de alguns termos em hebraico e escrito com caracteres semitas.

Até o século XV denominava-se Loez, não ídiche. No século XVI alcançou a expansão máxima, com falantes dos Países Baixos à Rússia, da Itália à Polônia. Contudo, o advento do iluminismo no ocidente e o avanço da modernidade levaram os judeus emancipados da Europa Ocidental a adotar a língua da sociedade maior como seu idioma, preterindo o uso do ídiche<sup>30</sup>.

Somente no século XVIII se definiram os três principais dialetos ídiche, que perduram até os dias atuais: o Central, falado na Polônia; o Setentrional, falado na Lituânia e Bielorrússia; e o Meridional, falado na Ucrânia. Atualmente o idioma é cultivado em comunidades judaicas da Alemanha, Argentina, EUA, Bélgica, França, Israel, Lituânia, Rússia, Brasil, Ucrânia e Canadá. Calcula-se que perto de três milhões de pessoas o falem, considerando uma população mundial de aproximadamente 15 milhões de judeus, é uma quantia significativa<sup>31</sup>.

O que intriga no ídiche é o fato de só ter-se alçado ao status de língua símbolo no continente americano; na Europa e em Israel ele não tem esse prestígio. Em Israel, mesmo a língua russa tem mais falantes que o ídiche. Um fato que vai ao encontro do que ora se afirma é a querela das línguas ocorrida na Universidade de Haifa, no início do século XX. Discutia-se, então, se a língua oficial da instituição seria o alemão ou o recém-criado hebraico moderno. O ídiche sequer entrou na pauta.

Harold Bloom admirou-se de o ladino, sendo mais antigo em relação espanhol arcaico do que é o ídiche em relação ao alemão medieval, não ter alcançado a mesma notabilidade na cultura judaica. Impressionou-o, ainda mais, a dedicação ao ídiche de Max Weinreich, um linguista judeu

---

<sup>29</sup> BLOOM, Harold, **The Glories of Yiddish: History of Yidish Language**, YIVO Institute for Jewish Research, Yale University Press, Volume 55.

<sup>30</sup> HARSHAV, Benjamin, **O significado do Yidish**, Perspectiva, São Paulo, 1994

<sup>31</sup> Idem.

alemão que não aprendeu ídiche na infância, mas o estudou em âmbito acadêmico e sobre ele produziu inúmeros escritos.

Uma das hipóteses para isso é o fato de o ídiche ser a língua de judeus de classe social menos favorecida e de camponeses da Europa Oriental. Dois argumentos corroboram essa possibilidade: um é a composição majoritária dos falantes dessa língua que imigraram para a América: profissionais menos qualificados; outro é a entrevista de uma senhora de família rica da Bessarábia, cujo seguinte trecho dá suporte à referida hipótese:

[...] Eu nasci na Rússia, na cidade de Kishiniev, Bessarábia. [...] Meu pai era comerciante, ele fornecia carne para o governo russo. Quando mamãe casou, ela foi morar em Kiev, é uma grande cidade da Ucrânia... Em casa falávamos o russo. Ídiche eu não sabia, aprendi a falar aqui no Brasil. Na Rússia quando eu era menina...eu fiz o curso ginásial em russo.<sup>32</sup>

A comunidade asquenazita, por ser maior e mais antiga, fez com que suas lideranças locais tentassem impor o ídiche como “língua oficial”, para, assim, aumentar sua influência na comunidade judaica como todo. Essa empreitada rendeu algumas obras literárias e, até mesmo, a criação de uma imprensa ídiche no Brasil, diferentemente do que ocorreria com o ladino. É admirável que o ídiche tenha conseguido se fortalecer ao mesmo tempo em que o hebraico moderno renascia em Israel e o sionismo ganhava forças no continente americano. Termos como *ídiche momy* e *oy vaavoy* perpetuaram-se entre a população e até adquiriram tom afetivo, o que também se nota quanto às músicas cantadas em casamentos como *Tumbalalaika*. É intrigante ver pessoas com menos de 40, 50 anos se interessarem por ídiche. Nos EUA e Brasil, grupos Hassídicos<sup>33</sup> ortodoxo originários da Europa Oriental costumam manter o ídiche como língua intracomunitária.

Uma das explicações desse fortalecimento pode vir da seguinte afirmação de Bloom: “A manutenção do ídiche foi uma resposta ao holocausto”. Há todo sentido, pois no holocausto judeu (em hebraico, *Shoa*) pereceram, principalmente, judeus da Europa Oriental. A Polônia, na virada dos anos 1930 para os 1940, tinha a maior comunidade judaica do mundo, cerca de 3.000.000 de

---

<sup>32</sup> **Passagem para América: relatos da imigração judaica em São Paulo**, Org. BECKER, Gaby & FREIDENSON, Marília, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 2003.

<sup>33</sup> Vem do termo Hassidim (piedosos) surgiu nos séculos XVIII com o rabino Baal Shem Tov, o hassidismo também é conhecido como o iluminismo judaico.

peessoas, a maioria vivendo em pequenos vilarejos denominados de *Shtetl*<sup>34</sup>. Mais de 90% desse contingente veio a perecer nos campos de Treblinka e Auschwitz, bem como todos os campos de extermínio ficavam na Europa Oriental. Em *Eichmann em Jerusalém*, de Hannah Arendt<sup>35</sup>, destaca-se a sistematização com que o governo nazista trabalhou para deportar e eliminar judeus. A Hungria teve aproximadamente 500.000 pessoas, quase a totalidade de sua população judaica, transportada para os campos de Auschwitz/Sobibor em menos de três meses.

A maioria dos imigrantes judeus da América provinha do leste europeu. Quase todos eles, para não dizer todos, enfrentaram agruras para escapar da Europa e dos campos de concentração, e, ainda assim, tiveram algum parente aprisionado ou morto. O holocausto tornou-se um trauma coletivo na comunidade judaica, principalmente entre seus membros mais idosos, que ainda se lembravam do *Shtetl* onde viviam.

Como forma de preencher o espaço deixado pelo trauma de ter a vida apagada, renascem, nas décadas de 40 e 50, a prosa e a poesia judaicas de Sholem Aleichem, Mendele Mocher Sforim, I. L. Peretz, Sholem Asch, I. B. Singer, David Bergelson, Chaim Grade, entre outros.

No Brasil, em 1947, Jacó Guinsburg, judeu asquenazita nascido na Bessarábia, editou e publicou quatro títulos de contos judaicos asquenazitas: *Antologia Judaica*; *Jóias do conto Iídiche*; *A mãe*, de Sholem Asch, e *Contos*, de I. L. Peretz. Em 1955 ele relançaria *Jóias do Conto Iídiche* e *Contos*<sup>36</sup>. Também no Brasil, na década de 1940 e seguintes, surge uma série de escolas com nomes de poetas judeus do leste europeu: I. L. Peretz, Haim Nachman Bialik e Scholem Aleichem. Em todas elas ensinava-se cultura ídiche aos alunos.

Ao escrever sobre brasileiros que moram em Trinidad e Tobago, Maria Jandyra Cavalcanti Cunha<sup>37</sup> distingue a língua como elemento definidor da identidade de brasileiros residentes no pequeno Estado caribenho. Analisando entrevistas com três brasileiros que haviam fixado residência no país, oriundos de grupos sociais distintos, ela avaliou que a língua materna, no caso o português, tem pesos diferentes entre eles.

---

<sup>34</sup> A palavra vem do yidish e quer dizer vilarejo

<sup>35</sup> ARENDT, Hannah, **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**, tradução: José Rubens Siqueira, Cia das Letras, São Paulo, 1999

<sup>36</sup> WALDMAN, Berta, **Jacó Guinsburg: depoimento de uma vida em curso**, In Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

<sup>37</sup> CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti, **Língua e Identidade em vidas migrantes**, In Migração e Identidade: Olhares sobre o tema, Centauro, São Paulo, 2007.

É intrigante o caso de uma senhora de 62 anos, de origem libanesa, que se mudou para Trinidad ao se casar com um primo. Ela não aprendeu inglês (língua oficial), nem seus filhos aprenderam português (sua língua materna), mas todos aprenderam o árabe (língua franca entre ela e o marido). Quando chegou a Trinidad, a entrevistada foi incorporada à colônia sírio-libanesa local, que, apesar de pequena, é bastante ativa em suas instituições e clubes. A autora ficou impressionada pelo “isolamento” da entrevistada em relação à conjuntura do local onde vivia e Cunha responsabilizou por isso a realidade econômica da entrevistada, rica, que a isolava da realidade econômica da ilha caribenha.

Reconsiderando a narrativa dessa entrevistada, depreende-se que a causa de seu isolamento não foi apenas sua situação financeira privilegiada, mas também as características de sua imigração. Ao chegar a Trinidad para casar-se com um primo, a entrevistada já encontrou uma comunidade, trino-libanesa, muito organizada, e não se lhe impôs a necessidade de integrar-se à sociedade local, aprender o inglês, ou mesmo ensinar o português a seus filhos. Não havia uma comunidade brasileira organizada no local, e era o árabe a “língua franca” da comunidade trino-libanesa. Assim, para integrar essa comunidade, seus filhos aprenderam o árabe.

A comunidade asquenazita de São Paulo também tinha uma vida organizacional muito ativa desde a década de 10, com a fundação da Sinagoga *Knesset Ysrael* (1913), da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas (1915), da Sociedade Beneficente Amigo dos Pobres Ezra (1916). Aliás, a Ezra foi espinha dorsal da comunidade asquenazita até a década de 1950, quando surgiu a Hebraica. O exame das atas da Ezra e da Sociedade das Damas revela que estão escritas em português e não totalmente em ídiche, como se poderia esperar. Isso pode dever-se ao fato de seus diretores pertencerem a um grupo social mais abastado e não terem o ídiche como língua materna, ou pode, simplesmente, corresponder a uma exigência governamental.

Com a depoente do livro “Passagem para a América” ocorreu fenômeno semelhante ao que se observou quanto à entrevistada de Cunha: não sabia o ídiche, mas como nasceu na Rússia e o ídiche era a “língua oficial” da comunidade asquenazita em São Paulo, viu-se na obrigação de aprendê-lo para melhor se integrar à comunidade que a havia acolhido. A impossibilidade dos sefarditas, *mizrahim* e ocidentais aprenderem o ídiche e a intransigência dos asquenazitas, ao impor sua soberania, levou os grupos da comunidade a entrarem em conflito e construírem sua vida comunitária separadamente.

Então, propõe-se que o fato de a maior parte dos imigrantes judeus serem asquenazita, os primeiros a chegar e a estabelecer as bases comunitárias, fez com que esse grupo se visse como a liderança judaica paulistana e procurasse impor o ídiche como língua “oficial”, estimulando a construção de uma identidade judaica no Brasil e na América.

Como já se apontou, outro fator que interveio para o fortalecimento do ídiche no Brasil foi o holocausto judeu. Em repúdio ao alemão, falado pelos agentes do holocausto, o ídiche passou a língua oficial dos sobreviventes, fazendo renascer a poesia de Sholem Aleichem e I. L. Peretz; ganhou também um tom nostálgico e quase sagrado, como propõe o filme *Um violinista no Telhado*<sup>38</sup>, baseado em conto de Scholem Aleichem.

Esses fatores, intra e extracomunitário, ajudaram a fortalecer o ídiche ao longo do século XX, a ponto de levá-lo a integrar a grade curricular das escolas da comunidade, em detrimento do ladino, que praticamente extinguiu-se, aqui e nas comunidades judaicas ao redor do mundo.

Como se disse anteriormente, em referência à obra de Jeffrey Lesser<sup>39</sup>, o projeto imigracionista do governo brasileiro baseou-se em fatores raciais e também em quão “ocidentalizado” era determinado grupo. Em que medida o imigrante judeu se adequaria a esse projeto? Parece que os judeus foram construindo sua identidade conforme as oportunidades lhes foram oferecidas.

Os primeiros judeus asquenazitas, oriundos dos *shtetl* da Europa Oriental, que cultivavam a religião e tinham a sinagoga como centro de suas vidas, não corresponderam ao ideal de imigrante traçado pelo projeto brasileiro. Um fator que evidenciou a desvantagem dos judeus, perante imigrantes de outras origens, foi o fato de procurarem se estabelecer nas cidades, enquanto o governo brasileiro buscava “braços produtivos” para a lavoura.

Assim como os sírios, os judeus tiveram de se adaptar para conseguir serem vistos como imigrantes “brancos”, e o modo de obter isso foi tornarem-se produtivos aos olhos da sociedade brasileira. Os sírios conseguiram esse status associando sua imagem com a do mascate e criando o mito do “bandeirante do comércio”, que adentrava o interior levando o comércio para as fazendas de São Paulo e do Brasil. Certamente se inseriram em massa no comércio ambulante, mas não foram os pioneiros do comércio, antes houve portugueses e italianos.

---

<sup>38</sup> A Fiddler on the Roof – Um violinista no Telhado, EUA, 1971, Direção Norman Jewison.

<sup>39</sup> LESSER, Jeffrey, A negociação...op.cit.

Os judeus, inicialmente, também aderiram à imagem do mascate para mudar sua posição diante da sociedade, imagem que até mesmo no seio da comunidade judaica se perpetua, como mostra um de meus entrevistados:

O judeu quando chegava no Brasil ele não tinha uma profissão, então eles começaram a trabalhar como mascate. Eles davam o nome especial de cliente, *clienteltik*, ou seja: eles vinham batiam de porta em porta, viam o que as pessoas precisavam e trazia mercadoria para essa pessoa que ela precisava e a pessoa pagava aquilo à vista ou geralmente, na maioria dos casos, a prestações, abria uma caderneta com pagamentos mensais, acho que foi o início do crédito aqui no Brasil foi através desses judeus e sírios mascates.<sup>40</sup>

A questão do trabalho sempre foi valorizado na sociedade brasileira com muitas frases clichês nesse sentido: “Deus ajuda quem cedo madruga”, “O trabalho dignifica o homem”. Como não foram o imigrante desejado pelas autoridades brasileiras por não serem imigrantes, os judeus aderiram a imagem do comerciantes que trabalhavam arduamente andando de porta em porta vendendo produtos e que ajudaram no desenvolvimento comercial da cidade de São Paulo. Portanto vincular a imagem do judeu como um grupo trabalhador seria muito importante para facilitar a imigração do grupo. Muitas vezes emissários de instituições judaicas nacionais e internacionais se reuniam com autoridades governamentais brasileiras para melhorar a imagem do grupo como trabalhadores valorosos.

Até a década de 1930 a imagem do judeu como mascate foi fortemente difundida pela sociedade e incorporada pela comunidade, a partir das décadas de 1940 e 1950 com a vinda de novos imigrantes da Alemanha e Egito de uma classe média alta, a imagem dos judeus passa a ser vinculada ao desenvolvimento, ao industrialismo.

Nota-se que essa imagem era construída conforme a necessidade econômica. Até década de 1930 quando o Brasil era essencialmente agrário, a figura do mascate era essencial para levar produtos industrializado ao campo, ele fazia a ponte cidade-campo. Com o surto industrial iniciado na década de 1930 e amplificado nas décadas de 1940 e 1950 a figura do desenvolvimentista passa a ser apreciada e cobiçada. Portanto essencialmente, o imigrante judeu soube mudar sua imagem conforme o contexto econômico e social brasileiro mudava.

Como dito anteriormente, a análise dos dados fornecidos por uma instituição de beneficência da asquenazita mostra que apenas 10% de seus assistidos adentravam no comércio

---

<sup>40</sup> Entrevista realizada por Márcio Mendes da Luz em 09/05/2007 em São Paulo-SP

ambulante, contra 20% que ingressavam na indústria como operários e 40% que abriram pequenos negócios.

Mais do que ter uma identidade imposta pela sociedade maior, como afirmam Poutignat e Streiff-Fenart, vê-se que o processo de construção identitária de um grupo é via de mão dupla, pois o próprio grupo e, dependendo da situação, até mesmo o indivíduo, utiliza-se de fatores externos para construir sua identidade<sup>41</sup>. Os judeus e sírio-libaneses que imigraram mais ou menos concomitantemente utilizaram-se da mesma imagem para construir sua identidade e recorreram aos mesmos discursos.

Já os judeus que vieram após a década de 1930 tinham um perfil diferente dos primeiros imigrantes. Eram, na maioria, profissionais liberais da classe média alta em seus respectivos países e, para muitos, a identidade judaica estava em segundo plano. Todavia, nas décadas de 1920 e 1930 o antissemitismo espalhou-se por toda Europa, o fato de ser judeu virou um estigma e muitas nações cerraram suas portas para a entrada dos refugiados.

No Brasil da época, a imagem do judeu alterou-se muito. Influenciados por obras antissemitas como *Protocolos dos Sábios do Sião*, *Mein Kampf* e *O Judeu Internacional*, antissemitas notórios como Gustavo Barroso e Tenório d'Albuquerque faziam ressoar na sociedade brasileira as representações denegridas do judeu: de bolchevique marxista a banqueiro ganancioso, quando não produziam a mistura das duas imagens<sup>42</sup>. Não é escopo deste trabalho discutir se houve ou não antissemitismo no Brasil, o que se quer é compreender a construção da identidade judaica; por isso mesmo é preciso ter em conta a existência de circulares secretas que proibiam a entrada de judeus no Brasil, feitas algumas exceções. Mais uma vez os judeus tiveram de reconstruir sua identidade para se mostrarem úteis aos olhos da sociedade brasileira.

Lesser demonstra, em outro trabalho<sup>43</sup>, que para ganhar aceitação do governo, principalmente dos setores conservadores do Itamaraty, as instituições internacionais judaicas organizaram uma campanha para valorizar a imagem dos judeus. Primeiro, afastou a imagem do judeu bolchevique ligada a Marx e Trotsky, depois também modificou a imagem do banqueiro

---

<sup>41</sup> POUTIGNAT, Philippe & STREIF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Ed. Da Unesp, São Paulo, 1998

<sup>42</sup> Para maiores informações ler CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; **O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)**; Brasiliense, São Paulo, 1988

<sup>43</sup> LESSER, Jeffrey, **Judeus: O estereótipo e a questão dos refugiados no Brasil, 1935-1945**, in GRINBERG, Keila, **Judeus no Brasil, inquisição, imigração e identidade**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

ganancioso, propondo em seu lugar a do capitalista que asseguraria o desenvolvimento onde quer que se instalasse.

Ao que parece, a campanha surtiu efeito, pois, apesar das restrições, alguns milhares de judeus entraram no Brasil entre 1937 e 1941. Após a declaração de guerra do Brasil ao eixo, a imagem do judeu em solo brasileiro também passou a ser positiva perante a população. A figura do capitalista seguiu aderida aos judeus no pós-guerra e continua até hoje no imaginário da população brasileira. A campanha das instituições internacionais ajudou a mudar a imagem do judeu no Brasil e em outros países que impediam sua imigração. As instituições, tanto internacionais como nacionais, ocuparam lugar central na vida do judeu da diáspora, a ponto de algumas delas serem consideradas espinha dorsal da comunidade e promoverem a construção de um judaísmo local.

Para Sérgio DellaPergolla, judaísmo é um complexo multifacetado de normas, cognição, pertencimento, afeição e outros tipos de características. Pode ser ao mesmo tempo religião, etnia, cultura, comunidade organizada, grupo social, memória histórica coletiva e pessoal, folclore e mais.<sup>44</sup>

Entretanto, nenhum simples indicador ou menção pode adequadamente capturar a complexidade da identificação judaica. Esta identificação pode e deve ser descrita e mencionada através de uma variedade de indicadores diferentes. Identidade compreende a livre associação de um indivíduo a um corpo de noções, ideias e valores geralmente definidos como cultura, bem como o senso de proximidade e solidariedade com a mesma cultura, geralmente tomada como definidora do grupo.

O autor também estabelece três pólos de identificação, entre muitos possíveis, que ocupam lugares centrais nas identidades pessoais:

- 1- Espaço Geográfico: países ou lugares de origem;
- 2- Status sócio-econômico: determinado por classe social ou categoria ocupacional;
- 3- Etnia ou grupo religioso (etnorreligioso): religião.

Para ele, no caso judeu, a identidade étnico-religiosa é mais evidente e, no caso do grupo, pode-se afirmar que a identidade espacial-geográfica está subordinada à identidade étnico-

---

<sup>44</sup> DELLAPERGOLA, Sérgio. Jewish Identity/Assimilation/Continuity: Approaches to a Changing Reality. In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, São Paulo, Humanitas, 2001

religiosa: judeu-sefardita, judeu-alemão, judeu-asquenazita. Ele também subdivide a identificação étnico-religiosa em outras três categorias de subidentidades.

A primeira é a normativo-tradicional. Caracteriza-se, principalmente, por agregar um complexo de crenças, normas e valores tanto quanto em seguir a prática de ritos religiosos, muito comuns entre os judeus ortodoxos. Para o autor, na hierarquia relacionada às subidentidades étnico-religiosas, essa ocupa o primeiro lugar.

A segunda é a étnico-comunitária. Consiste, tipicamente, no pertencimento a associações, agremiações ou institutos de origem judaica, mesmo que sem vínculos federativos. Não exige, necessariamente, aderência ao judaísmo tradicional ou a prática de todas as regras religiosas, mas exige que o indivíduo esteja afiliado a alguma instituição de *landsmannschaften*. Dentro da hierarquia, ocupa o segundo lugar.

A terceira é a identificação cultural, ligada à literatura judaica ou à filosofia e, para os que moram fora de Israel, à língua hebraica. Categoria típica de pessoas não afiliadas a nenhuma organização da comunidade ou que não seguem nenhuma crença do judaísmo. Este modo de identificação pode ser facilmente dividido ou mesmo perdido, por isso ocupa a terceira posição.

Segundo o próprio autor, a subidentificação normativo-religiosa é muito comum nos EUA, a étnico-comunitária é a mais abrangente, comum em Israel, Ucrânia, Canadá, Reino Unido, Alemanha, Argentina, Brasil, México, Austrália e África do Sul. Enquanto a identificação cultural é muito comum nos países do leste europeu, principalmente nos que faziam parte do bloco soviético.

Todavia, antes de analisar o papel das instituições na vida comunitária judaica, seria bom esclarecer a natureza de tais instituições imigrantes. Moya<sup>45</sup> apresenta uma diferenciação entre instituições imigrantes e étnicas. Segundo ele, as instituições imigrantes são fundadas pela primeira geração que se estabelece em determinado lugar e se dedicam à beneficência, já as instituições étnicas são criadas pelos filhos de imigrantes e seu propósito é, principalmente, a manutenção da identidade do grupo na sociedade maior.

O autor ainda ressalta que, fora do ambiente familiar, essas associações são os lugares mais comuns de sociabilidade dos imigrantes e seus filhos, e que, para além da beneficência, sua razão

---

<sup>45</sup> MOYA, Jose C. **Immigrant and Associations: A Global and Historical Studies**, In Journal of Ethnic and Migration Studies, Mortimer House, London, 2008

de ser é a resposta à modernidade e consequente assimilação. Ao encontro dessa informação, Helena Lewin<sup>46</sup> afirma que as instituições de beneficência judaica criaram seu *landsmanschaft* como células de convivência e sociabilidade entre aqueles que provinham do mesmo local. Eram mais que beneficentes, eram também espaços da memória que desejava manter como parte da identidade judaica.

De acordo com Moya, a criação das associações relaciona-se mais ao processo de imigração em si do que à sociedade de chegada, sua origem e as tensões provocadas entre a população local e os imigrantes. Muitos autores afirmam que, quanto mais distante da sociedade nativa for o imigrante, mais instituições e cria; mas, ao analisar os espanhóis em Buenos Aires, Moya notou que tinham mais atividades comunitárias do que os portugueses e italianos daquela cidade.

No caso judeu, as instituições de beneficência possuem algumas particularidades, sobretudo, a alta organização. Nenhum outro grupo imigrante teve tal intensidade de organização no início do século XX.

Havia redes de contatos entre as instituições locais e as internacionais para organizar a imigração de pessoas da Europa para o Novo Mundo e Israel. Essas instituições se ocupavam com os custos da imigração e instalação das pessoas que necessitavam. HIAS (Hebrew Immigrant Aid Society), JCA (Jewish Colonization Association) e *Joint* (*Joint* Distribution Comitee) contavam com escritórios e representantes nas principais cidades da Europa e do continente americano; e ainda recebiam ajudas de grandes beneméritos como a família Montefiore, Barão de Hirsch e a família Rotschild.

Tamanha organização tinha um motivo: o grupo judeu era conhecido como povo apátrida, pela inexistência de um Estado Judeu. A segregação no leste europeu e oriente médio fez com que essas instituições, tanto internacionais, quanto locais, ocupassem o lugar vago deixado por esse Estado ausente. Até as vésperas da criação do Estado de Israel, as organizações judaicas eram essencialmente regionais: Organização dos Judeus poloneses, Sinagoga dos judeus da Hungria, entre outras.

Essa situação só mudou nas décadas de 1940 e 1950 com a iminência da criação do Estado de Israel, que fez surgir tanto no Brasil, quanto em outros países latino americano, instituições

---

<sup>46</sup> LEWIN, Helena. DOPS: o instrumento da repressão política. In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, Humanitas, São Paulo, 2001.

judaicas de caráter sionista que uniam todas as demais instituições de caráter regional: em 1946 foi fundada a FISESP e em 1953 foi fundado o Clube A Hebraica, que é considerado o maior clube judeu do mundo<sup>47</sup>. Mas a fundação dessas duas entidades não significou a extinção ou a perda de função das instituições precedentes, elas continuaram a funcionar, mas em segundo plano.

Apesar de ser um contingente imigrante muito menor que o italiano, alemão, espanhol e português; os judeus possuem igual ou maior organização institucional que esses grupos. Tal organização também se manifesta entre os sírio-libaneses, que também tiveram seus Estados criados tardiamente, na década de 1940. A ausência de uma nação fez com que tais grupos imigrantes tivessem grande participação no cotidiano de suas instituições.

A grande atividade das sociedades judaicas pode também ser explicada pela barreira criada pela alta sociedade brasileira em aceitá-los como membros da elite local. Então os grandes comerciantes e industriais da colônia resolveram eles próprios criar clubes tão ou mais suntuosos que os clubes da elite quatrocentona, por exemplo, como o Paulistano. Criaram eles mesmos os seus espaços de sociabilidade onde podiam propiciar a interação entre os membros da colônia sem sofrerem estigmas.

Outra razão da grande atividade nas instituições judaicas e seu rápido desenvolvimento é a figura do benemérito. No início da imigração, em idos de 1910, as associações dependiam dos benfeitores da comunidade para o financiamento de ações assistenciais e campanhas de caridade, bem como para a obtenção de novos terrenos para sua ampliação.

A existência dessa filantropia pode estar ligada a três fatores: primeiro, a filantropia em si, a dedicação de pessoas mais abastadas em ajudar os mais necessitados da colônia; segundo, a preocupação dos que chegaram primeiro com o status da colônia perante a sociedade, não permitindo que os imigrantes recém-chegados caíssem na indigência, para que não denegrissem a imagem da comunidade; terceiro, a procura de status no seio da comunidade, para ser reconhecido como o benfeitor da colônia, o “Barão de Hirsch brasileiro”.

Em estudo da colônia síria, Truzzi<sup>48</sup> constatou que a disputa entre lideranças da colônia levou cada benemérito a financiar sua própria instituição. Na comunidade judaica, essas disputas

---

<sup>47</sup> Revista Morashá, Edição 43, Dezembro de 2003

<sup>48</sup> TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios, Sírios e libaneses em São Paulo**. Tese de Doutorado em Sociologia, Unicamp: Campinas, 1993

fizeram com que as lideranças mais recentes, ou deslocadas, financiassem outras instituições. A ata da Ezra de 1924 mostra uma disputa interna na diretoria da instituição que resultou na troca da diretoria. A análise do livro de sócios, por sua vez, permite observar o cancelamento de matrículas de antigos diretores. O motivo do desligamento não consta do livro, mas certamente, por falecimento não foi. A imigração de judeus do oriente médio no pós-guerra também fez surgir novas lideranças e instituições regionais em São Paulo.

As instituições da comunidade judaica devem muito de seu sucesso ao grande financiamento de benfeitores preocupados em manter o status da comunidade e seus status dentro da comunidade. Devem-no, também, à intrincada rede de relações existentes entre as instituições locais e internacionais. Com feito, essas instituições ocuparam o lugar, na vida dos judeus, de um Estado ausente e lhes garantiram segurança durante a imigração e instalação no continente americano. Isso vai ao encontro de DellaPergola, quando ele diz que a identidade étnico-comunitária está bastante arraigada na comunidade judaica do Brasil como um todo.

Pode-se notar que diversos fatores, internos e externos, influenciaram na construção da identidade judaica em São Paulo. Esses fatores tangenciavam principalmente duas questões: a disputa do ídiche com os demais dialetos da comunidade para representar a língua nostálgica dos mais antigos e o lugar que as instituições ocuparam na formação dessa identidade. A essas questões pode-se acrescentar a própria perpetuação da comunidade, que responde à modernidade e conseqüente assimilação. Tensões intra e extracomunitárias auxiliaram na formação dessa identidade multifacetada que apresenta a religião como principal denominador.

Está claro que a identidade judaica não foi trazida do velho continente, ela foi sendo construída em solo brasileiro em via de mão dupla entre os integrantes da comunidade e a sociedade nativa. A identidade não pode ser concebida como algo estático, com apenas um referencial, pautado na tradição. Ela é dinâmica e apropria-se de valores e representações internos e externos para se expor, tais como a imagem de judeu-mascate, do início do século XX, e a de judeu-capitalista, dos anos de 1930 a 1940.



# SOCIEDADE BENEFICENTE EZRA

## Criação

Lê-se nas atas da diretoria da Ezra:

A sociedade Amigo dos Pobres tem o fim especial de não deixar ir pedir esmola, mais (sic) auxiliar aos pobres, doentes e arranjar serviços aos que não têm, e ajudar também materialmente quando é necessário.<sup>49</sup>

A Ezra surgiu quando a imigração judaica para o Brasil começava a crescer; então, judeus que imigraram anteriormente e estavam em situação financeira melhor tomaram a iniciativa de montar uma instituição de beneficência. A análise das primeiras atas mostra que seus integrantes eram intimamente ligados à sinagoga Knesset Israel fundada no ano anterior (1915). Três diretores fundadores da Ezra figuram entre os fundadores da sinagoga. Entre os objetivos da entidade estava o de não deixar que a baixa condição social dos novos imigrantes viesse a diminuir o status já adquirido. Na condição de imigrantes com perfil não desejado pelas autoridades nacionais, mas já com alguns membros adentrando os círculos da elite local, a preocupação com o status já se apresentava em alguns membros da comunidade.

No início, a finalidade da Ezra era apenas a beneficência, fornecer ajuda pecuniária àqueles que necessitavam. Seu estatuto foi inspirado na Sociedade Israelita francesa amigo dos pobres. Além de estreito contato com a sinagoga Knesset Israel, também se nota que desde o início a entidade mantém íntimo contato com a Sociedade das Damas Israelitas, fundada no ano anterior (1915) por iniciativa de esposas de senhores abastados da comunidade local. Ambas as instituições trabalhavam juntas para assegurar a manutenção dos novos imigrantes e sua parceria se prolongou por vários anos, mesmo após a fusão com o Lar das Crianças e a gota de leite *B'nai Brith* para montar a Ofidas em 1940.

Nas atas nada se diz sobre a razão de escolher esse nome, Ezra, (além do seu estatuto ser inspirado na Sociedade Israelita Francesa Amigo dos Pobres) mas pode-se pensar na menção a

---

<sup>49</sup> Ata N°1 da Sociedade Amigo dos Pobres, EZRA, Fundo EZRA, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP.

uma sociedade congênere em Buenos Aires com o mesmo nome. Além disso, Ezra, em hebraico, (עזרא) significa ajuda.

A instituição portenha foi criada na década anterior, em 1904, e era uma das importantes representantes da JCA em território argentino. Em breve análise às atribuições dessa instituição, verificou-se que ela tinha funções semelhantes às que a Ezra paulistana desempenhou na década de 1920, após sua afiliação a JCA: receber os recém-imigrados, providenciar-lhes trabalho, moradia e, se necessário, transporte a outras localidades.

Quanto a esse aspecto, pode-se, então, comparar a imigração judaica nos dois países. A instituição argentina foi criada no auge da imigração judaica ao país (1890-1910), quando a imigração judaica urbana começava a crescer. A instituição paulistana, por seu turno, surgiu antes do pico de imigração judaica no Brasil, mas foi criada quando a comunidade local estava sedimentada e o fluxo imigratório judaico começava a crescer.

### **Imigração e Trabalho**

A partir de 1923 a Ezra passou a cuidar das novas levas de imigração judaica. Em 1924, fundiu-se com a Sociedade Pró-Imigrante e passou a manter contatos com a JCA (Jewish Colonization Association), ICA na sigla em ídiche. Deixou de se chamar Sociedade Israelita Amigo dos Pobres Ezra, e adotou o nome Sociedade Israelita Beneficente Ezra. Os judeus foram um dos poucos grupos imigrantes que conseguiu manter uma extensa rede de instituições para auxiliar a imigração. Essas instituições ocuparam, muitas vezes, o lugar do Estado Nacional, ausente no auxílio aos imigrantes.

A partir de 15 de Janeiro de 1928, inicia-se o novo programa de imigração na América do Sul, implementado pelo dr. Isaias Raffalovich (representante da JCA no Brasil). Esse novo programa consistia em uma série de apoios ao imigrante recém-chegado, como ensino de uma profissão e da língua portuguesa, proteção às mulheres, procura de parentes e recolocação profissional, por meio do *Bureau du Travail*.

Quanto ao perfil dos imigrantes assistidos pela instituição nessa época, nota-se que a maioria são judeus da Europa Oriental, principalmente Polônia, de baixa escolaridade, desempregados e residentes no Bom Retiro. Seguem-se alguns dados:

### **Origem dos imigrantes ajudados pela EZRA – 1928 – 1932**

**(ao todo, 3760 pessoas)**

|                      |       |
|----------------------|-------|
| Europa Oriental      | 95,1% |
| Europa Central e Sul | 3,2%  |
| Oriente Médio        | 1,7%  |

### **Origem discriminada por país**

|           |       |
|-----------|-------|
| Polônia   | 64,5% |
| Romênia   | 14,0% |
| Lituânia  | 6,5%  |
| Rússia    | 6,5%  |
| Letônia   | 3,0%  |
| Hungria   | 1,5%  |
| Palestina | 1,5%  |
| Outros    | 2,5%  |

Em análise ao *Bureau du Travail*, repartição da Ezra responsável por prover ao imigrante algum sustento, foram coletados os seguintes dados dos imigrantes que pediram auxílio ao Bureau:

### **1928-1931**

|               |       |
|---------------|-------|
| Desempregados | 39,0% |
| Alfaiates     | 11,0% |
| Marceneiros   | 6,0%  |
| Sapateiros    | 5,5%  |
| Domésticas    | 4,0%  |
| Açougueiros   | 2,0%  |

|                                    |      |
|------------------------------------|------|
| Vendedores                         | 2,0% |
| Agricultores                       | 2,0% |
| Chapeleiro                         | 2,0% |
| Profissionais de alta escolaridade | 2,0% |
| Padeiro                            | 2,0% |

O grande número de desempregados é de difícil interpretação. A enormidade do índice talvez possa ser explicada por constarem dele crianças e adolescentes que na Europa ainda não tinham começado a trabalhar; ainda assim, o número de pais de família desempregados devia ser grande. A situação da Polônia, recém-independente na década de 1920, não era animadora; apesar de haver grandes centros como Varsóvia, Cracóvia e Lodz, a maioria dos judeus poloneses vivia em *shtetl* e a industrialização fez com que muitos deles não encontrassem emprego no reduzido mercado de trabalho, tendo como alternativa a imigração. Além disso, o antissemitismo polonês era notório. O seguinte testemunho põe à luz o cotidiano e a emigração de judeus poloneses:

[...] meus pais vieram da Polônia em 1932, vieram com a ajuda de um tio, M. G., que viera antes. Eram noivos e buscavam melhores chances de vida. Meu pai me contou que, quando estava na escola, os poloneses mandaram-no voltar para a terra dele, chamando-o de *Jide* – judeu.<sup>50</sup>

P – Os judeus tinham alguma diferença econômica, quer dizer, na sua cidade, eu digo, que os diferenciasse dos não judeus, eles eram mais ricos, mais pobres como é que era?

S – Sim, era diferenciada que a vida econômica, que era composta de profissões e comerciantes.

P – Os judeus?

S – Sim, e a grande parte católica eram funcionários públicos, eram especialmente dedicados aos serviços de comunicação de trens onde não eram admitidos judeus, eram só católicos, *eh...* fabricação de ferramentas para o campo, eram fábricas e oficinas de católicos, o que os judeus não tomaram parte nesse setor e no setor judaico havia médicos, havia advogados, havia comerciantes, havia... profissionais de toda as profissões eram judeus. Eram funileiros, pintores, marceneiros, alfaiates e tinha uma grande parte de fábricas de calçados e botas que se fabricavam para fornecimento da região da Bielo Rússia, Voe Mink (...) Mas a grande parte da população era composta de profissionais, trabalhadores, gente que trabalha em fabriquetas.

P – *Poalin* (trabalhadores)?

S – *Poalin*, operários e a principal [característica] que cada *eh...* ramo tinha sua fabriqueta onde trabalhavam os familiares, pais e filhos.

P – Eram empresas familiares?

<sup>50</sup> Entrevista de Dora Fraiman Blatyta, Entrevistador: Márcio Mendes da Luz, São Paulo, 12 de Maio de 2005. Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

P – Havia diferença entre judeus ricos e os judeus pobres? Qual era o relacionamento entre eles? Por que tinha ricos e os outros que não eram tão ricos?

S – Os ricos estavam sentados na Sinagoga na fila um e o pobre estava no final da Sinagoga sem ter assento. Só isso... O geral, a composição da população não era rica. A porcentagem de ricos podia chegar a 10% ou 15%. Ricos relativamente, porque se apreciava o rico porque estudava ou estava bem melhor vestido ou através do casamento que realizava, [demonstrações] pomposas, então se avaliava o rico.

[...]

S – (...) mas para sair da Polônia, havia motivos: primeiro, o antissemitismo e, segundo, eu não queria ir servir no exército, porque um ano depois eu teria que ir no exército (...) porque nós ouvimos qual é a relação entre judeus e católicos no exército, [ouvimos] que havia no exército maior antissemitismo, que se podia pegar um estudante, um intelectual e por ele num serviço de limpar banheiros, quando um especialista em limpar banheiro católico ficava livre disso, então esse antissemitismo se sentiu em passo perto de outro.

S – Então, a juventude sentia uma coisa: fugir, sair, imigrar. E para imigrar tinha dois ou três caminhos: o primeiro caminho de chamada; segundo caminho de certificados de ir para Israel, que todos os partidos sionistas lutavam para obter esses certificados por parte do governo inglês que dominava lá em Israel, e o 3º era procurar onde havia uma espécie de porta aberta à imigração. Então na América Latina os países onde se podia obter o visto a gente ia para lá. E justamente porque eu não podia entrar na Argentina, porque não tinha chamada, escolhi um caminho para Argentina via Brasil.<sup>51</sup>

A análise do *Bureau du Travail*, em busca das profissões que esses imigrantes passaram a adotar no Brasil, derruba alguns mitos, muito difundidos:

|                                      |       |
|--------------------------------------|-------|
| Donos de estabelecimentos comerciais | 43,5% |
| Operários                            | 21,0% |
| Donos de Fábricas                    | 14,0% |
| Vendedor/clientela                   | 10,0% |
| Empregados                           | 8,0%  |
| Autônomos                            | 3,5%  |

É muito comum associar a imagem do judeu ao mascate, mas os números mostram que o montante de judeus operários é maiores que o de vendedor de clientela. Um fator que pode explicar esse quadro é o período em que esses imigrantes chegaram, plena década de 20 e início de 30, quando a modernidade e a industrialização ganhavam impulso no Brasil, não deixando espaço aos mascates, como havia no início do século XX. Outro mito que cai por terra é o de dizer que o judeu já tinha uma experiência prévia com comércio na Europa, por isso se tornava comerciante no Brasil. As fontes consultadas dão outra informação.

---

<sup>51</sup> Entrevista de Salomão Trzmielina, Entrevistadoras: Paulina Faiguenboim e Eliane Kalmus, São Paulo, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro 09\07\1994 e 10\09\1994

O mesmo ocorre na Argentina, os primeiros imigrantes a vir em finais do século XIX inícios do XX, foram para o comércio, principalmente no ramo mobiliário e de confecção. Mas também era comum ver judeus trabalhando como operários em fábricas e em grandes obras públicas como construções de ferrovias no norte do país.

Ao analisar a correspondência enviada em 1929, vê-se que realmente as instituições de beneficência judaica estavam altamente organizadas em redes internacionais, com alto grau de contato entre elas. Isso impressiona o autor dessa dissertação, pois àquela altura os meios de comunicação eram precários, dependendo fundamentalmente do serviço dos correios e telégrafos. Ao encontro dessa afirmação está também o índice de envio de dinheiro por imigrantes a parentes na Europa, nos mais diversos países, desde a França à isolada URSS. Ao analisar essas fontes, extraem-se os seguintes números:

#### **Correspondência para Imigrantes 1929 – 4.876**

Polônia – 3151 – 65%

Brasil – 464 – 10%

Letônia – 303 – 6%

Argentina – 280 – 6%

Lituânia – 249 – 5%

EUA – 195 – 4%

Uruguai – 45 – 1%

Romênia – 41 – 1%

Palestina – 36

Rússia – 24

Alemanha – 21

França – 15

Áustria – 11

Turquia – 7

Tchecoslováquia – 7

Yugoslávia – 6

Hungria – 5

Bélgica – 4  
Dinamarca – 5  
Inglaterra – 1  
África – 1

#### **Remessas de dinheiro em 1932:**

Polônia – 206 – 46%  
Rússia – 99 – 22%  
Romênia – 86 – 19%  
Lituânia – 28 – 6%  
Palestina – 8 – 1%  
Letônia – 5 – 1%  
EUA – 3  
França – 2  
Bélgica – 2  
Argentina – 2  
Paraguai – 1  
Hungria - 1  
Suécia – 1

Cruzando os dois grupos de dados, depreende-se que a maioria dos imigrantes judeus para o Brasil no final da década de 1920 e início da década de 1930 vêm da Polônia e outros países da Europa Oriental, e que a Ezra mantém maiores vínculos com judeus dessa região. Ao analisar as Cartas de Chamada que a Ezra providenciava aos seus associados, têm-se uma noção do perfil de seus associados:

#### **Cartas de Chamada – 1932**

##### **Dados dos requerentes**

##### **Sexo**

Masculino: 219

Feminino: 1

**Origem**

Polônia: 175 – 80%

Romênia: 19 – 9%

Lituânia: 11 – 5%

**Estado Civil**

Casado (a): 158 – 72%

Solteiro (a): 58 – 26%

Viúvo (a): 4

Indefinido: 1

**Profissão**

Comerciante: 115 – 52%

Alfaiate: 29 – 13%

Negociante: 24 – 11%

**Dados dos que são chamados (516 pessoas)**

Filho (a): 130 – 25%

Cunhado (a): 97 – 19%

Irmã (o): 85 – 16%

Esposa: 51 – 10%

Sobrinho (a): 48 – 09%

Primo (a): 38 – 07%

**Sexo**

Masculino: 260 – 50,1%

Feminino: 256 – 49,9%

**Origem**

Polônia: 417 – 81%

Romênia: 48 – 09%

Lituânia: 20 – 4%

Nota-se que a imigração judaica de finais da década de 1920 e início de 1930 era composta majoritariamente por famílias que vinham em corrente (*chain migration*). Nota-se também que o alto índice de comerciantes e homens que requerem as chamadas evidencia que após a chegada do chefe de família ao Brasil e sua ascensão social, ao se tornar comerciante, estava em condições de trazer a família ou algum parente para terras brasileiras.

Tal organização pode ter sido possível graças a orientação da JCA, pois Avni<sup>52</sup> afirma que em Buenos Aires no ano de 1912, as instituições locais foram orientadas a entrevistar os imigrantes, antes do desembarque, fazer uma lista de suas profissões e orientá-los na busca de um emprego, assim como ensiná-los o espanhol (idioma local) para melhor adaptação. Ao mesmo tempo deveria se formar comitês em importantes cidades do interior.

Assim como no Brasil, na Argentina a JCA fazia convênios com instituições locais e uma dessas instituições foi a Associação Israelita de Beneficência e Socorro Mútuo Ezra, em Buenos Aires criada em 1900, possivelmente inspiradora do nome da congênere paulistana. Mas ao contrário desta, a Ezra portenha tinha o dever de encontrar trabalho aos imigrantes da Romênia, esse direcionamento pode se explicar pelo forte antissemitismo romeno com os judeus, principalmente da anexação da Bessarábia após a I Guerra Mundial, quando de repente milhões de judeus passam a viver sob domínio romeno, tão ou mais antissemita que o Império Russo, forçando uma emigração em massa. A Ezra paulistana não tinha esse direcionamento específico, mas pode-se verificar que grande parte de seus auxiliados (65%) eram da Polônia onde o antissemitismo era também muito forte.

Na década de 1920, a JCA em Buenos Aires passa a auxiliar uma instituição chamada de *Soprotimis* (originada da fusão de diversas instituições locais), dados da instituição mostra que apesar da comunidade judaica portenha ser maior que a paulistana, os números são parecidos, demonstrando que a atividade em São Paulo foi, proporcionalmente, maior que a atividade beneficente judaica na capital argentina. Possivelmente as facilidades de imigração de judeus para o Brasil na época possibilitou maior atividade das instituições paulistana. Assim como uma outra possibilidade ser São Paulo ponte de passagem entre Europa e Argentina, por isso os números aproximados.

As restrições de imigração imposta pela Argentina a imigrantes de origem judaica, muitas vezes forçou judeus a entrarem no país a passar por São Paulo, pois no porto argentino a restrição era feito por origem do barco, entrando por São Paulo viria como um navio brasileiro e as autoridades argentinas não teriam tantas restrições. Ou outra possibilidade é via terrestre com direção as colônias agrícolas da JCA em Entre Rios e de lá para Buenos Aires.

---

<sup>52</sup> AVNI, Haim, **História de la Inmigración judaica em la argentina (1810-1950)**, Editorial Universitária Magnés, Universidad Hebrea de Jerusalém, Argentina, 1983.

Entre os anos finais da década de 1920 e os anos iniciais de 1930, a Ezra trabalhou incessantemente com a recepção e alocação de imigrantes em São Paulo ou mesmo em outras regiões do país. A seguir, lêem-se depoimentos de pessoas que vivenciaram o trabalho realizado pela instituição nesse período:

Me (...) nós morávamos no Ezra, meu marido trabalhava na Ezra.

Me (...) porque meu pai já sentiu isso em vinte e seis e esses imigrantes que vinham sem família eles também contavam, eles também contavam que...

Ma – eles vinham de que países?

Me – Eles vinham de árabe, da Romênia, da Polônia, de Lituânia muito pouco. Desses lugares vinha muita gente, da Rússia eu não me lembro, a Rússia era ainda... mas vinha de Bucareste era *Rumania* eh, é isso que eu sei, que me lembro, os imigrantes que ele contava.

Me (...) Ele trabalhava dia e noite, ele batia na máquina até três, quatro horas da madrugada, preparando os documentos pra levar na polícia. Assim foi na Ezra três anos.

Me – (...) [Trazer] alguns era fácil, e alguns era difícil. Meu marido trabalhava muito difícil, muitas família era complicado pra trazer e ele fazia tudo pra ajudar.

Me (...) Isso foi na Ezra, isso que ele fez, com imigração ele ficou conhecido [...] e lá na Ezra vinha muitas senhoras da sociedade ajudando *si*, a Liuba Klabin.<sup>53</sup>

“P - Tinha alguém esperando o senhor quando o senhor chegou aqui no Brasil ou o senhor chegou sozinho?

S: Só imigração.

P – Imigração? Alguma entidade?

S – Não, tinha um representante do Hias (Ezra)... Quem nos recebeu aí em São Paulo foi o Freidenson (funcionário da Ezra).<sup>54</sup>

Em 1929, por sugestão da JCA, a Ezra deixou de atender a pedidos de repatriação, pois, conforme o dr. Raffalovich, ela era “uma associação de imigração e não de emigração”. Em 1931, devido à crise econômica, suspendeu temporariamente o auxílio à imigração, mantendo apenas o serviço de beneficência e cartas de chamada. Ainda no início da década de 1930, com a iminente queda da imigração judaica asquenazita, surgiu o projeto de construir um Sanatório para atender aos assistidos com tuberculose. Em 1935, o Sanatório passou a consumir os principais esforços dos diretores da Ezra.

As fichas de pacientes do Sanatório, de 1937 a 1950, mostram que a maior parte dos assistidos recebia auxílio por outras entidades, como União Israelita do Rio de Janeiro, Sociedade Beneficente Israelita do Rio de Janeiro, Congregação Israelita Paulista e Ofidas. Havia muitos

---

<sup>53</sup> Entrevista de Mery Freidenson, Entrevistadora: Marília Freidenson, São Paulo, 29\04\1995, Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>54</sup> Entrevista de Salomão Trzmielina, Entrevistadoras: Paulina Faiguenboim e Eliane Kalmus, São Paulo, 09\07\1994 e 10\09\1994, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

pacientes não judeus que eram auxiliados pelo IPASE e Fundo de Pensão dos Bancários. Havia, ainda, assistidos de outras nacionalidades e, relativamente a eles, há situações intrigantes, como a proibição de internação dos pacientes japoneses:

O gerente continua a informar, dizendo que a proibição de doentes japoneses causou prejuízos, bem como os doentes cujo estado de saúde é precário, afirmando serem procedentes destes os maiores lucros.<sup>55</sup>

Não se sabe o porquê da proibição de pacientes japoneses no Sanatório. Talvez a causa tenha sido um incidente em que 20 pacientes se revoltaram por causa da proibição do jogo, do bicho e de cartas, no recinto. Alguns dos revoltosos eram pacientes japoneses e a maioria, incluindo os “líderes”, eram não judeus. Some-se a isso o sentimento antinipônico dos primeiros anos do pós-guerra.

Mesmo com tantos esforços direcionados para o Sanatório, a imigração voltou a ter atenção especial da Ezra no pós-guerra, como se lê nos seguintes trechos de atas.

[...] Nesta reunião, a diretoria sentiu-se honrada com a presença dos senhores dr. Shoskes e dr. Marc Leitchik. O primeiro, representante da Hicem de New York; o segundo, representante da Hicem do Rio de Janeiro, os quais apresentaram diversas sugestões para auxílio de israelitas sobreviventes da Europa. Em sua palavra, sr. Shoskes forneceu proveitosos pormenores a respeito da campanha para custear a imigração dos israelitas sobreviventes na Europa, pedindo à Ezra para tomar parte ativa nesta campanha. Ficou, então, resolvido reunir representantes de todas as sociedades para fazer um comitê de ação.<sup>56</sup>

Usando a palavra, o dr. S. Tynkielstwertz acrescenta que se torna necessário providenciar desde já para formar um fundo para auxiliar os imigrantes que possivelmente chegarão em breve ao Brasil, em grande número, os quais necessitarão o apoio das Sociedades e, especialmente, da Ezra, para que se torne possível ambientá-los em nosso meio. Diz ainda que a Hias tem um método especial de auxiliar os imigrantes pelo menos 15 dias, deixando depois a expensas de outras Sociedades. Por tal motivo, o dr. Benjamin Kulikovsky lembra que a Hias sempre manteve um departamento para auxiliar correligionários nessa situação, e por isto acha que se deve convidar o dr. Marc Leitchuk, diretor da Hias, para entrar em entendimento com ele, a fim de conhecer desde já suas intenções neste assunto. O senhor Tenemboim, com os senhores Bernstein e Meiches, apoiam a proposta do dr. Benjamin Kulikovsky, de chamar na sede da Ezra em reunião como, digo, de todas as sociedades e Farain, depois de 19 dias desta reunião, ou seja, para o dia 06 de Outubro, domingo, para tratarem deste assunto. O título das cartas que deverão ser enviadas para as sociedades e Farain deverá ser o seguinte: tratar sobre a nova imigração israelita para o Brasil. Deverão ser convidadas para este fim as seguintes sociedades e Farains: Pinsker, Sterdiow Belchtow, Centro Hebreu Brasileiro,

<sup>55</sup> Ezra, ata do dia 02 de Maio de 1946, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>56</sup> Ezra, ata do dia 31 de Outubro de 1945, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

Congregação Israelita Paulista, Poilich Farband, Cemitério Israelita da Vila Mariana, Linath Hatzedek, Comitê da Bessarabia, Associação dos Israelitas Lituanos e Woliner Farband, Minsk Farband, Asilo dos Velhos, Ofidas, Centro de Cultura e Progresso, Chevra Kadish, Cooperativa e Sociedade dos poloneses israelitas.<sup>57</sup>

Contrariamente ao que ocorria até então, a Ezra não faria esse esforço sozinha, e sim com o auxílio de instituições congêneres, os chamados comitês de ajuda.

## Status

Instituições como a Ezra podem ter surgido para evitar a prática de polacas e caftens em São Paulo e outros lugares, como Rio de Janeiro e Buenos Aires. A preocupação da comunidade com a existência de membros relacionados à prostituição era antiga, a ponto de se criarem instituições em Buenos Aires para combater tais membros. Isso demonstra preocupação com o status comunitário, não querer ver a imagem do grupo vinculada à prostituição. Segue-se um trecho do livro autobiográfico de Boris Fausto que retrata da relação entre a comunidade judaica e as polacas:

O vínculo entre a etnia judaica e o tráfico proporcionava munição aos círculos antisemitas que exploravam a fundo essa circunstância: os russos – dizia-se nesses círculos – quando não eram *cambalacheros*, desprezíveis negociantes de artigo de segunda mão, eram coisa pior, ou seja, traficante de escravas brancas.

Embora muitas mulheres fossem clientes das lojas pertencentes a imigrantes judeus, elas e, sobretudo, os caftens eram uma vergonha para a comunidade, que tratou de se organizar a fim de combater o tráfico. Desde criança, ouvi meu pai referir-se, com um orgulho temperado de mistério, ao fato de que, quando vivia na Argentina, integrara-se na luta contra a Zwi Migdal, uma sinistra sociedade destinada à exploração de mulheres. Movido pelo sentimento de repulsa e pelo fato de que muitas prostitutas provinham de regiões próximas a que nascera, Simon se tornou membro de uma das sociedade de combate – a Associação Judaica para a Proteção das Moças e das Mulheres, fundada em Londres, que tinha em Buenos Aires seu principal centro de atuação na América Latina.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> Ezra, ata do dia 18 de Setembro de 1946, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>58</sup> FAUSTO, Boris, **Negócios e Ócios: história da imigração**, Cia. das Letras, São Paulo, 1997.

È muito corrente na comunidade o discurso de vitimização das polacas, como as ludibriadas por jovens de boa aparência que prometendo casamento e vida boa no Novo Mundo, as tiravam das suas aldeias na Europa Oriental e as tacavam no mundo da prostituição aqui. Beatriz Kushnir<sup>59</sup> mostra que isso não era sempre a regra, havia aquelas ludibriadas, mas haviam aquelas que já eram prostitutas na Europa, a autora afirma que um percentual de aproximadamente 25% dos prostíbulos na Europa Oriental pertenciam a mulheres.

Apesar de relatar fatos ocorridos em Buenos Aires, pode-se supor que o mesmo ocorria onde a presença de caftens e polacas era comum. Não se afirma que a Ezra tinha como objetivo principal o combate ao tráfico de mulheres e à prostituição, mas ela ajudava nesse combate. A partir de 1923, passou também a auxiliar na imigração de judeus para o Brasil. Alguns tópicos do estatuto de ajuda a imigrantes dão suporte a essa hipótese:

Recebe a quantia de 959\$000 reis do comitê de Socorro aos imigrantes israelitas de São Paulo, na condição do dinheiro ser exclusivamente revertido para a ajuda de imigrantes: [...] item 9 – cada imigrante será bem interrogado, a fim de comissão informar-se direito da situação, ocupação ou profissão, recurso, pretensão e destino de cada um [...] 11 – Quando um imigrante solicitar da Ezra auxílio pecuniário para passagem para qualquer país estrangeiro, a comissão deverá primeiro indagar se o solicitante tem algum parente no país a que se dirige e se tem recursos e, nesse caso, telegrafará pedindo esse auxílio para o parente necessitado [...] 14 - qualquer pessoa de outra religião e nacionalidade poderá pedir auxílio [...] 17 – **Será expressamente proibida a admissão na casa de homens e mulheres de vida irregular.** (grifo nosso)<sup>60</sup>

Isso não era exclusivo do Brasil, Avni afirma que cada uma das organizações teve o cuidado de incluir em seus estatutos artigos que asseguravam a marginalização de seus quadros quem tivera alguma relação com os chamados impuros. A própria JCA orientava as organizações no combate a prática dos caftens e polacas em Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro.

Ao ler o trabalho de Beatriz Kushnir<sup>61</sup>, vemos que é comum a ida e vinda de polacas e caftens entre Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Europa. Quiçá por coincidência, a Sociedade Feminina Religiosa e Beneficente Israelita, ligada às polacas, surgiu em 1924, um ano após a elaboração do presente estatuto da Ezra. A sociedade Ezra trabalhava em conjunto com

---

<sup>59</sup> KUSHNIR, Beatriz, **Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição, as polacas e suas associações de ajuda mútua**, Imago, Rio de Janeiro, 1996.

<sup>60</sup> Ezra, ata do dia 8 de Fevereiro de 1923, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP.

<sup>61</sup> KUSHNIR, Beatriz, **Baile de Máscaras: mulheres judias e prostituição, as polacas e suas associações de ajuda mútua**, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

outras para evitar que esses grupos marginalizados não adentrassem a vida comunitária. A preocupação com a moralidade de seus membros e com a manutenção de seu status era tão presente no cotidiano da Ezra que mesmo no novo estatuto, de 1946, se dá a ver:

[...] Ao mesmo tempo tratarão com a comissão da *Froein Farain* (Sociedade das Damas) de uma colaboração mais estreita com a Ezra no que diz respeito à proteção do sexo feminino.<sup>62</sup>

[Estatuto de 1946]

Condições de sócio:

- maiores de 18 anos de qualquer nacionalidade e sexo e israelita;
- que tenham e hajam tido exemplar conduta moral e cívica;
- tem que ser apresentado e passe por uma sindicância.

Serão expulsos se:

1 – sofrerem qualquer condenação da Justiça por práticas que ferirem a moral e os bons costumes;

[...]

4 – por qualquer forma ou meio vierem a se dedicar a prática de atos condenáveis pela moral e bons costumes.<sup>63</sup>

Ou ainda, sutilmente, vê-se o indeferimento do financiamento de passagem a alguém para Buenos Aires e, na mesma ata, a aprovação do financiamento de passagem para a Polônia.

Além da preocupação com o status fora da comunidade, os integrantes da sociedade tinham preocupação com o status dentro da comunidade e da instituição. Na leitura das atas, várias informações vêm ao pesquisador de modo muito sutil, tais como a hierarquia e o status interno na instituição.

Na ata<sup>64</sup> seguinte, constata-se a doação de cada sócio presente:

| <b>Cargo</b>    | <b>Valor</b> |
|-----------------|--------------|
| Presidente      | 200 \$ 000   |
| Vice Presidente | 100 \$ 000   |
| Tesoureiro      | 100 \$ 000   |
| Secretário      | 100 \$ 000   |

---

<sup>62</sup> Ezra, Ata do dia 27 de Julho de 1930, Fundo EZRA, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>63</sup> Estatuto da Sociedade de Beneficência Ezra, 1946, Fundo EZRA, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>64</sup> Ata N°3, 30 de Maio de 1916 da Sociedade Amigo dos Pobres, EZRA, Fundo EZRA, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Havia outras formas delicadas de distinguir os diretores dos demais associados e funcionários. A estrutura era semelhante ao que havia na JCA, na qual, segundo Avni, se baseava na idéia de que os únicos com direito de opinar eram os “notáveis”, donos da riqueza, diferindo de suas congêneres norte-americanas baseadas em organismos democráticos que inspiraram a concepção da CIP. No Estatuto de 1946, dois artigos definem de forma oculta os cargos mais importantes e a forma de restringir o acesso de pessoas de grupos sociais menos abastados à diretoria:

Artigo 53 – Os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal não receberão remuneração alguma pelos serviços prestados à sociedade.

Artigo 54 – As assinaturas consideradas legais são: A do presidente, Tesoureiro e Secretário para todos os documentos pertencentes à vida financeira da sociedade.

O artigo 53, ao não permitir a remuneração a diretores e conselheiros, afasta do controle da instituição pessoas pertencentes a classes não abastadas e a relação entre os diretores (voluntários) e empregados (pagos) nem sempre foi amistosa como relatam os seguintes trechos de atas:

[...]Os membros não podem de modo algum usufruir quaisquer regalias pecuniárias, nem obter auxílio da Sociedade. No caso de sua situação os obrigar a recorrer ao auxílio da Sociedade, impõe-se a renúncia do cargo que exercerem para posteriormente poderem solicitar o auxílio desejado, o qual lhes será concedido ou não, de acordo com o que deliberar o poder da comissão.<sup>65</sup>

Aberta a sessão, tomou a palavra o sr. Presidente, que falou longamente sobre a cordialidade e respeito recíproco que devem reinar entre os membros eleitos e os funcionários pagos, pois só assim haverá boa ordem e só assim poderão prosperar os negócios da Ezra.<sup>66</sup>

A busca de status interno traduz-se em disputas nem sempre veladas. Essas disputas muitas vezes originam-se com a ascensão de novas lideranças, em busca de um lugar de destaque dentro da instituição. A primeira foi reportada nas atas em que se lavrou, em 1924, a fusão da Ezra com

---

<sup>65</sup> Ezra, ata do dia 30 de Agosto de 1933, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>66</sup> Ezra, ata do dia 09 de Setembro de 1930, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

a Sociedade Pró-Imigrante. Após três reuniões e várias discussões, elegeu-se nova diretoria sob a presidência do Dr. Efim Mindlin, com Horácio Lafer como vice. Trocou-se completamente a diretoria, permanecendo apenas o secretário.

Essa diretoria ficou no poder de 21 de dezembro de 1924 a 24 de março de 1929, quando membros da diretoria anterior retornam ao controle. O conflito de 1924 teve reflexos posteriores. Nas eleições de maio de 1930 houve tumulto, apagaram-se as luzes durante o sufrágio. Mesmo assim, a votação prosseguiu; dia 04 de junho, porém, o presidente (Luiz Fridman) recebeu um ofício com 91 assinaturas de sócios protestando contra as eleições de maio e pedindo a convocação de nova assembléia. Em 06 de junho, tomou posse a nova diretoria, sob a presidência de Emílio Berezovsky (ligado à diretoria de 1924); mas não permaneceu no poder muito mais de dois meses, em 31 de Agosto do mesmo ano foi destituída.

Os fundamentos desse conflito, que se iniciou em 1924 e adentrou a década seguinte, pode estar na rivalidade entre judeus russos, poloneses e *bessarabers*. Os primeiros judeus a imigrar para São Paulo, em finais do século XIX e início do XX, foram em sua maioria judeus de grandes centros do Império Russo (grandes centros da Lituânia, Ucrânia e Rússia) e eram famílias de classe média cujos chefes exerciam profissões liberais, não tinham muito contato com o judaísmo tradicional e, por essa diferença cultural e regional, fizeram com que surgissem certos conflitos entre eles. Alguns entrevistados revelam algo nessa relação:

Na minha juventude, eu não tinha nem conhecimentos de outra comunidade de judeus que não eram aqueles que eu conhecia no Bom Retiro. Naquele tempo, eu me lembro que existia inclusive uma certa rixa de judeus asquenazitas da Rússia e judeus asquenazitas da Polônia.<sup>67</sup>

E... mas todos eram amigos, a colônia russa judia era, não era grande, mas era muito, muito unida, então tinha os Klabin, tinha os Wainstein, tinha os Abramovich, Novinsky (...) mas o elo não era o judaísmo. O elo era mais talvez porque fossem russos, emigrados.<sup>68</sup>

Esses dois últimos conflitos entre diretorias não aparecem nas atas, mas é possível detectar por mudanças bruscas no quadro diretivo. A mesma diretoria seria novamente eleita em 16 de Agosto de 1931, mas, nas eleições de 18 de Dezembro de 1932, veem-se os dois grupos

---

<sup>67</sup> Entrevistado: Levi Rubinstein Neto, Entrevistador: Márcio Mendes da Luz, São Paulo, 01 de Maio de 2006, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>68</sup> Entrevista de José Mindlin, Entrevistadoras: Gabi Becker e Marília Freidenson, São Paulo, 14 de Maio de 1993. Núcleo de História Oral do AHJB.

antagônicos novamente em conflito, conforme documenta a carta enviada pelo dr. Efim Mindlin (Presidente da diretoria de 1924) ao vice-presidente eleito Benjamim Kulikovsky:

Em vista dos resultados obtidos na última Assembleia Geral, em relação às pessoas por nós apresentadas – exclusão do dr. Proshau, com qual em absoluto não posso concordar – participamos a V.S que de modo algum tomaremos posse dos cargos para os quais fomos eleitos. V.S bem sabe que nenhum de nós tinha pretensões de ocupar quaisquer cargos de relevância na Sociedade Ezra. Formamos um grupo exclusivamente a convite de V.S, aliás insistentemente. Não faltou, como bem vê V.S, boa vontade de nossa parte. Esperávamos entretanto, ser todos três (Efim Mindlin, Maurício Abramovich e dr. Proshau) dignos de ocupar um lugar na sociedade e como dissemos, não podemos concordar com a exclusão de nosso companheiro.<sup>69</sup>

Mesmo com o protesto, o senhor Maurício Abramovich assume a presidência em 03 de Janeiro de 1933, tendo como vice-presidente o sr. Bernardo Serson. Foi reeleito em 21 de Janeiro de 1934, mas demitido em 20 de Novembro do mesmo ano conforme a ata seguinte:

A diretoria, tomando conhecimento das cartas que V.S nos enviou resolvemos o seguinte:

- a) conceder unanimemente a demissão, assumindo o vice-presidente (Bernardo Serson) definitivamente a direção da Sociedade;
- b) Censurar V.S. em ata por ter abusado do cargo entregando a máquina de ginástica que se achava no Sanatório em São José dos Campos ao dr. Mindlin, sem conhecimento da Diretoria, quando não podia tê-lo feito sem autorização legal, e deixando assim em situação esmerada uma pessoa que muito nos merece. Este ato de V.S. foi reprovado por só ter sido conhecido agora, pelo encontro da respectiva correspondência e anotação devendo V.S providenciar a devolução da máquina.
- c) Notificar V.S. pelo presente, para mandar entregar à Ezra todos os documentos em poder de V.S. e pertencentes a nossa Sociedade, assim como prestar as contas das Matzas, do ano 1933, e que ainda não foram entregues por V.S., assim como as que se referem à coleta em favor do Sanatório, que são indispensáveis para o ajuste de contas, sob pena de ser V.S. chamado publicamente a prestar contas, o que queremos evitar;
- d) excluir V.S. do quadro social na forma do Art.12 do nosso estatuto, visto V.S. não ter pago as suas mensalidades desde Fevereiro do corrente ano, quando após o decurso de três meses os sócios são automaticamente excluídos, na falta de pagamento das respectivas mensalidades.<sup>70</sup>

Após sua demissão, assumiu o vice-presidente Bernardo Serson. Nas eleições de 1935, Benjamin Kulikovsky foi eleito presidente da Ezra, cargo que voltou ocupar em 1937, após um breve mandato de Bernardo Serson, e que exerceu até 1942 quando, pela lei do Estado Novo, estrangeiros ficaram impedidos de assumir presidência em instituições brasileiras. Não se sabe

---

<sup>69</sup> Ezra, ata do dia 20 de Dezembro de 1932, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>70</sup> Ezra, ata do dia 20 de Novembro de 1934. Fundo Ezra, Arquivo Historio Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

ao certo o porquê do breve exercício de Bernardo Serson, pois o livro de atas referente ao período de 1937-1939 não foram encontradas. Pode-se especular que o conflito entre este (ligado a diretoria de 1924) e Benjamin Kulikovsky (oposicionista) tenha acarretado a brevidade do mandato. Kulikovsky assumiria novamente a presidência em 06 de Junho de 1945 e a exerceria até pouco antes de morrer, em 1967.

Os embates ainda reverberavam na década posterior (1940), quando em ata registra-se isto:

O senhor presidente levou ao conhecimento dos diretores presentes, as acusações feitas pelo dr. Emílio Berezovsky contra a Ezra e o Sanatório e informando que tomará as devidas providências para desmentir categoricamente tais acusações feitas de molde a prejudicar a Ezra e beneficiar a Sociedade Beneficente dos Bessarabianos, que está **em formação**<sup>71</sup>.(grifo nosso)

Como consequência, houve um afastamento dos judeus de origem russa da direção da Ezra e estes “migraram” para sociedades congêneres como o Abrigo dos Velhos, fundado em 1937, cuja diretoria era composta por dr. Efim Mindlin, José Teperman, (ligados a diretoria da Ezra de 1924) e Leão Kasinsky (ligado a diretoria de 1934 de Maurício Abramovich). Na CIP é notável a preeminência da família Mindlin. O sr. José Mindlin (Filho do dr. Efim Mindlin) veio a presidir essa instituição, assim como Horácio Lafer (Vice-presidente da Ezra em 1924), assim como o sr. Emílio Berezovsky (tesoureiro em 1924), presidente da Associação dos judeus da Bessarábia. Essa “migração” pode-se explicar, além do conflito entre russos e poloneses, também pelo aumento da comunidade judaica paulistana que, de pouco mais de cinco mil pessoas em 1920, passou para 20 mil em 1940, gerando oportunidades para esses antigos líderes se restabelecerem.

Após a dissolução do conflito interno, destacou-se nos quadros diretivos a figura do sr. Benjamin Kulikovsky, um dos principais personagens da Ezra. Foi admitido como sócio em abril de 1928, por indicação do sr. Isaac Waismann. Em 1930, foi eleito vice-presidente, assim como em 1931 e 1932. Em 1935, assumiu a presidência pela primeira vez e ficou no cargo até 1937 quando, por um breve período, este é ocupado por Bernardo Serson. Em 1937, Benjamin Kulikovsky retornou à presidência da sociedade. Em 1939, ocorre mais um conflito por status dentro da instituição, protagonizado pelo sr. Kulikovsky.

---

<sup>71</sup> Ezra, ata do dia 28 de Dezembro de 1949, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

Na Assembleia Geral de 1939 foi aprovada por aclamação a construção de um novo pavilhão no Sanatório, que levaria o nome do presidente da instituição sr. Benjamin Kulikovsky. Mais tarde, por pressão de sócios e diretores, essa proposta teve que ser revogada, o trecho abaixo reporta a situação:

Pavilhão Kulikovsky – Em resposta à intimação feita ao sr. Benjamin Kulikovsky na sessão realizada no dia 02 de Julho na residência do sr. Luiz Engel, o sr. Kulikovsky apresenta a carta resposta por escrito na qual denuncia a honra a ele cedida pela Assembleia Geral:

Prezados diretores da Ezra e Sanatório Ezra. Em proposta a sua intimação feita a mim de uma parte da Diretoria em conferência no dia 02 de Julho de 1939, na residência do sr. Luiz Engel, aonde fui especialmente convidado, a qual intimação consiste em que eu abdicasse da honra da qual fui alvo na Assembleia Geral do dia 26 de Março de 1939 de que o novo pavilhão a ser construído levasse o meu nome, em vista de que a realização deste ato poderia trazer prejuízo aos interesses da Ezra.<sup>72</sup>

sr. Kulikovsky fica na presidência da Ezra até 1942, quando, por lei do Estado Novo, é obrigado a afastar-se da presidência e, em seu lugar, assume-a um brasileiro nato. Ainda assim, houve divergências entre este e o sr. Kulikovsky, quando:

Resolver recomendar o sr. Benjamin Kulikovsky, na circular a ser enviada aos sócios, subcomitês da Ezra e Sanatório Ezra e diretoria das demais sociedades e correligionários, como presidente do grupo de colaboradores junto a nova Diretoria, sem poder, entretanto, assinar com o atual presidente, secretário e tesoureiro quaisquer documentos oficiais da sociedade – como havia solicitado – por motivo de ordem legal, estipulado pelos estatutos sociais.<sup>73</sup>

Então, na sessão seguinte, o presidente efetivo recebeu uma carta:

Do sr. Benjamin Kulikovsky pedindo demissão do cargo de presidente dos colaboradores, ficando os sr. Moyses Kauffman, Emílio Berezóvsky, dr. Abrão Brickman e Elias Amstein, incumbidos da missão de falar com o sr. Kulikovsky a fim de retirar o seu pedido.<sup>74</sup>

Após o fim do impedimento legal, o sr. Kulikovsky foi reconduzido à presidência da instituição, em 06 de junho de 1945, de onde apenas sairia em 1966, um ano antes de seu falecimento. Também foi presidente da Cooperativa Popular de Crédito do Bom Retiro,

---

<sup>72</sup> Ezra, ata do dia 04 de Julho de 1939, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>73</sup> Ezra, ata do dia 13 de Maio de 1942, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>74</sup> Ezra, ata do dia 20 de Maio de 1942, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

concomitantemente a seu exercício na Ezra; dois cargos oportunos, pois lhe davam prestígio dentro da comunidade, um ligado a beneficência, outro ao setor financeiro.

Além dos conflitos aqui mencionados, houve outros de ordem menor. Eles podem ser explicados, pois a Ezra era uma importante instituição da comunidade judaica em São Paulo e uma das principais do Brasil nas décadas de 1920, 30 e 40, com subcomitês espalhados por várias cidades, em diversos estados, chegando a ser considerada a espinha dorsal da comunidade israelita paulistana. Quem assumisse a presidência da entidade também assumiria um importante papel na comunidade judaica.

sr. Kulikovsky figura entre os principais nomes da diretoria da Ezra, com três mandatos que juntos perfazem 28 anos. O terceiro, e mais longo, pode ter ocorrido por falta de interesse das demais elites locais em assumir a presidência da entidade, já que em 1946 foi criada a FISESP (Federação Israelita do Estado de São Paulo), desde então a principal instituição judaica paulistana.

Outro fato notório são as arbitragens de interesse. Enquanto era a principal instituição da comunidade, a Ezra fazia pequenas ações como arbitragem de interesse, que, de forma genérica, lembram ações paternalistas no sentido de evitar conflitos internos.<sup>75</sup> Em 1940 a comunidade judaica em São Paulo era formada por 20.379 pessoas e por 26.443 em 1950<sup>76</sup>. Numa comunidade de número reduzido, os integrantes deveriam fazer o possível para evitar conflitos e, sobretudo, um cisma. A seguinte ata dá exemplo da arbitragem do conflito entre um importante rabino e um destacado membro da comunidade:

Outrossim, é discutido o assunto referente ao arbítrio entre os senhores Rabino Wald e M.L. Gerson (Sócio), observando o sr. David Davidson de que este deve ser solucionado o mais breve possível, em vista de sua antiguidade. Fica incumbido o secretário administrativo de telefonar aos senhores Leon Feffer e Salo Wissman, que estiveram recentemente afastado de São Paulo, para ver quando estão dispostos a reunir-se com os demais senhores da Comissão para solução imediata do caso.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> THOMPSON, E.P, **Costumes em Comum**, revisão técnica: Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes – , Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

<sup>76</sup> SANSON, Daniel, **Características Socioeconômicas da População Judaica do Rio de Janeiro**, in Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, FFLCH-USP, Humanitas, São Paulo, 1998.

<sup>77</sup> Ezra, ata do dia 14 de Abril de 1946, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

Carta do *Talmud Tora*, sobre o arbítrio entre o Rabino Wald e M.L. Gerson. Resolve-se urgentemente convidar a comissão para resolver positivamente o assunto.<sup>78</sup>

A arbitragem do conflito acima mencionado envolveu personalidades locais e teve bastante clamor para evitar que dele derivasse um mal maior. Havia também o interesse financeiro nessas arbitragens, pois quando resolvido o conflito, muitas vezes as partes envolvidas doavam dinheiro à instituição, ou à pessoa, que tivesse feito a arbitragem.

Tendo ficado resolvida a questão entre os senhores Benjamin Elkis e Abram Gerecht, estes fazem um donativo de Cr\$ 100,00 e 50,00 respectivamente.<sup>79</sup>

Arbitravam também em situações que podiam infringir as leis vigentes, em atos que fossem contra a moral da época, ou mesmo em assuntos religiosos. Alguns exemplos nesta ata:

Em seguida, o sr. Weissmann relatou um caso de um tal Malinovitch, o qual sendo casado na Polônia, pretende casar-se aqui novamente com moça solteira.

O sr. Malinovitch achava-se justamente à sede e, sendo chamado a presença da diretoria a fim de prestar declarações, ele não negou o fato, alegando que não tendo recursos para chamar para cá a sua esposa, resolveu arranjar outra por quem acaba de apaixonar-se.

A fim de evitar que seja praticado tal crime, a comissão resolveu interferir energicamente neste caso e tomar providências que lhe competir.<sup>80</sup>

Discussão entre Zalman Levin e Aron Elwing em que este acusou o diretor Levin de negociar no *Shabat*, revoltado convoca um tribunal onde Elwing é julgado e condenado a 30 dias de suspensão.

O sr. Elwing deverá submeter-se imediatamente sem discussão e sem observação a uma das seguintes condições: comparecer no próximo sábado na Sinagoga Centro Israelita na hora das orações e do alto de uma tribuna pedir ao sr. Zalman Levin o seu perdão ou então será impedido de um dia que será obrigatoriamente amanhã, sexta-feira dia 16 do corrente.<sup>81</sup>

Durante a década de 1940, com a diversificação da comunidade judaica paulistana, a diminuição da entrada de judeus da Europa Oriental, bem como de necessitados assistidos pela Ezra, e a consolidação das demais instituições, nota-se a queda do prestígio da instituição dentro da comunidade local, alia-se a isto a formação da Federação Israelita do Estado de São Paulo (FISESP), criada em 1946 com o intuito de congregar todas as instituições locais das mais

---

<sup>78</sup> Ezra, ata do dia 16 de Maio de 1946, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>79</sup> Ezra, ata do dia 23 de Maio de 1946, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>80</sup> Ezra, ata do dia 14 de Setembro de 1930, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>81</sup> Ezra, ata do dia 12 de Maio de 1930, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

diversas finalidades. A Federação passa a administrar os conflitos internos, geralmente entre associações locais. Como se disse, a arbitragem é uma função essencial, pois os conflitos entre instituições poderiam levar a um cisma maior na comunidade, para além das diferenças entre judeus alemães e asquenazitas. A seguir, um exemplo de arbitragem da FISESP:

Federação – deverá ser enviada carta à Diretoria da Federação, pedindo intervenção na questão existente entre a Ezra e a Congregação, sobre os pagamentos em favor dos doentes desta última que não foram feitos há três meses e, ainda por motivos alheios a nossa vontade, não reponde às cartas enviadas neste sentido.<sup>82</sup>

Arbitragem – A propósito da arbitragem havida entre a Ezra e Congregação Israelita Paulista, o sr. Presidente informou que ficou resolvido que esta última instituição, colocará duas pessoas à disposição da Ezra, para trabalhar em prol da angariação de sócios judeus alemães. A Ezra convidará o sr. Jacob Bernstein para trabalhar junto com as pessoas indicadas pela Congregação para o fim mencionado.<sup>83</sup>

Federação – Deverá ser dirigida uma carta à Federação Israelita de São Paulo, a fim de pedir providências sobre a solução do assunto com a Congregação Israelita Paulista, assunto este que permanece em suspenso, sem solução definitiva.<sup>84</sup>

## **Relações externas**

A Ezra era ligada aos judeus asquenazitas: quase todos os seus diretores eram oriundos da Europa Oriental, ou tinham essa ascendência; todas as suas sedes localizavam-se no bairro do Bom Retiro (reduto asquenazita de São Paulo); em seus livros de ata há passagens em ídiche, e ela mantinha relações amigáveis com outras instituições asquenazitas (Associação dos judeus da Bessarábia, dos judeus da Polônia, dos judeus Lituanos, dos judeus de Securon). Até a década de 1940, quase 50 anos da primeira imigração de judeus para São Paulo, a Ezra ainda tinha fortes ligações com os judeus asquenazitas, como vemos no seguinte trecho:

O sr. Tynkielswartz propõe que, para o melhor andamento dos serviços, os diretores não falem às reuniões semanais e nas mesmas falem sempre em ídiche, em vista de alguns diretores não entenderem bem a língua portuguesa.<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> Ezra, ata do dia 05 de Abril de 1948, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>83</sup> Ezra, Ata do dia 20 de Abril de 1948, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>84</sup> Ezra, ata do dia 17 de Junho de 1948, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>85</sup> Ezra, ata do dia 07 de Junho de 1944, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

É de relativo conhecimento que judeus asquenazitas e alemães em São Paulo não mantinham relações amigáveis e que, a partir do momento da vinda de um número maior de judeus da Europa Central, essa animosidade se intensificou, principalmente após a criação da CIP, quando a elite asquenazita sentiu sua hegemonia local ameaçada. Tanto mais, com a disputa das duas para representar o *Joint* no Brasil e seu financiamento, que foi conseguido pela CIP, como podemos verificar nos trechos a seguir:

O sr. Presidente relata a mesa de que em palestra oficial que tive com o representante do *Joint*, ficou combinado de enviar por intermédio do atual representante no Brasil, dr. Leitchic, a diretoria do *Joint* na América um relatório minucioso acompanhado com os respectivos retratos sobre a atividade do Sanatório Ezra, com o fim de conseguir um empréstimo ou o título de donativo da grande obra Sanatório Ezra. O sr. Abramovitch – Diretor do *Joint*, prometeu de intervir neste sentido junto a diretoria.<sup>86</sup>

Convidar o sr. Chaim, representante do *Joint*, a fim de definir a situação da Congregação e Ezra mediante esta instituição. Esta proposta é apresentada pelo sr. Bernardo Lifschitz.<sup>87</sup>

O sr. Presidente da sessão, sr. Benjamin Kulikovsky, cumprimentou o hóspede e a seguir expõe a situação da Sociedade indicando que é necessário a colaboração do *Joint* para o progresso do Sanatório Ezra.

O representante do *Joint* faz saber que a Sociedade deve se manter a própria custa e não esperar auxílio das instituições de fora, pois a tarefa dos mesmos está difícilíssima na situação atual.<sup>88</sup>

Carta da Congregação Israelita Paulista, enviando anexo alguns exemplares da Organização Benéfica *American Jewish Joint Distribution Committee of New York*.<sup>89</sup>

Mas apesar das animosidades entre judeus asquenazitas da Ezra e judeus da Europa Central da CIP e sua constante luta pela hegemonia<sup>90</sup>, esta mantinha alguns internos no Sanatório e sempre convidava a instituição do Bom Retiro para eventos. Membros da instituição da Consolação (CIP) figuravam entre os sócios da Ezra como Luiz Lorch (admitido em 1933), Horácio Lafer, Salo Wissmann e Hans Hamburger. Apesar das rivalidades, durante a década de

---

<sup>86</sup> Ezra, Ata do dia 16 de Dezembro de 1940, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>87</sup> Ezra, ata do dia 08 de Julho de 1941, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>88</sup> Ezra, Ata do dia 27 de Novembro de 1941, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>89</sup> Ezra, Ata do dia 19 de Maio de 1943, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>90</sup> O autor entende por hegemonia o controle cultural e político de uma determinada comunidade

1940 houve interesse dos diretores de ambas as instituições em manter contato para preservar a imagem da instituição presidida e seu status dentro da comunidade.

Ainda na questão da hegemonia, o desejo de criar uma Federação no Estado de São Paulo era antigo e a Ezra foi uma das entidades que encabeçaram a primeira tentativa de fundá-la. Na década de 1940, e mesmo quando o CHB (Centro Hebreu Brasileiro), ligado aos asquenazitas, passou a protagonizar a criação da Federação, a Ezra esteve de acordo e seus diretores fizeram parte das primeiras diretorias, como se vê nos trechos seguintes:

[...] Em seguida dr. Raffalovitch propõe que esta sociedade tome a iniciativa de organizar uma federação Israelita de São Paulo.<sup>91</sup>

O senhor Benjamin Kulikovsky relata sobre a reunião que assistiu no Centro Hebreu Brasileiro, referente à representação federativa de todas as sociedades. Os presentes concordaram em aderir a esta iniciativa ficando para o futuro tratar-se mais amplamente do caso.<sup>92</sup>

Constituição do Executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo

Presidente: Leon Feffer, 1º vice-presidente: dr. Moses Hoff [conselheiro da Ezra em 1945], 2º vice-presidente: dr. Rodolpho Schraiber [médico do Sanatório em 1945], 1º secretário: dr. Rafael Markman [Secretário da Ezra de 1942 a 1944], 2º secretário: Jocab Schwartzburd, 1º tesoureiro: Ignácio Mayerovitch, 2º tesoureiro: Godel Kon, Conselho fiscal: José Teperman (conselheiro de 1924 a 1929), Isaac Teperman Sobrinho, Benjamin Kulikovsky (Presidente de 1935 a 1942 e de 1945 a 1966).<sup>93</sup>

Grande parte dos diretores da Ezra integrou a diretoria da FISESP, mais até do que os membros da CIP, que também tentara encabeçar a iniciativa. A diferença pode dever-se ao fato de a adesão à Federação ter sido mais agradável para os diretores da Ezra que para os da CIP, cuja composição interna, dividida em diretoria, assembleia de representantes e conselho, dificultava a unanimidade de opinião entre seus associados. Também a questão política e cultural, que será discutida no próximo capítulo, dificultava essa adesão inicial.

Os conflitos da Ezra não eram apenas com os judeus da Europa Ocidental. Havia-os com a imprensa local, seja com o Jornal da Imprensa Policial, por um caso de antissemitismo ocorrido

---

<sup>91</sup> Ezra, Ata do dia 24 de Setembro de 1933, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>92</sup> Ezra, Ata do dia 28 de Agosto de 1946, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>93</sup> Aonde Vamos, Revista do dia 07 de Abril de 1949, Fundo Aonde Vamos, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP.

no dia 12 de Outubro de 1930, seja com a imprensa judaica da comunidade paulista, que interferira na relação entre os diretores:

#### Relação com a Gazeta Israelita

Sobre este assunto, discutiu-se longamente. Falou em 1º lugar o senhor Presidente, que fez ver que a nova diretoria não pode assumir atitudes hostis contra qualquer órgão da imprensa e acha que esta é a alma de uma sociedade. Aconselha, portanto, para que esta sociedade reate as suas relações com o referido jornal, pois está devidamente informado de que o seu representante, sr. Costa, está pronto para publicar qualquer comunicado e a colaborar com a Ezra em todo o sentido. Falaram contra os srs. Benjamin Kulikovsky e Felipe Kauffmann, pois consideram o sr. Costa como o principal causador de todas as divergências surgidas ultimamente na colônia em relação à Ezra.<sup>94</sup>

O senhor Moysés Costa, redator do Gazeta Israelita, foi demitido do quadro de sócios da Ezra e, em retaliação a sua expulsão, outros quatro sócios pediram demissão: Isaac Schwartzman, Jacob Gordon, Abrão Azariah e David Kauffmann.

A Ezra mantinha contatos amistosos com diversas entidades, como a Policlínica Linath Hatzedek, Sociedade das Damas (mais tarde Ofidas), Associação dos judeus poloneses, Associação dos judeus da Bessarábia, Associação dos judeus da Lituânia, entre outras. Ao mesmo tempo, na década de 1940, a Sociedade das Damas anunciava sua fusão com a Gota de Leite da B'nai Brith e o Lar das Crianças para formar a Ofidas, a Ezra tentou uma fusão com a Policlínica Linath Hatzedek em 1943-44. Essa ideia, porém, não foi posta em prática, dadas as divergências entre os diretores das duas associações quanto ao Sanatório:

[...] sr. Wissmann: alguns diretores da Linath não querem trabalhar junto com a Ezra enquanto o sanatório não for vendido [...] dr. Markman chama a atenção dos presentes para a diferença das expressões usadas depois da venda do sanatório e depois da autorização da venda pela assembleia da Ezra [...] sr. Júlio Kupperman, queixando-se da leviandade de alguns diretores da Linath Hatzedek [...] pede que essa declare se quer ou não fazer a fusão mesmo sem todas as garantias e pede suspender as discussões por enquanto.<sup>95</sup>

Ao contrário do que se pode imaginar, a Ezra não tinha uma atitude isolacionista com relação à sociedade maior. Mantinha contato com instituições congêneres de outros grupos imigrantes, tal a *Assecurazioni Generale Trieste Veneza*, como se nota no trecho a seguir:

---

<sup>94</sup> Ezra, ata do dia 16 de Setembro de 1930, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>95</sup> Ezra, ata do dia 01 de Março de 1944, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

Passando a tratar da *Assecurazioni Generale Trieste* Veneza foi pelo digníssimo presidente sr. José Nadelman apresentado um relatório minucioso sobre a cerimônia realizada ontem, sábado, no Salão Club Carlo de Prete para comemorar o 1º centenário da companhia e para distribuir donativos às sociedades beneficentes, entre as quais foi incluída a Ezra e que recebeu também convite para participar desta cerimônia.<sup>96</sup>

Principalmente durante a era Vargas, a Ezra sabia lidar com o governo e as forças oposicionistas, participando de eventos nacionais, como a campanha em prol da quitação da dívida do país em Novembro de 1930, e a revolução de 1932, que mobilizou não só a Ezra, como também a Sociedade das Damas e a Policlínica Linath Hatzedek:

Devido ao conflito, foi deliberado criar um Comitê de Emergência com um Fundo Especial proveniente de uma coleta que será levada a efeito entre os correligionários de todas as classes. A criação deste convite ficará a cargo da Ezra, Representação Central, Linath Hatzedek e Sociedade das Damas Israelitas, ficando na sua direção, porém, o cargo exclusivo desta última sociedade. O socorro deste comitê consistiria exclusivamente no fornecimento de gêneros alimentícios que serão distribuídos na sede da Ezra... Na mesma sessão ficou também resolvido por unanimidade geral a promover no seio da colônia israelita uma subscrição em benefício da Cruz Vermelha a fim de demonstrar a nossa gratidão e nosso reconhecimento pela igualdade de direito e liberdade, que sempre temos gozado nesse grande e hospitaleiros estado.<sup>97</sup>

O testemunho demonstra que não tinham uma atitude isolacionista. Sabiam lidar com o poder executivo, tanto estadual, quanto nacional; sabiam como se portar diante de um governo cujas restrições a estrangeiros eram comuns; sabiam, ainda, lidar com a situação de restrição que era imposta pelo governo a estrangeiros súditos do eixo. Os trechos seguintes demonstram que as instituições utilizavam de estratégias para driblar as restrições governamentais:

A seguir, o Presidente relata sobre a viagem a São José dos Campos, de onde, junto com uma comitiva, viajou a Campos de Jordão, onde teve a honra de ter uma palestra com o governador do Estado dr. Adhemar de Barros. Sua Ex.<sup>a</sup> O Governador prometeu de visitar o sanatório nos dias 26 e 27 do mês corrente.<sup>98</sup>

[...] Encarrega-se a secretária para enviar um telegrama ao senhor doutor Getúlio Vargas e distinta família, apresentando-lhes nossos votos de pesar pelo doloroso golpe que acaba de ferir àquela distinta família, com o falecimento do senhor Getúlio Vargas Filho.<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> Ezra, ata do dia 22 de Maio de 1932, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>97</sup> Ezra, ata do dia 18 de Julho de 1932, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>98</sup> Ezra, ata do dia 13 de Janeiro de 1941, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>99</sup> Ezra, ata do dia 03 de Fevereiro de 1943, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

Recebida uma carta do dr. Lestchic, um modelo de ofício deliberando agradecer ao Ministro das Relações Exteriores, agradecendo a concessão de chamadas aos parentes da Europa.<sup>100</sup>

Dr. Markman relata de que a situação legal das diretorias não está bem definida, mas afirma de que os principais cargos devem ser confiados nas mãos dos Brasileiros natos.<sup>101</sup>

Dr. Gicovate nos informa que foi procurado por um médico israelita de origem italiana, candidatando-se ao emprego de administrador do Sanatório. Na sua opinião, não seria conveniente substituir o atual administrador que vem trabalhando a contento, mesmo porque a administração nas mãos de um médico, que por nossas leis não pode clinicar, poderia acarretar dificuldades.<sup>102</sup>

Mas, nesses anos de leitura de atas, a passagem que restou mais significativa foi:

Ainda pelo sr. Presidente é comunicado que o senhor Luiz Engel lhe informou ter saído da “lista negra norte-americana” e destinava por este fato, 5.000 cruzeiros como donativo para a Ezra.<sup>103</sup>

Procurando saber mais sobre a vida do sr. Luiz Engel, este pesquisador encontrou, num papel rascunho entre as atas da Ezra, a anotação de que era parente de Gerson Engel sobre quem, segundo Taciana Wiazovsky<sup>104</sup>, consta o seguinte:

**Gerson Engel**

Prontuário: 65.099

Profissão: Agricultor

Nacionalidade: Romena

Naturalidade: Budineti

Datas limites: Inicial: 29\12\1943

O prontuário se resume a um requerimento de Gerson Engel para aprovação de sua mudança de residência, conforme lei que regularizava tais situações em se tratando de súditos do Eixo durante a Segunda Guerra mundial. Gerson Engel tem seu nome entre os membros do Centro de Cultura e Progresso, que congregava judeus e era suspeito de difundir ideias comunistas.

A Casa de Cultura e Progresso, conhecida pela sigla ICIB, era ligada à esquerda judaica em São Paulo. A simples adesão a esse órgão não indica ser o individuo comunista, mas outros indícios ligam a família Engel a movimentos de esquerda. Luiz Engel foi presidente da Ezra

---

<sup>100</sup> Ezra, ata do dia 30 de Janeiro de 1939, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>101</sup> Ezra, ata do dia 15 de Abril de 1942, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>102</sup> Ezra, ata do dia 01 de Setembro de 1943, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>103</sup> Ezra, ata do dia 24 de Março de 1943, Fundo Ezra, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo-SP

<sup>104</sup> WIAZOVSKI, Taciana, **Bolchevismo e judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do Deops**, Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, São Paulo, 2001.

entre 28 de Março de 1944 e 06 de Junho de 1945, período de pouca informação em ata, de reuniões esporádicas e, na maioria das vezes, com ausência do presidente. Faleceu em 1950, mas em 1947 (ano de proibição do PCB), já não figurava no quadro de sócios da Ezra, em que não mais constava seu endereço de correspondência, talvez uma manobra para driblar as autoridades brasileiras.

Outro membro da diretoria de 1944 a 1945 é David Rosemberg, que possui o seguinte relatório no Deops:

Vulgo: Moshe

Profissão: Médico; industrial

Nacionalidade: Romena

Naturalidade: Bessarábia

David Rosemberg foi descrito pela polícia como militante ativo do PCB, tendo participado de muitas campanhas, dentre as quais, a manifestação em favor dos Rosemberg. Foi apontado como intelectual comunista ligado diretamente a Luis Carlos Prestes. O nome de David Rosemberg está contido na relação dos membros do Centro de Cultura e Progresso.

No mesmo livro de Wiazovsky, veem-se outros nomes de diretores da Ezra compondo o rol de suspeito de comunismo do Deops, como:

Alexandre Wainstein – **conselheiro da Ezra em 1924**

Vulgo – Carlos Garcia

Profissão: Comerciante, engenheiro, importador, editor

Nacionalidade: Russa

Naturalidade: Odessa

18-01-1932 / 14-11-1951

Acusado de ser intelectual comunista e de estar envolvido com outros intelectuais. Foi instaurado um processo de expulsão contra ele, sendo revogado pelo Decreto de 30 de março de 1936. Foi descrito como agente do Partido Comunista e possuidor de “grandes recursos pecuniários”, sendo financista. Considerado “elemento de relações no Corpo Diplomático do Rio de Janeiro”, ficou conhecido como o autor intelectual de uma “fuga espetacular” do presídio Maria Zélia, recapturado depois. Em seu poder foi apreendido material de propaganda e fotos de Luis Carlos Prestes, bem como correspondência entre ele e o prontuário. Wainstein era proprietário da empresa Editorial Pax, que publicava livros comunistas e que posteriormente foi fechada pela polícia. Foi classificado como representante do Exército Vermelho e acusado de manter relações com elementos do Movimento Unificador dos Trabalhadores (organização comunista orientadora de greves em 1945).

David Kauffmann – **Sócio da Ezra**

Prontuário: 75.958

Profissão: Negociante

Naturalidade: Romena

Naturalidade Briceni-Bessarábia

David Kauffmann foi vítima de um inquérito por estelionato e envolvimento com atividades delituosas da Organização de Fundos Universitário de Pesquisas para a Defesa Nacional (Somos Aliados), através da qual ele e outros companheiros pediam dinheiro alegando que seria para uma campanha de fundo patriótico. Em troca, entregava-se uma placa com a inscrição “Somos Aliados”. Segundo o relatório de janeiro de 1945, ele chegava a ameaçar aqueles que se recusavam a ajudar, dizendo que os denunciaria como pertencentes à quinta coluna (comunista). Verificou-se em 1936 seu envolvimento com uma célula intelectual comunista filiada ao Comitê Regional do Partido Comunista em São Paulo, sendo também responsabilizado junto com outros acusados por agitação comunista entre os operários e por fazer propaganda na Sociedade dos Moços Cristãos. Seu nome está entre os oradores que discorreram sobre doutrinas sociais durante convésio promovido por “uma das células mais em evidência na capital”, no Bosque da Saúde, segundo relatório de 16 de julho de 1946. O nome do prontuário está presente na lista de membros do Centro de Cultura e Progresso, cujos integrantes eram de origem judaica e cujas atividades eram vinculadas ao movimento comunista.

**Boris Alexandre – conselheiro da Ezra em 1942**

29-09-1939

O prontuário contém um telegrama de Montevidéu que solicita os antecedentes criminais de alguns cidadãos, dentre eles, o prontuário. A resposta ao telegrama aponta Boris Alexandre como um estrangeiro naturalizado brasileiro sem antecedentes criminais registrado. O nome de Boris Alexandre aparece à relação de membros do Centro de Cultura e Progresso, organização formada por judeus e identificada como comunista.

Anotar a justificativa da falta do dr. Abraão Huck à reunião de 06 de Maio, bem assim a do sr. Boris Alexandre, que também não pode comparecer por **motivo de força maior**.<sup>105</sup>

Impressiona ver figurar nomes de diretores da Ezra entre os membros do ICIB; mas, se esses integraram organismos socialistas, outros ainda fizeram parte do *Jornal Novo Momento*, formado por dissidentes do ICIB, como Tynkelswartz e Febus Gikovate. Parece que era comum as instituições beneficentes terem em seus quadros pessoas ligadas à esquerda, pois ocorria também na OFIDAS; e isso talvez se devesse à afinidade com a preocupação social ou ao fato de os militantes verem nessas instituições um local de ação da ideologia socialista.

A situação mudou em meados da década de 1940, quando o sionismo começou a ganhar força no Brasil e fundou-se a FISESP. A Casa de Cultura e Progresso não quis afiliar-se, ocasionando diversos conflitos entre judeus socialistas e judeus sionistas. Então, forçosamente, houve uma cisão política na comunidade judaica e cada instituição, fosse ela beneficente, cultural ou recreacionista, teve que definir de forma clara sua posição política e a de seus associados. Sionistas se concentraram na Unificada e posteriormente na FISESP e os socialistas no ICIB e Kadima.

---

<sup>105</sup> Ata de 13 de maio de 1942, fundo Ezra. Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

## Conclusão

Nota-se que a instituição surgiu no momento em que a comunidade judaica paulistana com pouco mais de 5.000 almas se consolida com a construção de uma sinagoga em 1915. Pode-se afirmar que, apesar dos anos de conflito bélico, sua construção configura como o início da grande imigração de judeus para a cidade de São Paulo. Conforme a imigração ia crescendo ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, a Ezra também aumentou sua importância dentro da comunidade chegando a ser considerada a espinha dorsal da comunidade judaica.

Sua importância cresce aos olhos das lideranças da comunidade que vêem na ocupação da diretoria de uma instituição de tal importância uma chance de crescer aos olhos dos membros da comunidade. Notamos muitas vezes que em busca desse status interno levou aos membros da diretoria em lutas internas nem sempre veladas, como nota-se nas leituras das atas da instituição.

As atas também nos mostram que além da beneficência a instituição também tinha outras funções tangenciais como o controle de indivíduos tidos por impuros como as polacas e caftens que aos olhos da sociedade maior não eram bem vistos e poderiam denegrir a imagem da comunidade. Assim como a instituição e seus dirigentes agiram na arbitragem de conflitos internos na comunidade, demonstrando a importância que a Ezra ocupou no seio da comunidade, principalmente aos judeus que residiam no Bom Retiro.

Com o fluxo contínuo da imigração ao longo da década de 1920 e em menor intensidade em 1930, a comunidade judaica paulistana aumentou em 300% e na mesma intensidade aumentou o número de instituições e a comunidade se diversificou em pessoas de mais diversas origens, vertentes religiosas e sobretudo política. O embate entre sionistas, não-sionistas e as vezes os progressistas, ganharam forças dentro da comunidade no mesmo período. A Ezra estava em constante contato com essas instituições, nem sempre amigáveis, disputas entre elas permearam a década de 1940 que muitas vezes tinham embates políticos entre sionistas e não sionistas. Qual seria a força política dominante na comunidade.

Dentro desse cenário de lutas interna e fluxo migratório crescente surge a instituição a ser analisada no próximo capítulo, a Congregação Israelita Paulista. Surgida de um grupo antagônico aquele da Ezra: judeus ocidentais liberais e não sionistas, vem com o intuito de formar uma congregação que liderasse toda a comunidade judaica local. Pretensão qual o setor ashkenazita

religioso não concordou. No próximo capítulo estudaremos com maior profundidade as origens desse conflito que estão na Europa do século XIX e como conseguiu cruzar o atlântico, e algumas vezes o pacífico, nas malas dos imigrantes.



# CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA

## Das origens à consolidação

Criada em 1936, a partir da iniciativa de um pequeno grupo de judeus, majoritariamente de origem alemã, já aqui estabelecidos, a Congregação Israelita Paulista (CIP) propunha modificar as concepções do judaísmo local, congregando todas as tendências, ortodoxas e liberais, sob o mesmo teto, com o mesmo objetivo, bem ao estilo das congregações da Europa Ocidental e EUA à época.

Suas origens, porém, não remontam somente àquela reunião em um grande salão da Rua Florêncio de Abreu; antes estão ligadas à criação da Loja Moses Mendelssohn, da *B'nai B'rith*, em São Paulo. O site oficial da instituição no Brasil<sup>106</sup> data sua fundação em 1932, já a cronologia da Congregação, que se encontra no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB)<sup>107</sup>, testemunha que a loja foi criada em 1931, por um grupo de judeus alemães aqui estabelecidos desde a década de 1920.

Moses Mendelssohn (1729 – 1786) foi um rabino e filósofo alemão considerado por muitos o precursor do movimento *Haskalá*, ou Iluminismo Judaico, que incentivava a integração do judeu à sociedade, a adoção dos valores iluministas e a valorização da educação secular junto com o estudo da História Judaica e do hebraico. Mendelssohn também é considerado o pai do judaísmo reformista. Já a *B'nai B'rith* é uma instituição internacional, com lojas espalhadas pelo mundo inteiro, criada em 1843 por Henry Jones e outros 11 imigrantes alemães em Nova York para ajudar os imigrantes judeus<sup>108</sup>. Na década de 1870, a instituição também passou a atuar contra o antissemitismo no continente europeu e americano. A partir do fim da II Guerra, passa a assistir os judeus na Palestina sob mandato britânico em campanhas *overseas* (além-mar).

---

<sup>106</sup> [www.bnai-brith.com.br](http://www.bnai-brith.com.br)

<sup>107</sup> Cronologia da CIP, fundo CIP

<sup>108</sup> Mais informações no site: [www.bnaibrith.org](http://www.bnaibrith.org)

No Brasil, a *B'nai B'rith* trabalhou no campo assistencial e de benemerência e um de seus serviços foi a Gota de Leite, direcionado a mulheres e crianças. O depoimento de Alice Krauss ajuda elucidar a atuação do grupo judaico-alemão nos primórdios da década de 30:

A Gota de Leite começou na Linath Hatzedek, tavam (sic) pedindo um ginecologista pra (sic) trabalhar lá de graça. Então, o dr. Lorch, que tinha chegado a pouco tempo da Europa, se ofereceu. Organizou este serviço [...] <sup>109</sup>

Em 1933, com a ascensão do nazismo na Alemanha e o início das perseguições aos judeus que lá estavam, muitos deles começaram a emigrar em grandes levas. Assim se iniciava um fluxo constante de imigrantes que se prolongaria até 1939, via Atlântico, e 1941, via Pacífico <sup>110</sup>, para o continente americano.

Neste contexto, foi criada em São Paulo por esse pequeno grupo de judeus alemães a Comissão de Ajuda aos Refugiados Israelitas Alemães (CARIA), que tinha por missão auxiliar financeiramente os judeus alemães recém-imigrados para o Brasil. Ela se mantinha por meio de doações de sócios e de instituições internacionais como a JCA, HIAS e *Hilfsverein deutscher Juden* (Associação de Auxílio dos judeus alemães). Em funcionamento até 1937, auxiliou cerca de 300 famílias, sendo mais tarde incorporada pela CIP. A HIAS avisava o número de judeus que saíam da Alemanha com destino a São Paulo e, ao chegar na cidade, eles eram recepcionados no porto de Santos e encaminhados a uma pensão, onde se mantinham pelo tempo necessário e, em alguns casos, recebiam assistência médica. Alguns dados sobre o auxílio da CARIA aos imigrantes <sup>111</sup>:

| Ano  | Número de imigrantes |
|------|----------------------|
| 1933 | 129                  |
| 1934 | 460                  |
| 1935 | 191                  |
| 1936 | 1021                 |

---

<sup>109</sup> Entrevista com Alice Krauss do Núcleo de História Oral do AHJB, entrevistadoras: Gaby Becker e Marflia Freidenson, São Paulo 19 de Fevereiro de 1992.

<sup>110</sup> Mais adiante relatarei um dentre muitos casos de refugiados judeus que imigraram para o continente Americano via Xangai e Japão até o início da guerra no Oceano Pacífico.

<sup>111</sup> KLEINER, Alberto, *Inmigración judia a Brasil*, Instituto Hebreo de Ciências, Buenos Aires, 1943.

|       |      |
|-------|------|
| 1937  | 624  |
| 1938  | 217  |
| 1939  | 1466 |
| 1940  | 498  |
| 1941  | 332  |
| Total | 5021 |

### **NACIONALIDADE DOS ASSISTIDOS PELA CARIA/CIP**

| <b>Nacionalidade</b> | <b>Número</b> |
|----------------------|---------------|
| Alemães e Austríacos | 3734          |
| Poloneses            | 545           |
| Italianos            | 69            |
| Tchecos              | 62            |
| Apátridas            | 232           |
| Outros países        | 458           |

Em 1934, foi criada pelos imigrantes auxiliados pela CARIA a Sociedade Israelita Paulista (SIP). Segundo seu presidente e fundador, dr. Walter Treuherz, o objetivo da entidade era “tornar os jovens conscientes e orgulhosos de seu judaísmo, aproximar o Brasil e São Paulo de seus sócios por meio de um melhor conhecimento do país, e, para momento posterior, unificar todos os grupos de judeus de diversas origens”, seguindo as diretrizes do filósofo Moses Mendelssohn de integração da coletividade judaica, independente da origem, e desta com a sociedade, sem perder a própria identidade. A preocupação com a juventude seria a orientação desse grupo imigrante ao longo de sua existência institucional.

Segundo informações da cronologia feita, os primeiros serviços divinos ocorreram na sede da *B'nai B'rith* na Rua 11 de Agosto, com cerca de 90 pessoas fazendo a leitura das prédicas enviadas pelo rabino Pinkuss, que estava em Heidelberg, na Alemanha. Foi nesta Sociedade que o jovem rabino Pinkuss realizou seus primeiros serviços divinos, após imigrar para o Brasil em

Setembro de 1936. Mais tarde, se tornaria o chefe do rabinato da CIP e um dos principais da coletividade judaica paulistana. A SIP funcionou até 1938.

No dia 04 de Outubro de 1936, em reunião na residência do casal Ludwig Lorch (mais tarde Luis Lorch) e Luiza Klabin Lorch, é decidida a criação da Congregação Israelita Paulista. Além do casal, estavam presentes Guilherme Krausz, Rabino Fritz Pinkuss, Theodor Rotschild, Leo Sideman, Salo Wissmann, Frederico Zausmer, Mme. Silvain Levy, Hans Hamburger, Robert Salomon, Albert Stahl e Ernst Wachtel. A princípio, os esforços da CIP estavam voltados para beneficência e auxílio aos refugiados judeus do Nazismo. Posteriormente, dada sua fusão com a CARIA em 1937 e com a SIP em 1938, amplia-se sua oferta de serviços, soma-se a esta a criação do grupo de escoteiros Avanhadava, do Lar das Crianças e do grupo ortodoxo, em 1937; e, em 1938, a criação do jornal quinzenal Crônica Israelita. A partir de então, divide-se em sete setores distintos: Serviço Social, Religião, Juventude, Cultura, Finanças, Administração e Feminino. Cada setor era autônomo, mas contava com delegados que compunham a Assembleia dos Representantes.

A organização interna da Congregação Israelita Paulista era semelhante à de governos da Europa Central: uma diretoria ou conselho fazendo o papel do executivo e uma assembleia dos representantes exercendo o papel legislativo. O Estatuto de 1939 dá uma visão de como a CIP funcionava internamente. Segundo ele, a Congregação seria administrada por uma diretoria composta de onze membros eleitos pela Assembleia dos Representantes, por simples maioria de votos, entre os sócios da Congregação, com mandato de três anos. Dela fazia parte, obrigatoriamente, o presidente da Assembleia dos Representantes, não podendo nenhum outro membro dessa assembleia fazer parte da Diretoria. Essa Assembléia, por sua vez, era eleita em Assembleia Geral, composta por todos os sócios. Supostamente, a diretoria e a Assembléia dos Representantes deveriam trabalhar em conjunto, sem que uma se sobrepusesse à outra; mas como se nota nas atas de ambas, ao longo da década de 40 isso não ocorreu. Em conflitos sucessivos, uma se sobrepunha à outra, por motivos diversos, que serão discutidos adiante.

Em 1939 e 1940 temos a chegada maciça dos judeus de origem italiana que, em sua maioria, também se estabeleceram na CIP, chegando a cargos importantes dentro da instituição. Os judeus italianos foram um dos grupos responsáveis pela divulgação do sionismo e da campanha pró-Israel entre os setores existentes.

A década de 40 testemunhou a consolidação da instituição, que passou a aplicar-se não só às ações em prol dos imigrantes, como também ao combate do antissemitismo, às campanhas unidas realizadas em conjunto com organizações locais e internacionais, à formação, em suma, de uma organização que unificasse as instituições.

Ao longo deste texto, pretende-se abordar alguns desses assuntos, bem como quais tenham sido as posições da CIP frente a questões relevantes que surgiram no período e como seus diretores administraram suas ações.

### **Imigração e Beneficência**

Assim como as demais instituições judaicas formadas anteriormente, a Congregação Israelita Paulista foi iniciativa de imigrantes, mas cujo perfil diferia daquele das primeiras décadas do século XX. Era composta majoritariamente por judeus alemães, mas tinha setores menores, ainda que significativos, como o italiano e o francês, logo incorporados.

Para traçar esse perfil, solicitam-se dados que Elena Levin<sup>112</sup> coletou sobre a vida judaica na Alemanha na década de 1930. Segundo Levin, a Alemanha tinha cerca de 500 mil judeus em 1930. Entre 1933 e 1939, metade desse contingente emigrou. A perseguição e a imigração forçada de judeus durante o III Reich repercutiu na sociedade. Segundo a própria autora, as faculdades de direito alemãs perderam 78,5% de seus docentes. Dois episódios que contribuíram para esse quadro: a outorga das leis de Nuremberg, relegando aos judeus a categoria de cidadãos de segunda classe, e o *Kristallnacht* (noite dos cristais), primeira ação violenta contra judeus a ter apoio oficial por parte do Estado Nazista.

Abaixo os dados coletados:

#### **Distribuição Geográfica dos judeus alemães em 1933**

| <b>Cidade</b> | <b>Pop. Judia</b> | <b>% pop local</b> | <b>% pop jud. Alemã</b> |
|---------------|-------------------|--------------------|-------------------------|
| Berlim        | 160.564           | 3,8%               | 32,1%                   |

---

<sup>112</sup> LEVIN, Elena, **História de una Emigración (1933-1939)**: alemanes judios en la Argentina, Belgrano, Buenos Aires, 1991.

|           |        |      |      |
|-----------|--------|------|------|
| Frankfurt | 26.158 | 4,7% | 5,2% |
| Breslau   | 20.202 | 3,2% | 4,0% |
| Hamburgo  | 16.885 | 1,5% | 3,4% |
| Colônia   | 14.816 | 2,0% | 3,0% |
| Leipzig   | 11.564 | 1,6% | 2,3% |

### **A divisão econômica do grupo judaico alemão segundo a ocupação em 1933**

| <b>Ramo Econômico</b>        | <b>Quantidade</b> | <b>% da população judaica</b> |
|------------------------------|-------------------|-------------------------------|
| Agricultura                  | 4.167             | 1,7%                          |
| Industrial e Manufatura      | 55.167            | 23,1%                         |
| Comércio e Transportes       | 147.314           | 61,3%                         |
| Serviços Públicos e Privados | 29.947            | 12,5%                         |
| Serviços Domésticos          | 3.377             | 1,4%                          |

### **Numero e porcentagem de judeus em profissões em 1933**

| <b>Profissão</b> | <b>Nº de profissionais judeus</b> | <b>% de judeus</b> |
|------------------|-----------------------------------|--------------------|
| Advogados        | 4.585                             | 24,6%              |
| Médicos          | 5.575                             | 10,9%              |
| Dentistas        | 1.041                             | 8,6%               |
| Químicos         | 715                               | 2,3%               |
| Veterinários     | 98                                | 1,6%               |
| Engenheiros      | 1.443                             | 0,7%               |

Notamos que, ao contrário dos judeus que imigraram anteriormente, a nova leva era constituída, em sua maioria, de profissionais liberais e residentes nos grandes centros da Alemanha. Segundo Kleiner,<sup>113</sup> vieram para o Brasil entre 1933 e 1941 cerca de oito mil judeus alemães, cinco mil deles se estabeleceram em São Paulo. Outros centros importantes que receberam imigrantes judeus no Brasil foram Rio de Janeiro, Rolândia e Porto Alegre.

Na Itália, os acontecimentos antisemitas começaram mais tarde; em 1936, surgiram polêmicas na imprensa; em outubro do mesmo ano, formou-se o eixo Roma-Berlim; em abril de 1937, foi publicado um livro totalmente antisemita, *Os judeus da Itália* de Paolo Orano.

Em julho de 1938, a imprensa italiana publicou o *Manifesto della razza*, que declarava, entre outras coisas, que “a população da Itália atual é de origem ariana e sua civilização é ariana, e os judeus não pertencem à raça italiana”. Em setembro do mesmo ano, com a intenção de consolidar a aliança com a Alemanha, foi decretado um conjunto de leis que passou a ser conhecido como *Leggi razziali* (Leis raciais). Entre 6 e 7 de outubro de 1938, aprovou-se *La Dichiarazione sulla Razza* (a declaração sobre a raça), que estabelecia quem deveria ser considerado judeu, proclamava a proibição dos casamentos mistos, determinava a expulsão dos judeus estrangeiros do reino (eram considerados estrangeiros os judeus que tinham adquirido a nacionalidade italiana após de 1919).

Muitos judeus emigraram da Itália nessa época, a maioria preferiu se estabelecer no continente americano, e o Brasil foi um dos destinos viáveis. Aqui vieram cerca de 100 à 120 famílias, dessas, cerca de 70 se estabeleceram na cidade de São Paulo<sup>114</sup> e formaram a chamada “Colônia Mussolini”, nome que simbolizava o caráter forçado da emigração do grupo. Assim como os judeus alemães, a maioria dos judeus italianos era composta por profissionais liberais, cientistas, químicos, engenheiros e comerciantes.

Como já se disse, a preocupação com a imigração e recepção do judeu da Europa Central é muito anterior ao estabelecimento da CIP. Vem desde a criação da *B'nai B'rith* e da CARIA, mas, a partir da criação da Congregação, o atendimento ao imigrante cresceu além da ajuda financeira e recolocação profissional. Nota-se nas atas da instituição e por parte de seus dirigentes uma preocupação em organizar cada vez mais a imigração desse grupo e apresentar esse novo

---

<sup>113</sup> KLEINER, Alberto, Op.Cit.

<sup>114</sup> CAMPAGNANO, Ana Rosa, **Intolerância contra os judeus italianos entre a emancipação e as leis raciais fascistas**, Vértice, 6ª edição, Humanitas, FFLCH/USP, São Paulo, 2001

imigrante às autoridades locais convencendo-as de que o judeu alemão e italiano é um judeu importante para a formação da Nação e do novo homem brasileiro.

O sr. Friedmann inicia a reunião. Ele, como também o dr. Lorch, voltam os seus pensamentos para a situação na Europa, criada pela guerra que acaba de irromper [...] Será necessário fazer sacrifícios no que se refere à comodidade e relativamente a costumes e maneiras que foram introduzidas de além mar, radicando-se nesta terra, dando também assim uma prova de nossa lealdade para com o país.

O dr. Lorch comunica, outrossim, sobre a preocupação daqueles que ainda não conseguiram regularizar sua situação. No meio dos recém-chegados diz o dr. Lorch, reina o medo e desespero. Ele descreve a situação como segue.

Existem diversas interpretações e informações sobre a Lei em vigor, a CIP, entretanto, está enviando esforços para obter informações mais precisas.<sup>115</sup>

Uma das propostas para convencer as autoridades brasileiras de que o imigrante judeu podia auxiliar na formação do novo homem brasileiro, amplamente discutida pela diretoria, era a implantação desse novo imigrante no interior para trabalhar com a agricultura.

Seguem diversas propostas [...] O sr. Gruenebaum pensa em uma fazenda para a formação de agricultores, cuja ideia ele julga realizável. O sr. Wissmann responde que por enquanto não se deixa entrar agricultores judeus, sendo que nem a ICA conseguiu possibilitar a entrada de agricultores judeus, munidos de um atestado do Ministério de Agricultura de Berlim [...] dr. Lorch responde, avisando que essas sugestões serão submetidas a uma verificação. Ele mesmo chama a atenção sobre a **necessidade de transformar a nossa gente em lavradores e agricultores**, quanto mais possível. O sr. Wissmann é da mesma opinião e salienta que devemos fazer propaganda para tal transformação.<sup>116</sup>

O sr. Friedmann propõe que se publiquem na Crônica de vez em quando artigos sobre as pequenas cidades do Interior. [...] Talvez esses artigos possam influenciar os recém-chegados no sentido de migrarem para o interior.

O sr. Klaus Blumenfeld acha que será possível interessar também os judeus que moram aqui, já há algum tempo, a irem para o interior [...] Sugere-se publicar as vagas de empregos no interior.<sup>117</sup>

A seguir o sr. Hoffmann pede tratar da questão dos imigrantes que ainda estão para vir – por pequeno que seja o seu número – no sentido dos mesmo fixarem residência também fora da cidade de São Paulo. Ele pensa em cidades menores e em colonização no interior do país.

O dr. Salomon comunica sobre as boas experiências que foram feitas por uma sociedade de colonização na Argentina e ele é de opinião que deviam ser educados jovens para a agricultura. Ele está pensando em uma chácara modelo. Fazem-se ouvir obstinações

---

<sup>115</sup> Ata de Reunião da Assembleia dos Representantes, 06\09\1939, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>116</sup> Ata de Reunião da Assembleia dos Representantes, 29 – 01 – 1939, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>117</sup> Ata de Reunião da Assembleia dos Representantes, 12-07-1939, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

relativamente a educação agrícola em chácaras modelos, por não se poder comparar a prática necessária aqui no Brasil com as necessidades européias.<sup>118</sup>

O sr. Friedmann comunica que o sr. dr. Berliner elaborou um questionário e que se deve pedir aos viajantes que levem para o interior e os devolvam preenchido a CIP. Este questionário deve ser a base da imigração para o Interior.<sup>119</sup>

A possibilidade de implantar imigrantes na agricultura era algo que realmente chamou a atenção da diretoria da CIP e teve por ela bastantes esforços para que tal empreendimento fosse possível, chegando ao ponto de haver relatórios elaborados por profissionais em colonização a pedido da própria diretoria, abaixo segue um desses relatórios:

#### Transplantação dos imigrantes judeus para o Interior

O dr. Berliner faz a seguinte exposição:

Para a transplantação dos imigrantes das capitais para o interior existem as seguintes possibilidades:

- a) Cidade do Interior (profissões correspondentes);
- b) Interior propriamente dito (para exercício da profissão agrícola).

Para a colocação no interior se oferecem essas possibilidades:

- 1) Distribuição para diversas fazendas e sítios já existentes
- 2) Associação em colônias rurais.

Para alcançar esses fins mencionados em a e b são necessários os seguintes trabalhos preparatórios:

- I – Determinar cidades adequadas – nem todas se prestam para esse fim;
- II – Escolher imigrantes indicados;
- III – Fazer propaganda no meio dos imigrantes pelas cidades do interior bem como pela vida nas aldeias.

Pedir-se-ia a viajantes comerciais para verificar, em suas viagens, cidades adequadas. Para esse fim deve-se lhes-ia por a disposição um questionário elaborado pelo orador. Deveriam descrever, a mão do questionário, as condições das cidades. Além disso, os viajantes comerciais deveriam descobrir homens de confiança para estar em contato permanente conosco.

Deveria lançar-se um apelo na Crônica, solicitando aos interessados de alistarem-se. É supor-se que o Departamento de Consultas possa julgar quem está indicado. Esse Departamento deveria organizar listas, divididas em pessoas com devido preparo (artífices ou agricultores) e juventude já saída da escola, a qual eventualmente poderá ser preparada.

É mister chamar o interesse dos imigrantes para o interior, tanto para determinadas cidades como para a vida nas aldeias. É necessário esclarecê-los sobre o fato de que nas

---

<sup>118</sup> Ata de Reunião de Diretoria e Conselho, 12\05\1938, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>119</sup> Ata de Reunião da Diretoria e Conselho, 15\08\1939. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

idades dos interior moram também judeus, que há lá também cinemas e que essas cidades também já estão providas de luz elétrica

Na Crônica deveriam ser publicados sem interrupção relatórios sobre as cidades do interior e sobre a vida nas aldeias, relatórios esses baseados nos questionários preenchidos e nas comunicações de imigrantes já radicados nos aludidos lugares, considerando especialmente a questão do clima.

[...] Pela emigração para o Interior a Congregação ficaria aliviada, do ponto de vista financeiro, além disso, essa emigração traria a vantagem de que essa gente poderia radicar-se no interior e aprender, com mais rapidez, a língua do país.

No intuito de colocar turistas no interior serão procuradas famílias que aceitarão imigrantes, contra ajuda em casa ou no comércio sem pagamento. Outrossim, oficinas e artífices, onde emigrantes poderiam trabalhar, trocar sua profissão ou para melhor desenvolver os seus conhecimentos já adquiridos em outras fontes, e que aceitariam jovens como aprendizes. Deveria ser verificado quais as profissões que têm futuro.

Para colocar imigrantes no interior cuja permanência no país já está devidamente regularizada, deverão ser encontrados oficinas e artífices que empregariam empregado e operários, contra pagamento.

Para colocação em aldeias deverão ser procurados fazendas ou sítios judeus que aceitarão pessoas solteiras ou famílias que dispõem já de alguns conhecimentos de agricultura ou também de pessoas que não dispõem de tais conhecimentos. Nessa altura o dr. Berliner observa que o sr. Gelman em Curitiba está empregando imigrantes e que o mesmo ainda aceitará outros.

Para a reunião de judeus em colônias rurais tornar-se-ia necessário a elaboração de um projeto de colonização. O orador chama a atenção para um projeto de colonização, elaborado por um sr. Levy, que já está no país há 12-14 anos. Ele recomenda elaborar um memorandum e entregá-lo às autoridades brasileiras, junto com o projeto de colonização acima mencionado. Ele declara prestes de elaborar o projeto dum tal memorandum. O dr. Berliner, diz que o projeto do sr. Levy é especialmente bom, porque o mesmo toma em consideração com igual carinho os interesses do governo e os dos colonos. Como é do conhecimento comum, cada colônia deve contar no seu meio pelo menos de 30% de brasileiros. Uma vez obtida a permissão do governo brasileiro e escolhida a terra, o financiamento, ao ver do dr. Berliner, não faria dificuldades. Não somente no Brasil seria possível realizar capitais consideráveis e sim, também, instituições norte-americanas contribuiriam. O dr. Berliner espera que não ficarão meras palavras o acima exposto e sim que siga a ação.<sup>120</sup>

Não é explícita a razão da diretoria dessa instituição incentivar a transformação do judeu alemão de perfil urbano e profissional liberal em agricultor. Possivelmente tenha sido para facilitar a entrada desse imigrante no Brasil, já que era do conhecimento de todos que o governo brasileiro priorizava braços para a lavoura. Atrelado a isso, havia a tentativa de mudar perante o governo e setores conservadores do Itamaraty a imagem do judeu, tido por muitos como urbano, comunista ou o liberal, que apenas sugavam a economia local. Por isso, a tentativa exaustiva por parte dos diretores em orientar os judeus imigrantes para o interior e para o campo. Algo

---

<sup>120</sup> Ata de Reunia da Diretoria\Conselho de Comissões, 30\08\1939, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

semelhante havia ocorrido na Argentina, entre os anos de 1921 e 1923, quando a política imigratória forçava os judeus a irem para o interior.

Não há casos documentados de judeus que tenham aderido à proposta da CIP e, assim como a ideia de colônias no interior surgira repentinamente, também desapareceu entre os diretores. Um dos motivos dessa mudança repentina pode ter sido a incompatibilidade do “novo” imigrante judeu com o serviço agrícola. Outro motivo pode ter sido a mudança da imagem do judeu perante as autoridades brasileiras, quando ele passou a ser reconhecido como o empresário desenvolvimentista, necessário à economia brasileira. Mas abre-se, ainda, uma terceira possibilidade, de que isso tenha sido apenas estratégia por parte da diretoria para melhor se relacionar com as autoridades governamentais e facilitar não só a imigração de judeus para o Brasil, como também o trabalho da Congregação para com os novos imigrantes, já que as atas deveriam ser registradas em cartórios e as entidades estrangeiras estavam em constante vigilância das autoridades policiais.

A imigração de refugiados do nazi-fascismo europeu ocorreu de forma intensa até Setembro de 1939 e, com a deflagração do conflito na Europa, as portas do Atlântico fecharam-se. Nos anos de 1940 e 1941 ainda temos, em menor intensidade, imigração via Xangai e Kobe. Eram refugiados que lá se estabeleceram no florescer do nazismo, durante a década de 1930, nos anos iniciais do conflito mundial na Europa e antes do bombardeio a Pearl Harbour. São conhecidos casos de judeus europeus que imigraram para os EUA via Pacífico, como o caso dos judeus lituanos salvos pelo cônsul japonês Chiune Sugihara, mas alguns imigrantes vieram para o Brasil, como se constata pelo artigo abaixo, retirado do jornal Crônica Israelita:

Entre Kobe e Santos: Relatório dos fatos por um membro da Comissão de Bordo do Montivideo Maru

A bordo do Montivideo Maru à Congregação Israelita Paulista

Pelos generosos presentes que nos enviaram à Baía, V.S., nos causaram grande alegria, pela qual não podemos agradecer suficientemente. A vida neste navio japonês é, infelizmente para nós, cheia de privações não só relativo à alimentação, como também ao alojamento, ao asseio e tudo o mais. Pelas coisas que V.S., nos ofereceram, já havíamos, por assim dizer, suspirado e, por esse motivo, nem nos é possível achar termos acertados para expressar-lhe em que extensão V.S. nos ajudaram em nossa situação.

É para nós uma sensação de felicidade saber, depois de termos escapado do inferno alemão, que, apesar de tudo, ainda há no mundo inteiro amigos prontos a nos ajudarem e a fazerem sacrifícios tão grandes como V.S. agora nos provaram. Não deixaremos de divulgar amplamente o conhecimento de seu espírito de abnegação e de sua

inquebrantável vontade de auxiliar, nem esqueceremos as horas que nos amenizaram pela sua rica dádiva.  
Mais uma vez, profundamente reconhecidos.  
Pelos 120 passageiros  
O Comitê de Bordo.<sup>121</sup>

Em Outubro do mesmo ano, há mais notícias de refugiados imigrados via Japão e o mesmo jornal noticia que em 1944 havia em Xangai cerca de 25 mil refugiados de guerra, esperando visto para emigrar para o continente americano. Seus principais destinos seriam EUA e Argentina e seus destinos secundários Brasil, Paraguai e México. Essa imigração via extremo oriente continuaria mesmo após o fim do conflito mundial, acentuando-se em 1949, com a Revolução Chinesa:

04 de Janeiro de 1949

Recebemos hoje o telegrama de 03 do corrente sobre a atuação do Consulado brasileiro em Xangai favorável a concessão de vistos para os emigrantes judeus. Agradecendo esta comunicação acrescentamos que dos nossos arquivos não consta nada sobre a Tony Scheer, mencionada no telegrama.<sup>122</sup>

*December 28, 1949*

*American Joint Distribution Committee  
Re: Munter, Leo and Anna*

*With reference to your letter of November 28, 1949, we beg to inform you that finally we were able to collect the information required by you which we beg to state here after:*

*2) Place of residence during last 10 years: Berlin, Germany, Shanghai China.  
Date when left – when arrived: left Berlin on July 15, 1940, arrived in Shanghai August 5, 1940, left Shanghai April 22, 1949, arrived in São Paulo in End of June 1949*

*3) Reason for leaving country of origin or last residence: Left Germany on account of racial persecutions. Left China an account of war and approaching communism.*

Entre os anos de 1941 e 1945, com a imigração praticamente a zero, a beneficência ganha mais espaço na CIP. Era um dos principais departamentos dentro da Congregação e isso se devia ao número de necessitados na época, bem como ao fato de ser um dos setores com maior orçamento, devido a ajuda financeira do *Joint*. Era nos anos de guerra presidida por seu principal benfeitor, dr. Luiz Lorch. O depoimento do rabino Pinkuss ajuda a elucidar esse contexto: “O

---

<sup>121</sup> Crônica Israelita, 01-02-1941, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>122</sup> Joint, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

dinheiro para manter tudo que é cultural-religioso veio local. O dinheiro de ajuda veio do Joint. E foi bastante devolvido nos anos que a gente progredia na profissão dele”.

Dr. Luiz Lorch também era representante do *Joint* no Brasil durante o conflito mundial, até ser substituído pelo dr. Alfred Hirschberg. Ao longo deste capítulo ficará patente que o *Joint* teve papel muito importante, principalmente na imigração pós-guerra, e os nomes Lorch e Hirschberg também se repetirão quando se analisarem o sionismo e a adesão, ou não, da CIP à FISESP.

O dinheiro de auxílio do *Joint* foi conseguido ao longo dos anos com sucessivas viagens do Casal Lorch (dr. Luiz e dna. Luiza Lorch) aos EUA. A primeira dessas viagens foi em 1936 e a segunda em Abril de 1937. De acordo com o depoimento de Francisco Bernardo Lorch<sup>123</sup>, filho do casal, nessas duas viagens foram angariados US\$70.000,00 para auxiliar no estabelecimento do setor de beneficência.

Ao ler o livro de Alice Irene Hirschberg<sup>124</sup>, fico sabendo que o setor de beneficência possuía seis subsetores distintos: recolocação profissional, socorro financeiro, legalização, feminino, lar das crianças e ensino de idioma. Cada dependência funcionava de forma autônoma e, segundo Hirschberg, essa subdivisão se impunha como decorrência da amplitude de suas atribuições: auxiliar a imigração através do preparo, envio de chamada e legalização da situação dos refugiados, pois era grande o número dos que entravam no país com visto de turista, válido por seis meses e sem direito ao trabalho; amparar os refugiados, elevando-lhes o moral, ajudando-os a obter empregos adequados e orientando-os no processo de adaptação a outros aspectos do novo ambiente.

**Setor jurídico** – *Rechtsberatungsstelle* – seção cujo âmbito abarcava a imigração, migração, permanência, legalização, ratificação de permanência de portadores de visto de entrada “temporária”, efetivação de chamadas de parentes, ficou sob os cuidados dos srs. Hamburger e Zausmer. Calcula-se que cerca de 700 a 800 pessoas valeram-se desse expediente e, até 1938, cerca de 600 chamadas foram encaminhadas por este setor.

**Socorro financeiro** – *Wirtschaftsberatung* – entre os objetivos manifestos desse setor, incluíam-se todas as etapas necessárias para que o recém-chegado tivesse meios de erigir sua vida

---

<sup>123</sup> Entrevista de Francisco Bernardo Lorch, entrevistadoras: Gaby Becker, Marília Freidenson e Olívia Haftel, São Paulo, 04 de Agosto de 1996. Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>124</sup> HIRSCHBERG, Alice Irene, **Desafio e Resposta: A história da Congregação Israelita Paulista desde sua fundação**; CIP, São Paulo, 1976

econômica e familiar. Para tanto, propiciava o sustento da família, incluindo cuidados médicos e hospitalares quando necessários, o pagamento de aluguéis, pensões, anúncios em jornais para obter melhores empregos, aconselhamentos e orientação profissional. Esse setor emprestava dinheiro aos que estavam sem recursos para manter despesas com moradia, alimentação e pequenos gastos e só suspendia o serviço quando a família alcançasse condições de autossustentação.

**Setor Feminino** – *Frauenberatung* – funcionava no âmbito da Assistência Social, ocupando-se primordialmente de senhoras, dando-lhes orientações quanto a questões de ocupação, vestuário e instrução de atividades domésticas sob as novas condições climáticas, já que uma série de usos e costumes, alimentos etc. diferiam enormemente dos da velha pátria. Cuidavam também dos enfermos e procuravam dar condições de profissionalização às moças.

**Lar das Crianças da CIP** – como era comum entre os casais de imigrantes que as esposas tivessem trabalho remunerado fora do lar, aos poucos se avolumou o problema do cuidado de seus filhos. Dessa situação criou-se o Lar das Crianças, onde recebiam aula de português e religião. O Lar desempenhou um papel multiforme, além de cuidar da criança enquanto seus pais trabalhavam, também ajudou na tarefa de adaptação do imigrante ao novo meio. O Lar foi constituído por meio da ação do setor feminino, como se constata pelo depoimento de Alice Krauss:

A mãe da d. Luisa era diretora da Sociedade das Damas Israelitas. Ela, a Nessel Lafer e mais uma. Então a gente conversou com ela sobre o que a gente podia fazer pra ajudar melhor e daí surgiu a ideia de fazer uma creche assim as mulheres podiam trabalhar.

Ao longo dos anos pós-guerra, já consolidados o setor de beneficência e as relações com o *Joint*, a CIP dirigiu a imigração e recepção dos refugiados pós-guerra de forma diferente dos anos anteriores ao conflito mundial. Após a divulgação das ações dos campos de extermínio e o ainda existente antissemitismo entre a população européia, a Congregação decidiu agir em conjunto com outras instituições, locais e internacionais, na recepção e integração desse imigrante em solo brasileiro, criando o chamado Comitê de Emergência. Seguem-se trechos de debates sobre a formação desse comitê:

O dr. Hamburger relata sobre a criação dum comitê de emergência formada na perspectiva duma imigração considerável. A CIP é representada neste comitê pelos srs. Eberhardt, dr. Hirschberg e dr. Hamburger. É o conceito dos representantes da CIP que este comitê não seja uma nova organização beneficente, ao lado das outras já existentes, mas sirva principalmente para coordenar o trabalho destas organizações e para obter uma colaboração íntima dos *landmannschaften* a fim de criar condições psicológicas favoráveis aos novos Imigrantes.<sup>125</sup>

#### Comitê de Emergência

O dr. Hamburger comunica que atualmente o saldo credor da CIP proveniente de contínuos adiantamento importa em Cr\$ 57.000,00. O assunto foi amplamente discutido, ficando, sem seguida, resolvido:

1) Encerrar, desde já, a atividade da CIP a respeito dos imigrantes que vierem a chegar, com exceção da ajuda aos assim chamados transmigrantes. Deve-se aconselhar aos novos imigrantes que se dirijam aos respectivos *landmannschaften* ou, nos casos apropriados, à Ezra, Linath Hatzedek, etc.

[...]

f) Assunto dos transmigrantes

O dr. Hamburger deu conhecimento da carta do Comitê Auxiliar do *Joint* a esta Congregação de 27.01.48 com a cópia anexa da carta do *Joint* Buenos Aires, 19.01, dirigida ao Comitê auxiliar do *Joint*, carta essa que se refere ao serviço de migração e especialmente de transmigrantes. As condições estipuladas naquela carta do *Joint*, Buenos Aires, traria consigo uma grande complicação do trabalho desta Congregação porque a CIP teria desta maneira sempre de recorrer ao Comitê auxiliar não somente para obter o dinheiro necessário para o serviço de transmigrantes, mas também para obter as informações a respeito de chegada dos navios, listas de passageiros etc.<sup>126</sup>

Noticiando a vinda dos primeiros imigrantes do pós-guerra e a fundação do Comitê de Emergência

Presidente: Benjamin Kulikovsky

1º Vice-Presidente: Salomão Tynkelschwartz

2º Vice-Presidente: Orenstein

Secretários: Naspitz e dr. Hirschberg

Tesoureiro: Alfred Rector e Cecil Roth

Membros: dr. Hans Hamburger, Nordon, Luiz Lorch, Antonieta Feffer e Elfrida Marx.

Decorreram seis semanas desde que chegou a São Paulo, o primeiro grupo de imigrantes... O 1º secretário, senhor Naspitz, leu o relatório elaborado pelo 2º secretário, dr. Alfred Hirschberg, sobre o rumo do trabalho do Comitê de Emergência (...) Um total de 174 pessoas estavam até a noite de 21 de Janeiro registradas com o Comitê, entre elas 102 homens, 47 mulheres e 25 crianças. O comitê devia alojar 143 dos quais, entretanto, 66 já encontraram moradia própria. Dos 102 homens, 55 são artesãos, 4 agricultores, 4 engenheiros técnicos, 2 aprendizes, 2 médicos, 31 comerciantes e 4 sem profissão.<sup>127</sup>

Pelos exemplos, nota-se uma mudança geral no auxílio aos judeus imigrantes e necessitados. No período anterior à guerra, as instituições funcionavam de forma isolada e

<sup>125</sup> Ata da Assembleia dos Representantes, 17-11-1946, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>126</sup> Ata da Diretoria e Conselho, 17-02-1948, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>127</sup> Crônica Israelita, 08-02-1947. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

voltavam-se apenas para seus conterrâneos. Com o fim do conflito mundial, surgiu entre elas um vínculo comum: a ajuda às vítimas do holocausto. Isso as forçou a esquecerem, por um breve momento, as diferenças regionais e agirem em conjunto, como se vê no relatório trienal a seguir:

Relatório da Congregação Israelita Paulista – 1945 – 1947

Colaboração com outras entidades israelitas

[...] No setor da Assistência Social esta cooperação da CIP com sociedades locais congêneres continuou.

A própria CIP especialmente contribuiu para isso com o seu Lar das Crianças e a sua Colônia de Férias. A já tradicional colaboração com a Ofidas não só nos cursos vocacionais dessa instituição, mas também em muitos casos da assistência geral fomentada e aumentada. O mesmo deu-se com a Ezra, e em certos casos com a Linath Hatzedek e o Asilo dos Velhos.

[...] Deve-se assinalar o fato de que a Ajuda Geral aos necessitados em São Paulo precisa de uma reorganização. Enquanto certas categorias de necessitados têm a sua disposição instituições, especialmente criadas para certos fins: a Linath Hatzedek para doentes ambulantes, a Ofidas para socorro a senhoras e crianças, o Asilo dos Velhos para os velhos, a Ezra para tuberculosos e o Lar das Crianças e a Colônia de Férias da CIP para crianças; o mesmo não se pode dizer da Ajuda Geral. Ela é feita em grande parte pela CIP, em parte pela Ezra, e em pequena parte também por outras organizações sem que haja uma delimitação certa. Também a colaboração entre estas sociedades está longe de ser perfeita, apesar de todos os esforços para conseguir uma estreita cooperação. Será uma das tarefas mais importantes dos próximos anos de melhorar este estado de coisas e a CIP está pronta a colaborar numa tal organização.<sup>128</sup>

Essa ajuda além-mar era dividida entre ajuda aos judeus que estavam em Israel e judeus que estavam em campos de refugiados na Europa. Essas campanhas também mudou o modo de arrecadação para campanhas, pois até então era de modo simples com ação direta, onde se pedia de casa em casa, em sinagogas que os ocidentais ironicamente chamavam de *Schnordem* (modo como os judeus ocidentais chamavam ironicamente essas arrecadações), passando a ter campanhas globais e com ajuda de instituições especializadas.

Essas campanhas também conseguiam superar no momento as diferenças políticas, instituições sionistas e não sionistas se uniam para a campanha e juntas aproveitavam para iniciar uma campanha de arrecadação de verbas para as instituições locais. A questão financeira se sobrepunha as diferenças políticas entre elas, assim como a manutenção dessas instituições que eram os pilares da comunidade.

---

<sup>128</sup> Relatório CIP, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

Junto com o sentimento de ajuda, pode-se notar a tentativa da CIP em se tornar líder comunitária local, projeto inicial da instituição desde sua fundação em 1936. Outro fator decisivo nessa união é a criação da Federação em 1946. Apesar de a CIP não fazer parte dela até 1952, por questões internas, ambas trabalharam em conjunto nesses seis anos, principalmente no que se refere a campanhas unidas anuais, pois os responsáveis pelo setor de beneficência eram a favor da adesão à FISESP.

Em consequência dessa divergência, a CIP não entrou na Federação (em organização), mas com o consentimento da diretoria, dois membros do Conselho da CIP, dr. Ernst Koch e Albert Hoffmann, aceitaram a sua eleição para a Diretoria da Federação, sendo que eles foram eleitos não como representantes da CIP, mas sim individualmente. Também com o consentimento da Diretoria, a CIP tomou parte ativa na Campanha Unida que a Federação promoveu em prol das sociedades beneficentes e educativas.<sup>129</sup>

Outra instituição muito importante na imigração pós-guerra foi o *Joint*. Com escritórios em várias cidades do mundo, auxiliava na transição dos refugiados da Europa para a Palestina\Israel e o continente americano, deixando bem claro que era apenas uma agência de imigração e não de emigração. Eis alguns exemplos dessa ação:

*July 5, 1948*

*Roma, Itália*

*In view of the present difficulties involving the issuance of overseas visas to our clients in Europe, we would like to propose, as a suggestion that, you investigate the possibility if the countries such as Rumania, Poland, Czechoslovakia, Hungary, Jugoslávia, Bulgaria, Greece, would issue an exit permit on the strength of a letter written by a consul of a South American country here, in São Paulo*<sup>130</sup>.

*March 30<sup>th</sup>, 1949*

*Our Bari office has advised us that the a\n families are not interested anymore to emigrate to Brazil, as they will be leaving for Israel in the very near future.*<sup>131</sup>

*December 9, 1948*

*The sponsors wants now that you try to obtain whatever visa is available for a south American country, even a tourist one, with a possible transit Brazil, so that sponsor could arrange their stay in this country.*<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> idem

<sup>130</sup> Joint, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>131</sup> idem

<sup>132</sup> idem

February 1, 1950

*American Joint Distribution Committee – European Headquarter, 23, Rue Dumont-D'Urville*

*To: Comite Auxiliar – São Paulo*

*Re: Emigration from Israel: Secondary Emigration*

*Several of our offices have had inquiries from Israel asking for information and/or assistance for People in Israel to make emigration plans to other countries*

*This is to confirm the information which we have already had occasion to give the field offices on individual cases; namely, that the AJDC will not assist people in emigrating from Israel. Israel, like the USA, Canada, Australia and some South American countries, is considered a country of immigration and resettlement. People wishing to leave such countries cannot look to us for assistance.*<sup>133</sup>

“October 19, 1949

Re: Correspondence on Emigration cases in Poland

Despite the instruction we sent you in our Field Letter nº 5 on February 23<sup>rd</sup> of this year asking you not to correspond directly with AJDC office in Warsaw on emigration cases, many of you are still doing so. This is embarrassing to our AJDC representative in Warsaw. (...) if you have any problems on pending emigrated cases in Poland, send the letter to us; we will take the necessary action and keep you informed.”<sup>134</sup>

O apoio do *Joint* ajudava a CIP a manter-se financeiramente nos primeiros anos de atividade. Além disso, ser a representante no Brasil de uma instituição internacional importante conferia à Congregação status privilegiado em relação às demais associações locais.

Como se pode notar, beneficência e imigração foram o foco principal da CIP nas décadas de 30 e 40, e, enquanto o setor de beneficência da instituição ia se consolidando, a forma de dirigir o processo de imigração mudava. Primeiro, o auxílio era feito de forma isolada e dirigido para os conterrâneos; depois passou a ser gerido em conjunto com outras instituições, locais e internacionais. Não há como falar em imigração judaica sem lidar com o antissemitismo, apesar de não ser o assunto principal dessa dissertação, é importante abordá-lo para entender a imigração do grupo.

---

<sup>133</sup> idem

<sup>134</sup> idem

## Imigração e Antissemitismo

Sem sombra de dúvidas, o antissemitismo foi o principal motivador de imigração da Europa no século XX. Desde os *pogroms* do Império Czarista ao sentimento antissemita na Áustria e à ascensão do nazi-fascismo na Alemanha e Itália. Ao longo das últimas duas décadas, tem-se discutido quase à exaustão a plausibilidade de classificar como antissemita os governos Vargas e Dutra. Dentre os que desenvolveram o tema, destacam-se a professora dra. Maria Luiza Tucci Carneiro<sup>135</sup>, o dr. Roney Cytrynowicz<sup>136</sup> e o Professor dr. Jeffrey Lesser<sup>137</sup>. Durante a pesquisa de campo e o contato com as fontes foi possível constatar que o antissemitismo que alguns imigrantes judeus aqui sentiram era muito menor que o preconceito experimentado por eles na Europa em anos anterior. Como Alice Krauss comenta, um ditado muito popular na Áustria no início do século XX era: “Ele é judeu, apesar de ser judeu é uma pessoa honesta”. No Brasil, não há registro de ditos populares ofensivos a judeus, a não ser em casos regionais onde a religiosidade cristã é muito forte, mas não caracterizando um antissemitismo racial como havia no velho continente desde o século XIX.

Carneiro escreve seu doutorado na segunda metade da década de 1980, contemplada pelo momento de transição entre o governo militar e o novo governo democrático e imbuído no clima de “diretas já” e fim da censura ela descobre documentos confidenciais do Itamaraty no Arquivo Nacional sobre imigração judaica durante a Era Vargas. Ela demonstra que o antissemitismo brasileiro tem suas raízes no período colonial e as visitas dos tribunais do Santo Ofício no século XVII. A religiosidade e preconceito religioso da metrópole portuguesa perpetuou fortemente na sociedade brasileira ao longo dos séculos XVIII e XIX.

No início do século XX alguns teóricos brasileiros baseados em teorias racistas europeias, vão começar a debater o tipo ideal de imigrante para o desenvolvimento do homem brasileiro, qual seria o melhor tipo. Esse debate adentra os anos do governo Vargas e o Estado Novo e surge novas figuras nesse debate como o integralista e antissemita notório Gustavo Barroso. Foi a partir

---

<sup>135</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; **O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)**; Brasiliense, São Paulo, 1988

<sup>136</sup> CYTRYNOWICZ, Roney; **Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos de 1930 e 1940**. In GRINBERG, Keila, *Os judeus no Brasil: Inquisição, Imigração e Identidade*, Rio de Janeiro, 2005.

<sup>137</sup> LESSER, Jeffrey; **Brasil e a Questão Judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito**, tradução: Marisa Sanematsu, Imago, Rio de Janeiro, 1995

desse momento que segundo a autora o antissemitismo brasileiro deixa de ser apenas religioso e passa a ser científico também. E no meio desse debate a época, Vargas e seu ministro das relações exteriores Oswaldo Aranha decidem emitir circulares secretas proibindo a entrada de judeus em solo brasileiro.

Posteriormente pesquisadores como Cytrynowicz e Lesser, conjuntamente com Chor Mayo revisaram o papel de Vargas, Oswaldo Aranha e dos cônsules na imigração judaica para o Brasil, mostrando que haviam brechas na restrição aos judeus e que era de livre arbítrio a escolha de conceder ou não vistos aos imigrantes e que o antissemitismo no Brasil era estritamente religioso e pontual, não alcançando a ampla população brasileira. Portanto falar em antissemitismo no Brasil durante a década de 1930 não seria plausível. Concordo com a visão dos dois autores supracitados e demonstro que o imigrante judeu utilizava de ferramentas para driblar essa restrição e que ela não era tão secreta assim e o livre arbítrio era muito utilizado entre os cônsules brasileiros.

Outro fator que corrobora essa observação são dados da própria imigração. Apesar da famosa circular secreta 1.249, que proíbe a imigração de origem semita no Brasil em 1938, entre 1939 e 1941 entraram no Brasil 2.286 judeus segundo dados da CARIA/CIP. A própria circular lhe dava brechas, ao aceitar a entrada de capitalistas e estudiosos com o intuito de incentivar o crescimento da Nação. Além disso, um contingente considerável entrou com visto de turista e aqui regularizou sua situação.

O governo Vargas fazia restrições de classe aos imigrantes, segregando aqueles que não eram interessantes ao projeto de construção da nação: comunistas e pessoas de nível social baixo; ao passo que incentivava a entrada de industriais, capitalista, estudiosos e turistas. Isso sugere que aos olhos das autoridades brasileiras, a questão racial era menos importante do que a questão de classe.

A CIP sofreu ações e restrições do DEOSP-SP, como se pode ver nos relatórios abaixo:

Informações obtidas em torno do edifício sito na rua Barão de Piracicaba nesta capital

A casa acima mencionada é visitada frequentemente por pessoas de ambos os sexos, pessoas essas de aparências suspeitas. Nota-se em maior número russos, alemães, poloneses e pretos, estes últimos pude constatar que dois falam perfeitamente o russo (dialeto)

A entrada é sempre fechada, a efeito de após haverem trocados sinais, presenciei por diversas vezes que o sinal mais usado é: tocar a testa com a mão direita e logo em seguida beijá-la.

São Paulo, 9 de Novembro de 1937

Chegando ao conhecimento desta delegacia que no prédio nº 670 da Alameda Barão de Piracicaba é ponto de reunião de estrangeiros suspeitos que ali vão para fins desconhecidos, determino ao Escrivão que, A. esta, se transporte com esta Delegacia ao referido local onde deverá ser procedida rigorosa verificação e apreensão de todo e qualquer material que constitua objeto de interesse para a Polícia em defesa da ordem político-social.

Para presidir a diligência e respectivo inquérito designo o sr. dr. Guilherme Pires e Albuquerque, delegado adido.

O que foi apreendido:

[...] procedida a verificação ordenada foram apreendidos os seguintes documentos: três fichas diferentes, mimeografadas, em língua portuguesa e alemã, indicando requisitos a preencher para entrada de estrangeiros no Território Nacional; três bilhetes redigidos em língua alemã, assinados por pais de alunos comunicando que, apesar de haver uma criança doente no referido prédio, com escarlatina, não deixariam de mandar seus filhos às aulas; seis circulares mimeografadas ou impressas, contendo instruções sobre ensino e educação, organizadas pela Congregação Israelita Paulista e redigidas em língua alemã; um caderno escrito em língua alemã contendo o diário do jardim de infância judeu-alemão; dez prontuários referentes aos alunos matriculados no Jardim de infância, contendo dados sobre cada aluno, escritos em língua alemã; dois exemplares do jornal *Gemeinde Blatt*, editado em Berlim, órgão oficial do Sindicato Judaico daquela capital; vinte e um exemplares da revista *Tage Buch*, publicada em Paris, contendo notícias mundiais e críticas sobre acontecimentos do panorama atual do mundo; um exemplar do jornal *Mitteilungen* editado pela Congregação Israelita Paulista de S. Paulo; cinco exemplares do Jornal Central *Verein Zeitung*, órgão central dos judeus, editado em Berlim; dezesseis exemplares de *Judische Rundschau* (Panorama Judaico), com notícias do mundo, publicado em Berlim.<sup>138</sup>

Os integrantes da polícia política estão mais preocupados em ser o local de quisto racial alemão (vide o fato de a escrita em língua alemã ser citada várias vezes) e com a possibilidade de ali haver comunistas (vide menções ao sindicato-judaico e a falantes da língua russa) do que com um suposto complô judaico no seio da sociedade brasileira. Havia, porém, sentimentos antissemitas entre os componentes do DOPS, como se vê abaixo:

14 de Janeiro de 1938

Opino que não seja registrado os estatutos da Congregação Israelita Paulista (...)  
Lendo-se o que contem nesses estatutos, inferimos que se não trata apenas de uma associação religiosa, mas principalmente, de uma organização com objetivo de se não deixar apagar o fogo sagrado e racial dos judeus. Basta que se acentue e pormenorize que o Cap. III art 14º desses estatutos estabelece condições que os tornam **suspeitos à Ordem Política e Social do momento**. (Ser sócio acima de 20 anos e de boa idoneidade apresentado por outros dois israelitas)

---

<sup>138</sup> DEOPS-SP, Arquivo do Estado de São Paulo, Fundo CIP.

Entendo, pelo exposto, que os estatutos em apreço não devem ser registrados e proibidos deve ser o funcionamento da Congregação Israelita Paulista

Grifou-se “suspeitos a Ordem Política e Social do momento” para corroborar a hipótese de que o antissemitismo do governo Vargas\Dutra era setorizado e sua manifestação dependia do momento da política externa brasileira. As seguintes fontes levaram a essa conclusão:

Caso de falsificação de documentos de permanência de estrangeiros: O Jornal e Correio da Manhã 24 - 08 -1945

O Inquérito mandado instaurar aqui e em São Paulo, para apurar responsabilidades de emissão de carteiras de permanência para estrangeiros, foi distribuído ao juiz da 13ª Vara Criminal, cabendo ao juiz Maringny presidir o sumário e julgar o caso.

A hipótese jurídica, sob o ponto de vista de responsabilidade criminal se apresentou bastante complicada, sendo que as provas escolhidas não foram suficientes para incriminar os acusados. As carteiras propriamente não eram falsas, sim os documentos que serviram para a expedição das mesmas, fornecidos sem a devida formalidade. Os estrangeiros com tais papéis, uns arranjados aqui e outros em S. Paulo, conseguiram as carteiras de permanência.

[...] **Examinou a prova apresentada pelo inquérito e depois, reproduzida, em parte, no sumário, para com concluir pela improcedência da denúncia absolvendo os réus em face do estado de necessidade.** Os acusado absolvidos foram: Max Schlesinger, Lazaro Brieger, Kurt Wiss, Vitor Ozialoschinsky, Hans Gilfels, Gervy Israel Ruschin, Karl Israel Abraham e Roberto Costa.<sup>139</sup>

Novembro de 1940

A congregação Israelita Paulista, por seu presidente abaixo-assinado, vem requerer a V. Ex.<sup>a</sup>, a necessária autorização para fazer realizar, no próximo dia 17 do corrente, as 10 e meia horas, no Templo Beth El, a Rua Martinho Prado, nº 399, nesta capital, um **serviço religioso dedicado à data aniversário da destruição de comunidades, templos e livros sagrados dos israelitas da Europa Central.**

**Constará esse serviço de duas rezas tradicionais hebraicas, de uma em português, e de uma predica em português [...]**

Comunico-vos que as 10h30 horas do dia 17 do mês corrente, teve lugar, no Templo Beth El, à rua Martinho Prado, 399, um ofício religioso, em comemoração à data que os israelitas lembram todos os anos a destruição das comunidades, templos e livros sagrados na Europa Central.

A cerimônia que foi breve, pois terminou às 10h55 horas, foi assistida por elementos da colônia judaica desta capital, não tendo havido novidades a registrar.

O serviço de policiamento esteve a cargo dos investigadores João Farina e Oswaldo Ribeiro do Prado.<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> Ata de Reunião da Assembléia, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>140</sup> DEOPS-SP, Arquivo do Estado de São Paulo, fundo CIP

Duas fontes distintas, a primeira um jornal, a segunda de um relatório do DOPS; referem momentos distintos, um ao final da II Guerra, outro ainda antes de o Brasil declarar guerra ao eixo. Os protagonistas desses textos (o juiz e os investigadores) não encontram no elemento judaico um inimigo do Estado. No primeiro caso, o juiz reconhece o “estado de necessidade” dos judeus acusados de fraude. O segundo caso é ainda mais evidente, devido ao fato de ter-se passado antes da declaração de guerra do Brasil as forças do eixo.

O antissemitismo no governo brasileiro era exercido de forma pessoal e de livre arbítrio, algumas fontes relacionadas ao *Joint* levam a crer que os imigrantes judeus e as instituições responsáveis pela imigração sabiam da situação e sabiam lidar com ela, como vemos a seguir:

*August 06, 1948*

*In Accordance with latest information received from JDC Paris, it is now much easier to obtain Brazilian Tourist visas in France.*

*13 August 1948, Bulgaria*

*We regret to inform that there is nothing we can do from our end in helping this family emigrate, because the existing laws do not permit (...) However, we would like to suggest if it would be feasible to send these people to France, where they would have much more chances in obtaining Brazilian Tourist visas.*

*August 19, 1948 – Suécia*

*If you could be reasonably, sure you can obtain, with a short time, Brazilian tourist visas in Stockholm for that family, please do so without losing a moment's time.*

*However, as you mentioned it, the Brazilian consul in Stockholm may require the trip back to be paid in advance (...)*

*We therefore think it advisable to have this family sent to Paris to try to obtain Brazilian tourist visas for following reasons: a) They will easily obtain French entry because they have Paraguayan visa, b) the family is in possession of the notarial letter of guarantee issued by the sponsor – sent to you on may 31, 1948 – wich will also much facilitate the grating of visa, c) Brazilian Consuls in France DO NOT require the return ticket paid, d) There is enough deposit for maintenance costs in France for six or even more months.*

*January, 26<sup>th</sup> 1949*

*We would appreciate it very much if you would check with brazilian consulates in Italy to see on what grounds would they now issue brazilian immigration visas... As far as we know, brazilian consulates in France may grant now visas provided the migrants have labour-contracts sent from this country.*

Muitas vezes transmite-se a imagem de que o imigrante judeu sofreu com o antissemitismo do Itamaraty e dos cônsules brasileiros na Europa como demonstrado em livros de Carneiro, que

não tinha o controle da situação e dependia da boa ação de alguma autoridade ou de pessoas ligadas à autoridade para conseguir imigrar para o Brasil. Os documentos acima e os serão expostos abaixo, porém, demonstram que as instituições judaicas sabiam claramente das restrições que os judeus vinham sofrendo e da pouca simpatia de alguns membros do governo brasileiro pelo elemento semita.

12 de Maio de 1949

Prezados senhores

Servimo-nos da presente, a fim de solicitar sua cooperação no seguinte assunto:

Por circular nº 589 de Novembro de 1948, o Itamarati tornou público que para os abaixo discriminados seria possível requerer no Ministério de Relações Exteriores uma autorização de visto de emigração:

- a) esposa;
- b) pais maiores de sessenta anos;
- c) mães viúvas;
- d) filhos menores ;
- e) filhas solteiras;
- f) tutelados;
- g) maridos de cidadãs brasileiras.

Os estrangeiros que, também com permanência definitiva, já residirem no país há mais de três anos poderão, ainda, pleitear a vinda de:

- h) filhas e noras viúvas;
- i) irmãos e sobrinhos menores, órfãos;
- j) irmãs solteiras e viúvas.

Para todos os outros, somente os cônsules poderão conceder os vistos.

Porém, ultimamente, temos recebido dos nossos escritórios da Europa, informações de que vários cônsules recusam-se a conceder vistos de emigração alegando que é necessário o recebimento da autorização por parte do Ministério, ação essa, completamente contraditória à referida circular.

Desejamos pedir-lhes o obséquio de providenciar junto ao Itamarati uma informação exata, para o que sugerimos fazer um requerimento por escrito do qual deve constar o seguinte:

“Pedido de esclarecimento sobre a atitude dos vários cônsules na Europa, que em ação contraditória a circular nº 589 recusam-se a emitir vistos para os não mencionados na lista, alegando a necessidade da autorização do Ministério de Relações Exteriores. A circular citada, demonstra claramente a categoria de emigrantes que depende da autorização do Ministério de Relações Exteriores e a que depende, única e exclusivamente, do critério dos consulados”

16 de Maio de 1949

Comitê auxiliar do *Joint* São Paulo.

Prezado Senhor,

Em resposta a sua carta de 12 de Maio corrente, relativa à concessão de vistos para este país, cumpre-nos esclarecer o seguinte:

Sem dúvida a circular nº 589 autoriza os cônsules no exterior de conceder vistos. A circular posterior do Conselho de Imigração e Colonização (Diário Oficial nº 3890 de 12 de Março de 1948) diz *expressis verbis*:

“os estrangeiros que tencionem vir ao ou para o Brasil, devem dirigir-se pessoalmente e diretamente, às repartições consulares e solicitar-lhes os vistos necessários, que não dependem de autorização individual deste Conselho ou do Ministério das Relações Exteriores e não devem por isto, ser objeto de requerimentos ou petições a eles dirigidos. Excetuam-se tão somente os casos previstos no item X desta comunicação”

O item X abrange técnicos e professores contratados e parentes. Quanto aos parentes a citada circular reza que “os compromissos abolidos desde 1938. Têm eles por fim, apenas, habilitar a Divisão de Passaportes do Ministério das Relações Exteriores a comunicar às repartições competentes que foi assegurada a subsistência de um determinado imigrante, o qual continuará, entretanto, obrigado a fazer, perante as autoridades consulares, as demais provas exigidas na lei.”

Embora sejam assim redigidos os textos legais a prática em muitos casos é diversa.

**Tratando-se de judeus, os cônsules no exterior frequentemente não deferem os pedidos de vistos sob o pretexto que não podem concedê-los sem autorização do Ministério. Provavelmente estes cônsules não querem assumir a responsabilidade em vista talvez de qualquer circular não publicada.** Do outro lado, o Ministério das Relações Exteriores aceita requerimentos de concessão de vistos não só em casos previstos no item X da circular, mas também em outros casos. Em alguns casos as pessoas interessadas conseguem um resultado favorável, mas na maioria destes casos os requerimentos são indeferidos.

Este estado de coisas explica a razão porque vários escritórios nossos na Europa, tendo em vista a recusa dos cônsules a conceder vistos, aconselham aos interessados de recorrer ao último, mas nem sempre eficaz remédio, uma autorização do Ministério.

Nesta situação não achamos útil nem aconselhável de fazer um requerimento, por escrito, para obter uma resposta oficial do Itamarati.

Comitê auxiliar do *Joint* no Rio de Janeiro

26 de Maio de 1949

Pela presente solicitamos-lhe a gentileza de nos enviar um exemplar do Diário Oficial no qual foi publicado o artigo referente à circular 589 do Ministério de Relações exteriores, bem assim como todo e qualquer artigo que versa sobre o assunto.

Motiva em nosso pedido o fato de que acabamos de receber uma carta do *Joint* de Copenhague nos informando que o cônsul brasileiro daquela cidade ignora, ou afirma ignorar, a existência de tal circular. Infelizmente, não possuímos exemplar algum dessa circular, pois queremos enviar para Copenhague e esclarecer sobre essa questão, em benefício de nossos clientes que se encontram naquela localidade.<sup>141</sup>

---

<sup>141</sup> Joint, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

Nem sempre, porém, as referências ao antissemitismo e à não simpatia do Itamaraty pelos judeus que aqui no Brasil já residiam ou que tentavam imigrar eram implícitas, como dão mostra as seguintes notas escritas no jornal A Crônica Israelita:

Abaixo as Máscaras!

De um telegrama da Agência Telegráfica Judaica: O Ministério de Negócios Estrangeiros do Equador teria emitido instruções secretas a seus cônsules ordenando-os que não emitam visas para judeus, reportaram fontes dignas de crédito em Assunção.

(...) Todos nós sabemos das ignóbeis atividades que se desenrolavam diariamente nos consulados, nas agências de turismo, nos escritórios das companhias de navegação, nos mercados negros, onde se cobravam os preços do dia de vistos consulares – bem entendido, vistos legítimos, legais e corretos, aos quais esses homens tinham direito, jurídica e moralmente, mas que apenas eram dados aqueles que podiam pagar, pagar, pagar...<sup>142</sup>

Declarou um jornalista em periódico desta cidade que no Itamarati e em algumas outras repartições não estavam admitindo judeus ou descendentes de judeus.

Eu já sabia disso. Ri-me, porém da pilheria, pois no Brasil nunca sabemos e nunca saberemos quem é descendente de judeus [...]

Pode o Itamarati recusar um Mayer ou um Levy. Mas aceita um Fernandes como o ministro e esse apelido foi vulgaríssimo, comuníssimo entre os hebreus portugueses e espanhóis...

Todo o racismo é infantil. E além de infantil – cruel<sup>143</sup>

Do mesmo modo, nem todos os intelectuais durante o Estado Novo adotaram as teorias raciais como fonte para formular suas pesquisas e conclusões:

O Brasil e o antissemitismo – Como separata das publicações da casa Rui Barbosa. Discurso de Bastita Pereira em 1933

[...] Lembra o inquérito entre os intelectuais brasileiros, pelo qual os maiores escritores nacionais se manifestaram contra o sinistro movimento e chega a esta conclusão: o antissemitismo perante a antropologia é uma irrisão, perante a história uma blasfêmia, perante a evidência uma mentira, perante os direitos da consciência um crime<sup>144</sup>

Os exemplos acima faz eu concordar com a visão de Jeffrey Lesser e Roney Cytrynowicz sobre o antissemitismo pois se havia um antissemitismo no Brasil, mas não como na Alemanha e outros países da Europa Central, em que era disseminado entre a população. Havia, sim, um antissemitismo setorizado, num órgão específico do governo brasileiro: o Itamaraty, controlado por pessoas de famílias tradicionais. Demais, esse antissemitismo era arbitrário e empregado

---

<sup>142</sup> Crônica Israelita, 10-02-1946, página 1, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>143</sup> Crônica Israelita, 29 – 12 – 1950, página 5, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>144</sup> Crônica Israelita, 22 – 01 – 1946, página 7, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

conforme a “situação de momento” e a vontade de quem o empregava. Por outro lado, os imigrantes judeus e suas instituições locais e internacionais sabiam das restrições a que eram impostos e, ao contrário do que se difundia, não as recebiam passivamente. Sabiam como lidar com a situação e tinham estratégias para contorná-la.

Seria, entretanto, um exagero desmedido sugerir a responsabilidade do Itamaraty no holocausto judaico. O momento de restrições durante a guerra e o incentivo por parte do governo durante a década de 1930 justificam-se, pois não seria qualquer país que aceitaria uma massa de imigrantes. O antissemitismo na Europa durante essa década foi responsável pela imigração de centena de milhares de judeus, não havia país com poder de absorção desses imigrantes. Se fosse para responsabilizar as autoridades brasileiras pelo holocausto judaico, teriam que ser responsabilizadas também as autoridades americanas, argentinas e mesmo inglesas, pois os ingleses adotaram o famoso livro branco, que claramente impedia a imigração de judeus para a Palestina sob seu mandato.

Contudo, os maiores desafios da CIP e seus membros não foram apenas o antissemitismo e a imigração, mas sim sua relação interna e com outras instituições da comunidade paulistana, principalmente a FISESP; bem como seu posicionamento quanto ao sionismo.

### **Federação e Sionismo**

O movimento sionista surge na Europa no século XIX como uma resposta ao crescente antissemitismo daquele continente. Ganha muitos adeptos entre os judeus residentes no leste europeu, principalmente entre aqueles que residiam no Império Russo czarista. Após o atentado ao czar Alexander II em 1881 e conseqüentemente o início dos *pogroms* nos *shtetl* do território russo, têm-se notícias de assentamentos judaicos na Palestina: em 1882 um grupo de jovens de Odessa fundou o *kibutz* de *Rishon Letzion*, assentamento onde foi composto o atual hino nacional israelense e sua bandeira.

Em 1895, após cobrir o caso Dreyfuss, o jornalista Theodor Herzl lança as bases políticas do sionismo no livro *O Estado Judeu*. Em 1897 ele convoca o 1º congresso sionista na Basiléia, Suíça. Nesse congresso fica firmado o compromisso de lutar para o estabelecimento do Estado Judaico, já que desde a virada do século se vinham presenciando casos de antissemitismo na parte

oriental e ocidental do continente europeu. No Brasil, o movimento sionista ganha vulto com o aumento da imigração na década de 1910. Em 1922 é criada a Federação Sionista do Brasil, sob a presidência de Maurício Klabin e com ajuda de Jacob Schneider, ambos são reconhecidos como personalidades sionistas locais<sup>145</sup>. Nas décadas seguintes, surgirão grupos femininos sionistas como a *Wizo*, de tendência de direita, e a *Naamat Pioneiras*, de esquerda.

Ao longo do século XX, o sionismo desdobra-se em várias tendências ideológicas: há movimentos de esquerda como o *Hashomer Hatzair* e *Habonim Dror* e de direita, como o *Betar*. Todos tinham o mesmo objetivo (estabelecimento do Estado Judaico), mas de maneiras diferentes. Esses movimentos ganham adeptos além do continente europeu, desembarcando no novo mundo junto com os judeus imigrantes. Como bem exemplifica o seguinte testemunho:

A vida cultural era uma coisa interessante: havia grupos ortodoxos, mais ou menos 10, 12 grupos ortodoxos, que serviam, você sabe, na Polônia. Esse setor religioso, tinha vários locais, onde uma cidade tinha um *Rebe*, uma outra cidade um outro etc., então tinha vários grupos religiosos e tinha os partidos e, todos os partidos que existia na Polônia existia na nossa cidade, tanto judaicos como católicos. Havia o Partido Trabalhista que era o Bund, havia o trabalhista *Poalei Tzion*, havia o Trabalhista Comunista e havia uma sociedade que se dedicava exclusivamente a música e a biblioteca *Azmir*, que concentrava uma grande parte de futuros dirigentes no Israel que eu encontrei vivos, 2, 3 que eu conhecia de nossa vizinhança. Mas a grande parte da população era composta de profissionais, trabalhadores, gente que trabalha em fabriquetas.

Grande parte teve pouca educação escolar. Formou-se agora nos anos 23, 24 formaram-se mais escolas populares e os cursos judaicos que os grupos políticos começaram organizar os cursos noturnos. [...] Eu estudei em 2 cursos noturno, não é num só. Num eu estudei justamente aquilo que não podia estudar em escola superior, e na outra estudei política partidária, eu era um aluno de *Poalei Tzion* [...] com quem aprendi teoria do materialismo histórico, aprendi com ele socialismo, aprendi com ele direitos operários que deviam ter e que não tinha é, ensinamentos sobre Israel e isso foi um lidar do *Poalei Tzion* da esquerda, porque tinha da direita e esquerda. Como eu pertencia a Juventude dos alfaiates, eu pertencia aos 16 anos e me tornei secretário desse sindicato.<sup>146</sup>

A partir da década de 1940, principalmente após a queda do Estado Novo e o final da II Guerra Mundial, vemos florescerem nos grandes centros brasileiros muitos grupos sionistas de várias tendências. Em São Paulo (o recorte geográfico dessa pesquisa), o *Poalei Tzion* e os Sionistas Gerais eram os dois principais grupos e, de sua união, surgiu a Organização Sionista Unificada. Também ocorre a visita de vários emissários sionistas que percorrem as comunidades

---

<sup>145</sup> FALBEL, Nachman, **Os judeus do Brasil: Estudos e Notas**, Humanitas, Edusp, São Paulo, 2008

<sup>146</sup> Salomão Trzmielina, Eliane Kalmus e Paulina Faingueboim, 09\07\1994 e 10\09\1994. São Paulo, SP, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

judaicas com o objetivo de conseguir adeptos para a causa. O mesmo depoente ilustra a situação à época:

Agora mais ou menos nosso trabalho cultural foi sempre depois no *Policher Farband* que vieram vários oradores sionistas que vieram da Argentina, que vieram dos Estados Unidos, [...] porque em geral muitos viajaram de navio e os primeiros caçadores a esses escritores foi sempre Santos. [...] Às vezes o navio que parava por 2... noites conseguiu-se também trazer a São Paulo conferencistas que o principal destino deles era da Europa a Buenos Aires, dos Estados Unidos a Buenos Aires e na volta às vezes parava em Montevideú e em São Paulo. Em geral, houve uma interligação São Paulo – Rio que à época era como se fossem dois países separados. A coletividade carioca a coletividade paulista sempre houve essa luta de intercomunica... como uma ilha no Brasil.<sup>147</sup>

A grande efervescência do movimento sionista, com suas disputas acirradas, chegou à via do confronto físico entre os partidários das diversas tendências. Eis alguns testemunhos desses conflitos:

Dez anos depois começou, saí do colégio Renascença que até hoje não contei pra ninguém, nem vou contar pra vocês, porque começou o sionismo em São Paulo ferrenho, um sionismo dizia assim: Você de que lado é? Eu sou alguemeiner (sionista geral), eu sou isto, sou aquilo outro, não quero nem falar!<sup>148</sup>

Confusão na eleição da Organização Sionista Unificada do Estado de São Paulo  
Ainda nada oficial nos foi dado a publicar sobre a realização das eleições em São Paulo. Estas foram realizadas, como no resto do Brasil, a 27 de Outubro, no local do Círculo Israelita de São Paulo. Aproximadamente pelas 16 horas, quando centenas de votos já haviam sido depositados na urna, o Presidente da Mesa, sr. Bidlowsky, por conta própria e espontânea vontade, baseando-se numa suspeita vaga e não confirmada, declarou por encerrada a votação que devia durar até as 18 horas. Resolveu ele que a votação seria anulada e novas eleições se realizariam em data a ser determinada.

O comitê Central Eleitoral do Rio de Janeiro, sem esperar o resultado de novas eleições, cabografou no dia 31 p.p. ao Executivo Sionista Mundial, em Jerusalém, que as eleições foram concluídas e que dois delegados cabem, no Brasil, ao Bloco Operário, um aos Revisionistas e um aos Sionistas Gerais.

Trata-se, evidentemente, de mais um abuso daquela entidade que se chama Comitê Central Eleitoral, indicada por si mesma, e que agora não mais quer permitir a realização de eleições em São Paulo. A razão é que o Bloco Operário nada tem a ganhar com as novas eleições – porque, conforme a Constituição Sionista – a nenhuma chapa eleitoral cabe mais que 50% dos delegados eleitos; no caso não poderá o Bloco Operário ter mais de dois delegados do Brasil.

Cerca das 11h30 horas ocorreu o seguinte incidente: o membro do Comitê Eleitoral José Plonka chamou à Ordem o sr. Bialski, intimando-o a abandonar a sala das eleições pelo fato de ter ele invadido a cabina secreta, quando usada por um eleitor, arrancando das mãos do eleitor as cédulas eleitorais, procurando substituí-las pela cédula da Lista nº 4 (revisionista). Logo depois, o Bialski, não atendendo a intimação do sr. Plonka, procurou arrancar das mãos de duas eleitoras, na sala eleitoral, na presença do sr. Plonka, as

---

<sup>147</sup> Idem.

<sup>148</sup> Abram Kasinsky, Adriana Jacobsberg e Gaby Becker, São Paulo, 03\12\1996

cédulas que tinham nas mãos. Intimado pela segunda vez energicamente a abandonar a sala, Bialski agrediu fisicamente o Sr Plonka, provocando um tumulto que motivou outra interrupção das eleições.

A este incidente seguiu-se um tumulto geral, acompanhado de agressões físicas e diversos conflitos entre os quais deve ser destacado o seguinte: sra. Averbach, conhecida adepta do revisionismo, arrancou das mãos de outras eleitoras cédulas eleitorais, colocando outras cédulas nos envelopes delas. Cresceu a confusão geral. O candidato da lista dos Revisionistas, sr. Salomão Rapaport, permaneceu na sala eleitoral, distribuindo cédulas da lista nº 4 entre os eleitores, oferecendo-as também às senhoras Kleiman e Plonka, que protestaram energicamente contra este procedimento. Os contínuos protestos e advertências do sr. Presidente não foram atendidos.

A esta altura, deu-se o seguinte caso que levou à suspensão das eleições:

Uma senhora, acompanhada de uma revisionista chegou à urna com um envelope oficial, dando com seu nome Rachel Eikis. O eleitor, sr. Gregório Jampolski, um parente próximo da verdadeira sra. Rachel Eikis, chamou a atenção da mesa para o logro praticado. A referida senhora, atrapalhada, esclareceu não ter culpa por ter recebido poucos momentos antes o *shakel*. A companheira dela protesta gritando. Afluem à mesa presidencial grupos de pessoas. Formam-se discussões e brigas. Aparecem à mesa da presidência pessoas desconhecidas, ficando a urna em perigo de ser violada. O presidente do Círculo Israelita, presente na sala de eleições protege a urna. O Comitê Eleitoral reconhece a impossibilidade de prosseguir nas eleições e de assegurar a urna. O presidente, sr. Bidlowsky, consulta a assistência e a mesa presidencial e os representantes das lista 1, 2 e 3, sendo resolvido unanimemente, cancelar as eleições e submeter a questão ao Comitê Central Eleitoral no Rio de Janeir.<sup>149</sup>

Esse período de agitação sionista na comunidade paulistana repercutiu na CIP, mas não sem conflitos internos, principalmente no que concerne à adesão ou não à Federação Israelita Paulista. A aproximação de pessoas ligadas ao sionismo à direção da FISESP, bem como sua tentativa de filiar-se a entidades internacionais sionistas (*World Jewish Congress*), fez a adesão da CIP ser adiada por seis anos. Alguns setores eram contrários a que a Federação tivesse cunho partidário, principalmente os membros da diretoria e conselho; mas outros setores, dentro da Congregação, eram favoráveis à filiação, principalmente os membros da Assembleia dos Representantes e do jornal quinzenal *Crônica Israelita*.

Entre os anos de 1936 e 1947, membros da diretoria e do conselho da CIP faziam oposições veementes à adesão a causa sionista e, a partir de 1946, à Federação por esta contar com a presença de sionistas e por ter aderido à WJC.

Figura emblemática dessa posição da CIP foi seu presidente, Luiz Lorch. Curiosamente, genro de Maurício Klabin, primeiro presidente da Federação Sionista do Brasil. Em oposição não havia figura tão poderosa quanto Lorch, mas havia algumas que se destacaram, como o dr. Alfred Hirschberg, Adalberto Corinaldi, Vittorio Camerini e o rabino Fritz Pinkuss, contrariando a ideia

---

<sup>149</sup> Aonde vamos? 07\11\1946. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

de que os judeus de fala alemã da Congregação não apoiavam a causa sionista e a adesão desta à Federação. A questão só foi resolvida em 1952, quando aderiram à Federação, após o afastamento daqueles que se opunha a isso em fins de 1947.

A viúva de Alfred Hirschberg, o próprio rabino Pinkuss e o filho do dr. Lorch, em seus depoimentos, põem um pouco de luz na discussão que envolveu os dois setores em questão:

I – Eu não queria passar por este assunto, mas o Rabino Pinkuss estava aqui desde 1936, aqui no Brasil, e como era a relação, ele tinha autonomia frente à diretoria da CIP.

E – Vou te dizer uma coisa franca: O dr. Lorch era o presidente, ele é muito autoritário e difícil, de jeito fabuloso com os outros, mas ele era um rei, quer dizer, o rabino era jovem, ainda um pouco inexperiente e era um empregado...<sup>150</sup>

Meu pai, que eu saiba, não era contra o Estado de Israel. Ele simplesmente achava que havia uma necessidade de manter as coisas nos seus devidos lugares. Na época de 1948, quando foi fundado o Estado de Israel, houve uma tendência de se misturar tudo. Então, como exemplo, as sociedades que existiam aqui, eram todas englobadas no que se chama Federação e a Federação era que determinava como as arrecadações de cada sociedade iam ser usadas ou quanto delas as sociedades iam usar. E parte dessa arrecadação ia para Israel. E meu pai tomou uma posição muito forte neste sentido de que as entidades brasileiras judaicas deveriam ser independentes e o que era arrecadado em seu nome, devia ser usado e utilizado por elas e quem quisesse dar dinheiro para Israel, que o fizesse, mas que o fizesse diretamente. Então, ele mantinha esta posição que acabou num confronto no qual ele acabou desistindo de fazer parte das entidades.<sup>151</sup>

Foi devido ao choque de filosofia de vida. Ele era o homem do velho liberalismo, só as congregações, e sem praticamente encarar as necessidades do povo judaico. Isto só sob o prisma de ajuda social. Agora, depois da guerra, o sionismo provou a existência do povo judaico, e a exigência de se formarem núcleos para falar em nome do povo judaico. Lorch achava, ninguém tem direito de falar em nome do povo judaico. Cada um só por si, um idealismo radical, individualismo radical. E com a situação nova, foi para Lorch impossível acompanhar a situação e ver, por exemplo, organizações que representam o povo judaico. Ele disse: Ninguém pode me representar a mim. Ele não tinha noção do coletivo. Foi o velho individualismo com o liberalismo, enquanto o ponto alto é o *World Jewish Congress*, ele falava, ou fala, em nome do povo judaico [...] O ponto de vista de Lorch foi, no começo da emancipação, na Assembleia Francesa de constituinte se dizia: “Ao judeu como povo, nada. Ao judeu como indivíduo tudo”. Este foi o velho liberalismo, que foi simplesmente sobrepujado por uma situação nova.<sup>152</sup>

Embates entre a diretoria e o conselho quanto à adesão da CIP ou não à Federação e a sua posição frente ao Sionismo no pós 1945 foram constantes desde esse ano até 1947. Atas, relatórios e mesmo artigos no *Crônica Israelita* demonstram a disseminação do conflito entre os

---

<sup>150</sup> Eva Hirschberg, entrevistadora: Iris Kantor, 12 de Outubro de 1989, São Paulo-SP, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>151</sup> Entrevista de Francisco Bernardo Lorch, entrevistadoras: Gaby Becker, Marília Freidenson e Olívia Haftel, São Paulo, 04 de Agosto de 1996. Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>152</sup> Entrevista com o Rabino Fritz Pinkuss, entrevistadoras: Gaby Becker e Marília Freidenson, 16 de Março de 1992, São Paulo-SP. Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

correligionários. Nas atas, notam-se claramente as diferenças entre a Diretoria/Conselho de Comissões e a Assembleia dos Representantes no modo como lidavam com as associações sionistas e a Federação:

Relatório da Congregação Israelita Paulista – 1945 – 1947

[...] Em 1946 surgiu a ideia de formar uma Federação de todas as sociedades israelitas de São Paulo, ou seria melhor dizer: ressurgiu essa ideia porque houve no passado já várias tentativas de formar uma tal organização ou sob forma de uma Federação ou sob forma de uma grande Comunidade.

**O primeiro projeto que em 1946 foi apresentado era inaceitável para a CIP e para outras organizações, porque previu a entrada de todas as organizações numa entidade já existente com tendências de âmbito universal.** A CIP declarou que só podia entrar numa federação apolítica e independente que pode abranger todas as camadas israelitas. Este ponto básico foi aceito pelas organizações animadores da Federação e foi entrosado nos estatutos.

**Houve, porém, uma divergência de opinião no seio dos próprios órgãos da CIP a respeito da questão, se as condições da CIP já estavam cumpridas com o esboço dos estatutos e a estrutura da atual Federação em organização ou não.** Deve-se salientar que não houve divergências dos pontos de vista básicos: todos estão de acordo de que uma federação deve ser apolítica e autônoma. As divergências entre a Diretoria da CIP, de um lado, e a Assembleia dos Representantes e o Conselho dos Presidentes das Comissões, do outro lado, consistem no seguinte: a Diretoria acha que, apesar das declarações estatutárias, a atual estrutura da Federação não garante a manutenção dessas exigências básicas, porque a atual Federação em organização admite no seu seio não somente organizações de caráter meramente local, mas também entidades de estreita colaboração com organizações judaicas de âmbito universal. A Assembleia dos Representantes e o Conselho, de outro lado, acham que o caráter básico da Federação pode ser preservado também com a participação de tais entidades, que desta maneira estão interessadas no trabalho local. Eles acham mais que deste modo seria possível uma colaboração de todos os judeus nas tarefas locais, religiosas, educacionais, beneficentes e que uma vez preservado o caráter básico da Federação, ela pode tornar-se a pedra fundamental para a grande comunidade de todos os judeus de São Paulo, almejada pela CIP desde a sua fundação.

Em consequência dessa divergência a CIP não entrou na Federação (em organização), mas, com o consentimento da diretoria, dois membros do Conselho da CIP, dr. Ernst Koch e Albert Hoffmann, aceitaram sua eleição para a Diretoria da Federação, sendo que eles foram eleitos não como representantes da CIP, mas sim individualmente. Também com o consentimento da Diretoria, a CIP tomou parte ativa na Campanha Unida que a Federação promoveu em prol das sociedades beneficentes e educativas.

A Diretoria teve a intenção de apresentar a questão da entrada ou não da CIP na Federação à decisão final de uma Assembleia Geral dos Sócios. Entretanto, porém, foram entabuladas negociações entre personalidades da Federação de um lado a fim de tentar vencer as dificuldades. [...] <sup>153</sup>

A relutância de alguns membros da CIP em aderir à Federação organizada pelo CHB, além da questão política, pode estar ligada a posição social que alguns dos membros da direção

<sup>153</sup> Relatório Da Congregação Israelita Paulista, 1945-1947. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

possuíam na comunidade local. Alguns deles eram membros de tradicionais famílias judaicas, que imigraram para o Brasil em finais do século XIX e início do XX, e que, outrora, foram líderes locais. Portanto, não poderiam ficar livres dessa “tradição” de liderança.

O dr. Mindlin entrega um memorando que redigiu em seu nome e em nome dos Diretores dr. Jacob Lafer, dna. Luiza Klabin Lorch e dr. Horácio Lafer. Ele comenta esse memorando no qual os Diretores declaram que por várias razões acham inviável a entrada da CIP na FEDERAÇÃO DAS AGREMIações ISRAELITAS DE SÃO PAULO e exprimem a opinião de que a CIP só podia entrar numa agremiação com sociedades congêneres locais.

Na discussão, os membros do Conselho declaram que a atitude da maioria da Diretoria significa uma desautorização completa da sua ação a respeito da Federação. Acham, pois, que os membros do Conselho devem demitir-se se a atitude da Diretoria for mantida. Além disso, foi mencionado que o assunto deve ser submetido à Assembleia dos Representantes e eventualmente à Assembleia Geral.

Os senhores acima referidos relatam sobre a conversa que mantiveram com o dr. Horácio Lafer. Todos os presentes acharam que essa conversa não dava ensejo a que modificassem o seu ponto de vista.

Os membros de Conselho unanimemente decidiram demitir-se dos seus cargos no Conselho e consequentemente não mandar um representante para a reunião fundadora da Federação.<sup>154</sup>

Na busca pela manutenção do status na comunidade local, durante a década de 1940, houve um conflito entre o Centro Hebreu Brasileiro (CHB) e a CIP pela liderança comunitária. As diferenças políticas e, algumas vezes, culturais interferiram na organização da Federação. Em resumo, essas divergências diziam respeito à conveniência ou não da nova instituição aderir a uma organização internacional (*World Jewish Congress*) de caráter sionista. Pessoas ligadas ao CHB eram favoráveis a esse projeto, ao contrário de alguns membros da CIP. Como se vê:

Dr. Hamburger lê o texto de uma resolução que lhe foi entregue por um representantes do Centro Hebreu Brasileiro, referente ao discurso proferido pelo sr. Bevin, Ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, e a qual, depois de assinada pelas associações israelita de São Paulo, será entregue ao embaixador inglês no Rio de Janeiro.

É unanimemente resolvido:

- 1) a CIP não pode assinar esta resolução, uma vez que manifestações de caráter político estão fora das suas competências estatutárias;
- 2) deve-se dirigir uma carta ao Centro Hebreu Brasileiro, na qual se declara que a CIP, se bem que em virtude dos seus estatutos não possa assinar a resolução elaborada pelo Centro Hebreu Brasileiro, aproveita esta oportunidade para declarar que os grupos representados pela CIP estão solidários com os demais grupos israelitas no seu ensejo de verem abertas as portas da Palestina.<sup>155</sup>

Dr. Hamburger, sem se opor em princípio à adesão à Federação, expõe os perigos provenientes do fato de que a Federação é, atualmente, campo de luta entre os vários grupos de políticas judaicas.<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> Idem, 23-12-1946

<sup>155</sup> Idem, 04-12-1945

<sup>156</sup> Atas da Diretoria/Conselho, 20-12-1949, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

O sr. Gotthilf relata as dificuldades surgidas na Organização Sionista Unificada e aconselha aguardar o desenvolvimento no movimento sionista local antes de tomar qualquer resolução concernente à Federação. Menciona, outrossim, que os sionistas resolveram exigir que cada partido sionista tenha um representante no Conselho Geral da Federação. Se essa exigência fosse satisfeita, teriam os sionistas uma maioria tão grande que a Federação seria por eles completamente dominada.<sup>157</sup>

Federação:

O sr. Stahl é a favor, assim como o rabino Grunenwald, por ter a ideia de uma Klall Israel (unidade de todos os judeus). Dr. Heymann também é a favor, assim como o dr. Hirschberg, sr. Rector e sr. Reichmann que acha que manterão a independência se conseguirem ficar financeiramente independentes. Mas dr. Hamburger é contra, pois lembra que a nossa ideia foi a da *Grossgemeinde* (Congregação) o que parece impossível com a Federação do ponto de vista religioso. Esta será um *Zweckverband* (entidade de propósito) uma *Dachorganisation* (organização de elite). Friza o dr. Hamburger que o estudo dos estatutos não valerá nada, porque se trata duma questão de princípio, e não duma questão de estatutos. Retiramo-nos por ter sido a Federação política, e sob a nova diretoria ela é mais política ainda.<sup>158</sup>

Nota-se que o conselho e a diretoria da CIP tinham restrições à Federação por ser esta ligada ao movimento sionista no Brasil. Como se disse antes, os congregados da CIP eram seguidores do movimento liberal judaico de inspiração iluminista, em que se pregava a emancipação do indivíduo judeu e sua integração à sociedade. Viam, portanto, no movimento sionista, tudo o que era contrário ao que acreditavam, como um fechamento e uma recusa da emancipação, uma volta ao gueto. A Assembleia dos Representantes, todavia, já expressava algum interesse na adesão à Federação, como dão conta os seguintes testemunhos:

Com regozijo [do Vice Presidente – sr. Munter] comunica-se o reaparecimento oficial do Zionismo no Brasil.<sup>159</sup>

Diversos representantes, falando sobre esta questão, exprimem a necessidade de formar uma organização central das diversas instituições judaicas de São Paulo, para a realização de tarefas comuns. Informa-se que os primeiros passos neste sentido já foram dados, e exprime-se o desejo que a realização deste projeto possa ser facilitada.<sup>160</sup>

A reunião de fundação da Federação tinha sido convocada para o dia 23 de dezembro, à noite. Numa reunião convocada na manhã do mesmo dia, a Diretoria informou ao Conselho que estaria em desacordo com a entrada da CIP na Federação e negava a sua

---

<sup>157</sup> Idem, 14-02-1950.

<sup>158</sup> Idem, 17-05-1949.

<sup>159</sup> Ata de Reunião da Assembleia dos Representantes, 03-05-1945. Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>160</sup> Idem, 12-02-1946

autorização. Numa segunda reunião realizada no mesmo dia, o dr. Horácio Lafer dirigia-se aos membros do Conselho, dizendo que não seria oportuno fundar essa Federação no presente momento, e que seria melhor esperar mais seis meses.

Desde junho, o conselho colabora nos trabalhos para a Federação, tendo sido atendidas a maior parte das exigências da CIP – declara então que em consequência do veto da Diretoria, o Conselho não podia continuar em suas funções, que procederia nos necessários trabalhos, mas pede que, ou seja constituído um novo Conselho, ou a Diretoria assuma suas tarefas. Evidencia como segundo ponto importante que a Federação teria papel considerável para desenvolver uma compreensão mais profunda entre os diversos grupos e na prevenção de mal-entendidos, e que o projeto da Diretoria excluiria grupos cuja ajuda seria essencial [...] Se a Diretoria não quisesse assumir a responsabilidade pela entrada da CIP na Federação, que seja convocada a Assembleia Geral, esta poderia ser convocada somente depois de prontos os estatutos definitivos.

Apoiam: sr. Callman, sr. Reichmann, sr. Hoffmann, sr. Brandt, Sr. Klinger, sr. Munther. dr. Lafer então informa que os estatutos provisórios da Federação tinham sido impostos sem ter havido possibilidade de discuti-los na reunião do dia 23 de Dezembro.<sup>161</sup>

Os Representantes da CIP unanimemente para a Federação Israelita de São Paulo.

A Assembleia dos Representantes, ouvidas as declarações do sr. Presidente da Diretoria (dr. José Mindlin) e do sr. Presidente do Conselho (dr. Heinz Silberberg), congratula-se pela fundação da Federação Israelita do Estado de São Paulo em Organização, coroando assim de êxito os esforços que tendem a satisfazer um anseio unânime de toda a coletividade.

Saliente satisfeita a destacada colaboração inicial de alguns dos dirigentes da CIP nas tarefas organizativas da nova entidade e a livre escolha de membros da CIP para cargos de responsabilidades na Diretoria Provisória. Lamenta que, por motivos não previamente expostos à própria Assembleia, a CIP não esteja ainda representada oficialmente entre as entidades fundadoras. Pede que a diretoria tome em consideração o desejo unânime da Assembleia dos Representantes de participar na Federação, incumbindo os seus futuros delegados de observarem as diretrizes a serem evidenciadas. Sublinha, finalmente, a necessidade duma solução imediata em virtude da situação precária, na qual a CIP se acha.<sup>162</sup>

O final do ano de 1947 foi o auge desse desacordo. Uma declaração assinada por membros proeminentes da CIP culminou no afastamento deles após a derrota em eleição interna. Houve até ecos na imprensa judaica carioca, como se vê a seguir:

[...] é muito difícil hoje compreender os problemas que três anos atrás causaram as mais amargas lutas dentro da CIP. Pois aquilo que a assim chamada oposição desejava foi depois objeto de lutas internas e assim, embora vencida no pleito, a oposição tomou parte na vitória comum do bom senso judaico na Congregação. A CIP que, nos primeiros cinco ou seis anos de suas existência, por motivos que hoje não queremos abordar, esteve um pouco à margem da vida judaica local, em tudo, excetuando sua Assistência Social, compartilhou nos últimos três anos, ativamente em todas as tarefas judaicas que apelaram para a comunidade e não, tão somente, a uma organização, como por exemplo, o caso do

---

<sup>161</sup> Idem, 16-01-1947

<sup>162</sup> Crônica Israelita, 20-01-1947, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Comitê de Emergência. As atividades pró-Palestina, em primeiro lugar, receberam seu apoio oficial e ativo; manifestações da coletividade sempre viram a CIP, em suas fileiras e quando soou a hora da Federação os grupos democráticos da CIP, unanimemente, declararam o seu apoio. **Influências por detrás dos resíduos da época ditatorial na constituição da CIP, impediram, por enquanto, sua adesão formal (...)**<sup>163</sup>

O editor do periódico em que esse artigo foi publicado era um sionista revisionista, o que se nota claramente por suas palavras de ataque ao diretor e fundador da CIP, Luiz Lorch, adepto do liberalismo e antissionista. Seguem-se outros artigos de periódico relatando o conflito interno na Congregação:

Consideram os abaixo assinados condição fundamental de vida e de trabalho da CIP, como de qualquer comunidade israelita, a estrita observância de suas finalidades tradicionais, no campo religioso, cultural, e de assistência social, a salvo de influências políticas ou de concepções ideológicas que, embora respeitáveis, são e devem se conservar estranhas aos objetivos da Congregação (...) Entendem, porém, que os trabalhos da Congregação, e das demais entidades que aqui se dedicam aos mesmos fins, devem ficar a margem de quaisquer lutas, discussões, e influências de carácter político e ideológico, e que não pode a CIP, aliar-se a qualquer organismo de que não esteja expressamente excluída a atividade política ou a participação de associações de finalidades políticas.<sup>164</sup>

Para um observador interessando em estudos sociológicos e históricos, apresenta-se atualmente, em São Paulo, um material deveras valioso. Porque, nestes dias, deu-se o despertar de um grande grupo de judeus em São Paulo, reunidos na Congregação Israelita Paulista, para a consciência de sua própria posição na coletividade.

Esta afirmação precisa, no entanto, de uma explicação.

Já uma vez chamamos a atenção de nossos leitores para as próximas eleições gerais na CIP (18 de Dezembro). Para evitar uma luta eleitoral fizeram-se esforços para criar uma chapa única, da qual aparecessem representantes de todos os setores da Congregação. Essa tentativa, já em si bastante discutível, não chegou ao resultado almejado. E agora, no jornal da CIP, oito pessoas, declaram, publicamente, não pretender candidatar-se na lista única, dando seus motivos. Nem apresentaram uma segunda chapa.

**[...] A CIP pode estar de parabéns por esta declaração negativa de seus oito membros dissidentes. Porque ela significa o fim de uma época de tutela e o começo de sua autoemancipação [...]**

Mais uma observação parece-nos justificada nessa análise. Antes de mais nada, porém, queremos constatar que os oito dissidentes merecem, como indivíduos, o nosso respeito e que, em cada um deles, dentro do seu respectivo âmbito profissional, pode-se confiar irrestritamente. Mas, examinando suas credenciais para falar sobre história, ideologia e trabalho das comunidades israelitas, devemos manifestar as nossas dúvidas, pois, segundo nossas informações, nenhum deles, jamais, trabalhou de forma destacada nas congregações da Europa, neste país não existiam congregações do tipo europeu. Entre parêntesis: entre os oito há, significativamente, só um que assinando aquela declaração separou seu caminho dos milhares de companheiros de destino. Para os muitos que conhecem e respeitam esse homem, tal fato será incompreensível.

---

<sup>163</sup> Aonde Vamos?, 09-10-1947, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>164</sup> Crônica Israelita, Dezembro de 1947. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

Examinando, no entanto, mais profundamente **a posição judaica dos outros sete, evidencia-se que nenhum deles conseguiu ocupar lugar de relevo na liderança do assim chamado *Ichuv* antigo.** Pensamos aqui, naturalmente, naqueles apenas que trabalharam reconhecidamente em assuntos judaicos e não nos que, por mais talentosos e respeitáveis que fossem, **devem sua liderança ao acaso do lugar de seu nascimento e a uma época, oxalá desaparecida, de ditadura, que os fez líderes judaicos natos.**

Quanto aos outros que conseguiram, dentro da CIP, anteriormente posição de destaque, deve-se dizer que não adquiriram a mesma influência fora dela, devido a sua origem e a sua atitude judaica. Assim, só mediante a CIP, podiam obter liderança na vida das organizações judaicas paulistanas de que, até então, careceram. Dominar a CIP significa, portanto, para eles a única possibilidade para exercer influência no *Ichuv*.

Apresenta-se, agora, a situação de terem as massas da CIP o desejo de formar com os outros judeus de São Paulo uma grande comunidade. Os dissidentes, porém, só o querem permitir se a comunidade obedecer a critérios por eles estabelecidos que o *Ichuv*, com certeza, não aceitará. Os homens da CIP, assim, enfrentaram o dilema de terem de escolher entre o recrudescimento do sentimento isolacionista, dentro do *Ichuv* perante a CIP, que graças a Deus, diminuiu consideravelmente nos últimos tempos, ou a autoemancipação da tutela de **uma minoria dominante.**

As oito pessoas são: Hugo Frank, Maurício Grinberg, Guilherme Krausz, Horácio Lafer, Carlos Alberto Levi, Luiza Klabin Lorch, Luiz Lorch, José Mindlin.<sup>165</sup>

O autor faz uma referência sarcástica à lei de estrangeiros de 1942, que exigia a formação de uma diretoria composta somente por brasileiros natos, e julga esse “golpe de sorte” da CIP em atrair para sua diretoria judeus de famílias tradicionais.

Entre os nomes declarados, há alguns ligados à primeira imigração judaica para São Paulo, em fins do século XIX e início do XX, e membros de famílias tradicionais da comunidade local que outrora ocuparam cargos de liderança. Alguns são de famílias denominadas de origem russa (na verdade, ucranianos), que perderam espaço nas instituições na década de 1930 para os judeus poloneses que haviam imigrado na década anterior (1920). No capítulo sobre a instituição Ezra há a demonstração de alguns conflitos entre russos e poloneses, assim como do afastamento dos primeiros. Também se aponta que o caminho encontrado por alguns membros dessas famílias foi filiar-se a outras instituições, recém-criadas com a vinda de novos imigrantes. Buscavam novas instituições para nelas exercerem sua liderança local e reafirmar seu antigo status, alguns acharam na CIP um local para isso:

Bom, aí então foi fundada a Congregação, com a imigração que já tava começando, até 35 ela era relativamente, bastante pequena. Em 36 começou a se acentuar e depois foi intensa. E, mais pra diante, em 39, 38, 39 foi italiana. Mas veio a declaração de guerra, e as diretorias não podiam ter estrangeiros. E aí formou-se um grupo, era o Roberto Liechtenstein, o Horácio Lafer, eu, não me lembro quem eram

---

<sup>165</sup> Aonde Vamos?, 11-12-1947 Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

os outros, mas é fácil de ver, [...] Foi um período em que o trabalho da Congregação foi importante, mas começou a se estabelecer um conflito, que ficou durante um tempo latente, depois ele se tornou mais agudo, entre os imigrantes e os brasileiros que estavam na direção da CIP, porque nós assumimos o encargo e não aceitávamos uma posição de testas de ferro, nós assumimos a direção, nós vamos dirigir isso como achamos que a entidade deve ser dirigida. E achávamos que o importante era evitar que a CIP se tornasse um gueto. E procurávamos o contato com a comunidade não judia. Os alemães e os italianos achavam que isso era um erro fundamental, que era cegueira nossa, porque iria acontecer aquilo que aconteceu na Alemanha e na Itália. Nossa tese era de que se nós seguíssemos o conselho deles é que aí, certamente, podia acontecer. E aí ficou aquele conflito de...queria que a gente se demitisse, nós dissemos não, nós fomos eleitos por um mandato, se no fim do mandato vocês não quiserem reeleger, não reelegem e foi o que aconteceu, não fomos reeleitos.<sup>166</sup>

Como se vê, é um erro supor que toda a Congregação fosse contrária à adesão à FISESP, essa objeção era restrita a um grupo que seguia a filosofia do liberalismo judaico antigo da Europa Ocidental e não queria vincular sua imagem aos “sionistas do gueto” da Europa Oriental, local onde o movimento era mais forte e intenso. A restrição da Diretoria em aderir à Federação Israelita Paulista, entretanto, advinha da existência de vários grupos sionistas que disputavam o direito de dirigir esta instituição, principalmente os Sionistas Gerais e o *Poalei Tzion*.

Nem todos na CIP, porém, eram contrários ao movimento sionista. Dentre os favoráveis, destacavam-se nomes como: Adalberto Corinaldi, Vittorio Camerini e Alfred Hirschberg. É o que demonstram estes exemplos e relatos de suas atividades sionistas:

É interessante você falando isso eu entendo assim a grande simpatia e atração que meu pai tinha pelo seu pai porque meu pai também veio de uma família nada observante e aqui se reforçou a consciência judaica.

V – É verdade, é verdade, também assim...

A – E lá nenhum dos dois eram declaradamente sionistas.

V – Imagina, imagina.

A – Mas aqui bastante, né?

V – Meu pai desde o começo, desde o começo ele não teve a menor dúvida no momento que aconteceu o que aconteceu ele entendeu logo que esse era o caminho.

[...] Minha mãe foi ativa, na CIP não sei se havia muito um quadro que se adaptava à atividade feminina naquela época, mas ela foi ativa na *Wizo* desde o começo, não é? [...] Ela participou muito, ela junto com a Gemma Camerini, aliás o nome Camerini é um binômio indispensável, não é?! Corinaldi Camerini. Porque os dois atuaram na vida toda assim, se dizer, em conjunto, juntamente. E tanto a minha mãe na *Wizo*, junto com a Gemma Camerini, o meu pai na Organização Sionista, na CIP e na *Magbit*, e tudo mais, sempre Corinaldi e Camerini, sempre os dois juntos.<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> Entrevista de José Mindlin, Entrevistadoras: Gaby Becker e Marília Freidenson, São Paulo, 14-05-1993, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>167</sup> Entrevista de Vítório Corinaldi, Entrevistadoras Adriana Jacobsberg e Sarina Roemer, São Paulo, 08\05\1995, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

I – Quando ele (dr. Alfred Hirschberg) montou a Crônica Israelita aqui, mudando de assunto de novo, tinha as mesmas, a mesma orientação filosófica e orientação jornalística, do jornal, como tinha na Alemanha?

E – Não, já era mais sionista, quer dizer, na orientação de Israel...<sup>168</sup>

Curiosamente, a atividade sionista dos membros acima referidos começou no Brasil, não na Europa. É possível que as razões disso emanem, principalmente, do fato de sofrerem com as perseguições antissemitas na Europa, com as notícias do holocausto e da morte de amigos e parentes nos campos de concentração. Esse quadro lhes inspirou o sentimento sionista e passaram a ver na criação do Estado de Israel a solução para o antissemitismo.

A partir de 1947, com a saída do grupo acima citado, a CIP pôde finalmente trabalhar sua adesão à Federação, que veio a concretizar-se em 1952. Os cinco anos de intervalo podem ser explicados por alguns fatores: pela oposição de filosofias entre asquenazitas e ocidentais, bem como pela presença de judeus sionistas progressistas nos quadros da FISESP, ao passo que alguns membros da Congregação eram abertamente contrários ao sionismo progressista, como se pode constatar neste artigo do dr. Alfred Hirschberg:

A um número demasiadamente grande é desconhecida (até certo ponto se pode dizer: felizmente) a crise em que se debate um setor decisivo da nossa vida judaica em São Paulo, isto é, a Unificada. Crise incompreensivelmente criada por Sionistas! [...]

Afinal, que está ocorrendo? Os adversários do sionismo estão na iminência de revigorarem e fortalecerem as suas forças. Eles dispõem de uma argumentação simples: estão em favor de Israel, mas contra o sionismo.

Aí temos na, **ala branca**, os círculos do *American Council for Judaism*, que desempenha na América do Norte o papel do *Naumannsche Verband*, de ingloria lembrança na Alemanha. Gostaríamos de chamar esses homens, recorrendo livremente a uma noção da grande política, de isolacionista.

Sob a pressão moral da luta de Israel pela criação do Estado, esses elementos ficaram quase na penumbra, da mesma forma como os isolacionistas americanos sob a pressão da opinião pública deixaram, passo a passo, opor-se à política externa de Roosevelt.

O segundo grupo, a ala vermelha, são os **soi-disant progressistas**, que em *make up* variado vêm praticando na esfera judaica o mesmo jogo de decomposição da moral das camadas por eles combatidas como o fazem na grande política, com o fito de assim abrirem fendas, através das quais poderão penetrar para imporem a sua influência. A ordem do *Kominform* – ou melhor, do *Kominchloroform* – é a de solapar as forças internas dos adversários pela incitação à desconfiança mútua de um para o outro. O meio preferido é o do assim chamado processo escandaloso. Nada desacredita em tão alto grau um político ou um grupo como uma suspeita levantada contra eles no sentido de que, em questões de dinheiro, nem sempre teriam agido com correção [...]

Todavia, vivemos em São Paulo, cidade que certa vez, durante alguns meses, deu motivo à esperança de que se teria transformado em uma comunidade judaica forte e consciente.

---

<sup>168</sup> Entrevista de Eva Hirschberg, Entrevistadora: Iris Kantor, 12\10\1989, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Mas, infelizmente, um certo setor da coletividade recaiu no estado do mais mesquinho diz-que-diz e mexerico à **moda do gueto**.

Quantos complexos de inferioridade, aleijados crescido na atmosfera do *Kleinshtetle*, se expandem nesta ocasião, dando aos seus portadores a sensação de importância! Eis a inteligência do rato roendo a corda que prende o gato.

É só as forças progressistas ganharem o seu jogo com o auxílio de puristas sionistas mal intencionados e o *Yshuv* se decomporá em duas dúzias de *landmannschaften* e a força dominante será então aquele grupo progressivo, forçado à obediência férrea por chefes desconhecidos.<sup>169</sup>

A “ala branca” citada por Hirschberg é a ala do liberalismo antigo da Europa Central, contrária ao posicionamento partidário dos judeus e seguidora do seguinte lema iluminista: “Ao judeu como povo nada, mas como indivíduo, tudo”. A “ala vermelha”, progressista, dispensa comentários, apenas deve-se mencionar que alguns dos principais grupos do sionismo mundial eram de esquerda: *Mapai*, *Mapam*, *Poalei Tzion* de esquerda E, nas duas últimas linhas de seu artigo, o autor nos mostra sua visão das relações entre judeus asquenazitas e ocidentais, afirmando que esse contato, mesmo após a criação da FISESP não melhorou: “à moda do gueto”, “*kleinshtetle*” (vilarejo).

No tópico seguinte, ver-se-á a relação da CIP com os demais grupos.

### **Relações internas e externas**

Como se demonstrou, internamente as relações na CIP não eram harmoniosas, longe disso. No tópico anterior, tratou-se de apenas um dos pontos do conflito interno: a relação entre Assembleia dos Representantes e Diretoria, relação tempestuosa quanto ao sionismo paulistano, à Federação Israelita Paulista, e caracterizada pela disputa de poder entre os dois setores, um tentando sobrepor-se ao outro. O ápice foi um abaixo assinado, na forma de carta de princípios, firmado por membros da Diretoria. O conflito, contudo, já existia antes mesmo da possibilidade de adesão à FISESP e do fortalecimento do sionismo paulistano, como se pode conferir abaixo:

O dr. Wollenberg acentua que não se deve interpretar a crítica feita na Diretoria como uma crítica pessoal. Em seguida ele se defende em face da acusação de ser medroso e pleiteia por uma reunião com maior frequência dos representantes.

(...) a atual Assembleia dos Representantes, conforme o mesmo orador (sr. Gerstmann), é impotente e só se pode comparar com o Reichstag alemão.

---

<sup>169</sup> Crônica Israelita, 31-01-1950, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

O dr. Caspary pensa que o conduto dos representantes nada tem que ver com medo, e sim que é a falta de direitos que muitas vezes condena os representantes a inatividade. Os estatutos da Congregação limitou (sic) imensamente os seus direitos.

O sr. Friedmann faz proceder o voto sobre se a Assembleia dos Representantes há de ser convocada em intervalos regulares. O resultado é o seguinte: 7 votos pró, 8 contra.

O dr. Lorch observa que nunca assistiu a uma sessão da Assembleia dos Representantes, sem que nela se ralhe sem interrupção e de uma maneira assaz desagradável (...) Que os representantes façam uso do seu direito concedido pelos Estatutos, requerendo a convocação da Assembleia dos Representantes a sua própria parte. A Diretoria só o faz quando houver motivo para tal caso contrário, ela não tem tempo para isso, quanto a ele pessoalmente já está farto de ser sempre agredido por representantes. A Assembleia dos Representantes não é o tutor da Diretoria e tampouco um tribunal que sempre pode culpar a diretoria. Se <sup>170</sup> porventura ela pense assim, então ele, o dr. Lorch, prefere de renunciar ao seu cargo.

Dr. Luiz Lorch critica o método de colaboração entre os órgãos da CIP.

O sr. Georg Herzberg declara que, em virtude das declarações do dr. Lorch, não continuará a exercer as funções de seu cargo de representante. Em seguida, o sr. Herzberg retira-se da reunião.<sup>171</sup>

Nota-se uma queda de braço pelo reconhecimento e importância que vinha se desenvolvendo ao longo dos anos entre os dois setores internos da CIP. A discussão acerca da adesão à Federação, tratada no subtópico anterior, teria sido apenas mais um episódio nessa querela. A maior parte do conflito entre Diretoria e Assembleia dos Representantes envolve a figura do dr. Luiz Lorch, a declaração da viúva de Alfred Hirschberg, Eva esclarece um pouco a relação dele com os demais membros. Muito desse autoritarismo atribuído por Hirschberg vem status de Lorch como fundador da CIP, genro de Maurício Klabin (um dos líderes do judaísmo local), um dos maiores contribuintes da Congregação e contato do *Joint* no Brasil, de onde vinha a maior parte do dinheiro para manter as atividades. Entretanto, mesmo após sua saída, houve ainda contato entre ele e alguns membros do conselho e alguns desses contatos não foram nada amistosos, como se exemplifica a seguir:

O sr. Alberto Hofman, Presidente da Comissão de Imprensa, referindo-se ao manuscrito do artigo do dr. Luiz Lorch sobre “Sanções”, pede aos presentes manifestar-se a respeito da conveniência de ser esse artigo publicado na Crônica Israelita. Verifica-se que o manuscrito ainda não chegara as mãos do sr. Oelsner, ao passo que os demais manuscrito é, por isso, entregue ao sr. Oelsner que se retira para estudá-lo. Depois da volta do sr. Oelsner é o assunto amplamente discutido na base do esboço numa carta que o dr. Koch apresenta para a sua apreciação dos presentes.

Sugerem-se várias emendas do esboço. Em seguida fica unanimemente resolvido:

---

<sup>170</sup> Ata dos representates, 12-11-1939, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>171</sup> Idem, 17-06-1943

Dirigir ao dr. Luiz Lorch uma carta pela qual se solicita **desistir da ideia de publicar o artigo na Crônica** devendo esta carta ser redigida de conformidade com o aludido esboço e emendas sugeridas.<sup>172</sup>

Esses conflitos, todavia, estavam longe de ocorrer apenas em um plano: Diretoria e Assembleia. Houve diversos conflitos internos no âmbito religioso também. Na CIP, havia um pequeno grupo ortodoxo sediado à rua da Consolação e, frequentemente esses dois grupos travavam em conflito por diferenças religiosas. Uma das discussões mais elaboradas sobre essa diferença incidia na conveniência ou não de usar um harmônio durante os serviços das grandes festas (Ano Novo Judaico e Dia do Perdão). Esse debate envolveu grande parte dos membros da Assembleia e Diretoria.

Uso de um Harmônio Durante o serviço divino nas grandes festas:

O sr. Frank faz seguinte proposta: O Harmônio pode ser alugado por 100\$000 para três dias. O sr. Roth que pode arranjar neste caso o Harmônio, desempenharia as funções de Organista percebendo a quantia de 300\$ com honorários.

O sr. Ettlinger não concorda com o uso do harmônio por motivos religiosos pedindo aos presentes também em nome de muitas pessoas da mesma concepção que desistam do harmônio.

O sr. Frank acentua que a CIP é uma congregação liberal, e quase todas as congregações liberais usam um órgão para os seus serviços divinos

O dr. Lorch responde que se trata neste caso de uma concepção de vida e que, por isso, o sr. Ettlinger precisava dar o seu voto de protesto e de recusa; é o dever dele salientar sempre de novo que nosso ritual precisa de reformas. Mas nós não podemos dividir-nos a mudar de opinião, somos uma *Einheitsgemeinde* e não é mais preciso conversar sobre as hipóteses.

O sr. Ettlinger responde que o serviço divino foi satisfatório nos anos anteriores; segundo a sua opinião, muitos membros da CIP se sentiriam repelidos se se usasse um harmônio ou um órgão.

O dr. Lorch observa que isso pode acontecer, mas que a maioria dos sócios da CIP é liberal. A música durante o serviço divino será introduzida um dia, só por razões financeiras que isto não se realizou até hoje.

O sr. Friedmann é de opinião do sr. Ettlinger, i.e, que nos anos anteriores o serviço divino se realizou bem sem instrumento musical, além disso deve-se pensar se uma congregação com meios limitados pode gastar mais 400\$ para estes fins e 300\$ para o aumento de aluguel do Trianon.

O sr. Frank não julga esta questão importante, pois nós economizamos 400\$ com o cantor em comparação aos anos anteriores. Ele responde negativamente a questão do sr. Friedmann se o coro está bastante forte e diz que o número de membros é de 20, o sr. Friedmann julga esta força bastante grande, considerando que o coro do Teatro Municipal só conta 14 membros e é bastante forte.

O sr. Hoffmann declara que se trata aqui, como o sr.dr. Lorch já disse, de uma divergência de princípio entre ortodoxos e liberais, mas os argumentos mencionados não lhe parecem convincentes. Enquanto se diz que a maioria deseja um serviço acompanhado de música, ele acha que uma grande parte dos membros da CIP ficará tão

---

<sup>172</sup> Ata da Diretoria\Conselho, 03-11-1948, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

chocada com isso como já ficou com o microfone no ano passado. Além disso, os serviços agradaram até agora sem música. O sr. Hoffmann conta que depois do dia 10 de Novembro de 1938, p. ex., o órgão foi retirada da Sinagoga de Zurich. Uma grande parte dos visitantes de nossa sinagoga compõe-se de pessoas idosas que não gostam de música durante o serviço. Ele não julga razoável discutir esta questão no nosso tempo.

O sr. dr. Lorch declara não poder renunciar a dar uma resposta detalhada aos dados do sr. Hofmann. Trata-se de uma questão que, uma vez decidida, fica decidida. O judeu liberal julga as suas compreensões tão importantes como os ortodoxos as suas. O sr. dr. Lorch assegura que ele compreende bem que os ortodoxos sempre protestam quando uma questão religiosa, contrária a sua opinião, é discutida, dizendo: “vós estais no caminho errado; nós chamamos-vos, mesmo que não voltais”. O dr. Lorch considera isso ser um sentimento cordial e bonito dos ortodoxos que, sem dúvida, de vez em quando discutem conosco embora lhes doa o coração. Mas há um limite e, como membros de uma *Einheitsgemeinde*, a grande tarefa dos ortodoxos deve ser conhecê-la com tato, e vice-versa, os liberais devem dizer: “não ha nada que nós não compreendemos”. Ambas as partes devem conhecer os seus próprios limites. Não importa ameaçar que o órgão será introduzido; nada acontecerá, a não ser que os ortodoxos ponham lenha na fogueira. Mas mesmo neste caso podemos esperar. O dr. Lorch acentua que ele deve exigir que a razão seja dada tanto aos membros liberais da CIP como aos ortodoxos. Ele precisa defender este princípio, de contrário não se interessaria mais pelo assunto.

A CIP não deve ter somente um ensino de religião, mas também um serviço divino para os liberais segundo o ritual sul-americano. Não deve daí resultar uma luta, embora haja divergências de opinião. Mas logo que ele tenha a impressão de que surgirá uma luta, ele apresentará a sua demissão.

É um argumento fictício citar os tempos de hoje e referir-se à mentalidade dos idosos para evitar que o órgão seja introduzido. Nós temos interesse na juventude que deve ter um digno serviço divino. Hoje é preciso ou chegar a um acordo, **ou responsabilizarem-se os ortodoxos pelo risco de uma luta ao poder.** É possível evitar complicações se cada um conhecer os seus limites. Estamos ligados uns aos outros, inclusive com o sr. Hoffmann, e não desejamos uma congregação reformadora.

O dr. Lorch propõe: que se decida já hoje - por enquanto como questão de princípio se um instrumento deve ser introduzido ou não; decidir depois, no caso afirmativo se isso deve ser feito este ano ou mais tarde.

[...] O dr. Lorch não quer introduzir o órgão já este ano, por não ter ele a certeza de que o instrumento poderá funcionar. Ele propõe que, por enquanto, se resolva se um órgão deve ser usado nos serviços divinos liberais, e oportunamente poderá resolver a compra de um órgão. **Se então surgir uma luta, a atual diretoria não precisaria continuar nas suas funções, os seus sucessores poderiam resolver a questão.**<sup>173</sup>

A questão acima pode parecer apenas religiosa, se o uso ou não do harmônico é legítimo para as grandes festas. Nota-se a luta interna de poder e pelo estabelecimento interno do espaço de cada setor. Ao longo dos anos seguintes, o setor liberal da Congregação se tornará cada vez maior e com mais influência nas decisões internas, legando ao setor ortodoxo uma posição secundária internamente. Um dos motivos para isso seria econômico, os membros dos setores liberais estavam uma posição social melhor do que os membros do setor ortodoxo. A contribuição econômica dos liberais para a CIP era maior que a contribuição dos ortodoxos. Fator

---

<sup>173</sup> Ata da Diretoria\Conselho, 23\07\1939, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

esse que se tornou preponderante em finais da década de 1940, quando foi posta em questão a contratação, ou não, de um rabino ortodoxo:

#### Contratação de um rabino ortodoxo na CIP

Como a situação financeira da CIP não permite assumir os pesados encargos financeiros do contratamento (sic) dum rabino ortodoxo, antes de serem esclarecidos os meios de cobertura do déficit de 1949, a Diretoria da CIP informou o grupo da Consolação da impossibilidade, no momento, de assumir estes cargos financeiros, confirmando, porém, todo o seu interesse pela questão dum rabino ortodoxo.

O grupo da Consolação considerou esta resposta como uma afronta e reagiu com a carta de 7 de Dezembro, anexa à ata, e com a convocação duma Assembleia Geral do grupo da Consolação; recusou aceitar a proposta da Diretoria da CIP de adiar esta Assembleia Geral de umas semanas, afirmando ser indispensável tomar uma decisão imediata.

No decorrer das explicações foi constatado que as contribuições dos membros ortodoxos da Consolação à Congregação importam em Cr\$ 25.000,00 p.a máxime, ao passo que as despesas da CIP em prol da Consolação são de Cr\$ 58.000,00 p.a, sem ter conta da quota de despesas de Administração; esta importância deveria ser aumentada de Cr\$ 100.000,00 a 110.000,00, no caso do contratamento (sic) dum rabino ortodoxo. Foi constatado, outrossim, que as contribuições dos membros ortodoxos são excessivamente baixas, não só absolutamente, mas em relação à situação econômica destes membros, e que, p.e., muitos membros ortodoxos da Consolação se recusaram a pagar as mensalidades duplas pela construção do Lar das Crianças. Foi constatado finalmente, que o déficit previsto de 1949 será importantíssimo e que ainda é impossível prever por que meios será coberto.

[...] E a afirmação que “com entusiasmo” seria possível obter estes meios foi respondida pela constatação que no próprio grupo da Consolação o entusiasmo não foi bastante grande para obter a importância necessária às despesas da viagem.<sup>174</sup>

Apesar da existência do setor ortodoxo dentro dos quadros da CIP, ela foi fundada por judeus liberais e concebida para ser o centro do judaísmo liberal no Brasil. Em texto escrito em 1957, o Rabino Pinkuss deixa claro qual era a posição da Congregação quando de sua fundação: estavam realmente rompendo com o modelo que até então vinha sendo empregado na comunidade paulistana.

#### Aspectos ideológicos da vida da CIP - 1957

3 – Éramos refugiados e trouxemos como tais uma bagagem toda especial: a tradição do judaísmo emancipado europeu. Emancipado isto quer dizer: já posto a provas na convivência com o mundo e não judaísmo *ghettorizado*, isolado do mundo. Poderíamos ter continuado um judaísmo insular, cultivando o que trouxemos. É natural que os nossos primeiros esforços há vinte anos estavam estes auspícios. Mas desde há tempos temos superado, *outgrown*, a fase da rua Brigadeiro Galvão. Tudo o que trouxemos, a nossa personalidade, mas agora, após vinte anos, chegou o momento histórico de

---

<sup>174</sup> Ata da Assembleia dos Representantes, 23/12/1948, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

definitivamente confirmarmos a nossa finalidade: usarmos as nossas experiências e as nossas tradições no intuito de *zielbewusst* criarmos um legítimo judaísmo brasileiro-sul-americano.

4 – Assim, não entramos na sinagoga da rua Antônio Carlos como membros de uma congregação provincial – *landsmannschaftlich*. Como São Paulo cresceu no sentido metropolitano, assim também nós no mesmo sentido crescemos. Não perguntamos: és *Sefaradi*, és *Ashekenazi*, vieram teus pais de Berlim, Viena, Varsóvia ou Roma? Ouso dizer que em bases completamente novas se repete o lema de 1º de Abril de 1933: *Jásagen zum judentum* (Dizer sim ao judaísmo), solidarizar-se, após o milagre da sobrevivência e da nova radicação, com o grande judaísmo, otimista e ao mesmo tempo formar o judaísmo brasileiro, o qual terá de chegar a maioria. Fazer entender aqui que ele é vivo somente como uma potência espiritual-religiosa. Acabar com o conceito errado que os assuntos da religião fiquem reservados a um grupinho cada vez mais reduzido, acabar de esvaziar o judaísmo de seu conteúdo espiritual, sem o qual a sua sobrevivência está definitivamente condenada.<sup>175</sup>

Essa atitude fez com que ocorressem conflitos entre eles e os asquenazitas, que aqui estavam desde o início do século XX. Um dos maiores alvos desse conflito foi realmente o Rabino Fritz Pinkuss, principalmente em eventos religiosos: certa vez foi impedido de adentrar no cemitério israelita para realizar uma cerimônia religiosa por não usar barba. Referindo-se a outro momento, o próprio rabino exemplifica bem a situação:

Em uma das primeiras Bar Mitzvot que tive no Bom Retiro, houve gente que quando eu falava português, berrava: *Red ídiche!* Fala em ídiche! Eu disse: aqui se fala português, ídiche se fala em casa particular.<sup>176</sup>

A “rivalidade” entre asquenazitas e ocidentais não se manifestava apenas no plano religioso, linguístico e político, como exemplificado anteriormente, mas atingia também questões sócio-culturais. Era comum terem preconceitos uns quanto aos outros. Os ocidentais costumavam desqualificar os asquenazitas como pessoas de nível intelectual inferior, pois viviam em vilarejos ou no gueto, afirmavam que esses tinham uma visão restrita do mundo e que não conseguiam ir além da religião; em contrapartida eram qualificados pelos asquenazitas como pessoas rudes e se dizia que o liberalismo exercido por eles destruiria o judaísmo em sua essência. Muitas dessas desavenças originaram-se na Europa e foram transplantadas para o Brasil. Alguns depoimentos indicam essa rivalidade, algumas vezes velada, outras vezes, nem tanto:

---

<sup>175</sup> Fundo Fritz Pinkuss, caixa 1, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>176</sup> Entrevista, Fritz Pinkuss. Entrevistadoras: Gaby Becker e Marília Freidenson, 16/03/1992, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

I – Tinha comunidade judaica? (Em Danzig)

E – Existiu uns refugiados da Polônia, mas nós não tínhamos contato com eles. Para dizer a verdade, meus pais não se interessavam, eles estavam muito abertos para tudo, democratas, não sei o que, mas quase sem ídiche, quer dizer, a gente aprendeu um pouco na escola, mas...

I – A senhora chegou a estudar em escola judaica.

E – Nem existiam.

I – Frequentou o *Cheder*

E – Nada disso. Nós éramos *bons burgeois*.<sup>177</sup>

I - E o senhor, se lembra quando chegaram os judeus alemães, o pessoal se misturava ou era separado?

MB - No começo era um pouco separado. Era separado no começo. Mas depois foi se fundindo lentamente.

T – eu discordo

MB – [risinho].

T – É, os alemães nunca gostava que os filhos se casassem com *polischer e russicher* e húngaros e...

MB - E como é que você casou?

T - Mas o meu pai, quando conheceu o Moysés Barmak, eu era ainda muito jovem, então, eu me lembro como hoje, ele falou assim: Isso seria um bom casamento! Como um doutor Moyses Barmak. Isso seria um bom casamento

Isso não era uma exclusividade de São Paulo, Avni<sup>178</sup> demonstra que em Buenos Aires havia a velha rivalidade entre os alsacianos e russos. Rivalidade que impossibilitaram a criação na década de 1920 de uma instituição central de assistência. Assim como no Brasil as rivalidades na capital argentina só foram diminuir na década de 1940, possibilitando assim a criação da AMIA (Asociación Mutualista Israelita de Assistência).

As relações dos alemães com os sefarditas eram mais amistosas, um dos motivos era o perfil social semelhante dos dois grupos, outro era seguirem ritos religiosos bem próximos. Pode-se supor, porém, que a principal ligação entre esses eles fosse a oposição cultural aos judeus asquenazitas.

Apesar de seus diretores não adotarem nenhuma postura política clara fora do sionismo, com o intuito de não ir de encontro aos interesses do governo local, em alguns trechos fica claro que mais de um diretor da CIP não possuía simpatias pelo socialismo e comunismo. Alguns trechos de atas e artigos na Crônica Israelita patenteiam a antipatia de seus integrantes pelo movimento de esquerda, como se vê a seguir:

---

<sup>177</sup> Entrevista de Eva Hirschberg, Entrevistadora: Íris Kantor, São Paulo, 12/10/1989, Núcleo de História Oral, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>178</sup> AVNI, Haim, Op.Cit.

Dr. Hamburger relata sobre a reunião da ICIB em 25 de Abril. Depois de ampla discussão é unanimemente resolvido:

a) comunicar ao ICIB por escrito que a CIP é disposta a entrar na Diretoria da ICIB com a ressalva, porém, que não está de acordo com alguns pontos do programa distribuído na reunião do 25 de Abril, uma vez que este programa impossibilitará a participação dum setor importante do judaísmo, que dizer: aquele setor que não fala ídiche (judeus da Inglaterra, Bélgica, França, Alemanha, Itália e grande parte dos judeus da América do Norte, assim como os sefardins). Deve-se a carta, outrossim, referir à declaração que o dr. Koch deu na reunião da ICIB de 25 de Abril, de conformidade com a resolução do Conselho de 23 de Abril de 1946.

b) delegar o sr. dr. Alfred Hirschberg como representante da CIP na ICIB.

O dr. Hirschberg dá um relatório sobre as conversações de representantes da CIP e diversas agremiações judaicas de São Paulo, com os representantes do ICIB (Instituto Cultural Israelita Brasileiro) e explica as dificuldades ideológicas que atualmente tornam ainda mais impraticável uma colaboração fértil.<sup>179</sup>

O caso da “Casa do Povo” em São Paulo

Carta da Organização Sionista Unificada do Estado de São Paulo ao ICIB.

Ao recebermos o seu convite para participar da solenidade da cobertura do edifício “Casa do Povo”, cumpre-nos lembrar que em tempos passados, fizemos saber a V.S. a impossibilidade de manifestar nosso apoio a um empreendimento que serve interesses de um grupo que, sem dar à coletividade a possibilidade de se manifestar sobre sua orientação e fins, procura obter na mesma os meios para a concretizar esses edifícios.

Já naquele tempo, propomos que a Diretoria da Casa do Povo fosse formada de representantes do *Ishuv* todo, e que por isso devia-se achar uma forma democrática de eleições, entregando assim a Casa do Povo à colônia judaica de São Paulo, sem que esta ficasse sob a orientação de um só grupo.

Marcos Frankenthal – Presidente  
Henrique Bidlowsky – Secretário<sup>180</sup>

Nota-se um claro esforço dos membros da diretoria da CIP em se aproximar dos sefaradim, possivelmente pela posição social e visão política semelhantes, mas não há nenhum esforço por parte dessa mesma diretoria em se aproximar dos judeus comunistas do ICIB, composta em sua maioria por asquenazitas e de tradição ídiche. Supõe-se que esses dois fatores tenham dificultado tal aproximação. A Congregação, entretanto, mantinha boas relações com demais instituições da comunidade paulistana, principalmente com os judeus húngaros e também com a *Linath Hatzedek*, fundada por judeus radicados no Brasil desde o início do século XX, contando na

<sup>179</sup> Atas de Reunião de Assembleia dos Representantes, 29-05-1946, Fundo CIP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>180</sup> Crônica Israelita, 15-02-1949. Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

diretoria com pessoas como *Salo Wissmann* que foi um dos fundadores da Congregação. Com o judaísmo liberal, a CIP mantinha ótimas relações

## **Conclusão**

A imigração desse grupo foi diferente do grupo anterior, essa era formada quase exclusivamente por judeus da Europa Ocidental, profissionais liberais da alta classe média de seus países e assimilados ou quase. Em 14 anos (1936-1950) a CIP passou de simples sinagoga de judeus alemães para uma das principais instituições da comunidade local. Nesses anos, o novo estilo de praticar o judaísmo que os novos imigrantes trouxeram para o Brasil provocou, com aqueles radicados há mais tempo, atritos que se manifestaram no âmbito religioso, político e ideológico. O crescimento da CIP ocorreu com muitos conflitos internos e externos.

Em se tratando de conflitos internos vimos lutas se desenvolverem em vários planos, diretoria com assembléia, liberais e ortodoxos, sionistas e não sionistas. Essas lutas definiam a Congregação como um espaço democrático e que tentava lidar com essas diferenças, nem sempre possíveis. Muitas dessas lutas repercutiam em sua política de relação com as demais instituições: como o de não aproximação com os judeus do Bom Retiro, ashkenazitas e religiosos e sionistas. Conflitos externos esses que adentraram anos a fio na comunidade judaica e impedindo por um breve período a integração da comunidade em uma Federação.

Mas não só conflitos foram as adversidades dos integrantes da CIP, o antissemitismo de determinados setores do governo brasileiro também fizeram com que fossem criadas algumas dificuldades para eles, assim como o sentimento de aversão a italianos e alemães durante a II Guerra Mundial, apesar de judeus, eram considerados os súditos desses países, portanto possíveis espões.

Não explicitado no capítulo as mulheres nessa instituição tiveram importante papel na benemerência e condução de alguns setores como Lar da Criança. Mas não tão incisiva como nas duas instituições que serão analisadas no capítulo a seguir. O próximo e último capítulo dessa dissertação discute a participação feminina na imigração judaica para o Brasil, o papel que a mulher imigrante tem nas relações pessoais e adaptação da sua família, assim como o seu papel

na beneficência judaica paulistana. É um tema até então pouco explorado dentro da historiografia sobre imigração e questão de gênero.



## IMIGRAÇÃO E QUESTÃO DE GÊNERO

Neste último capítulo escreverei sobre a questão de gênero nas instituições de beneficência judaica. O porque da alta participação feminina nessas instituições, principalmente mulheres da elite da comunidade, algo parecido em São Paulo apenas na comunidade Sírio-libanesa. Para tal análise escolhi duas instituições: A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e a OFIDAS.

O Estudo de gênero no Brasil surge na década de 60 com o pioneirismo de Helleieth Safiotti *A mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*, e de Eva Blay *Mulher Escola Profissão: O ginásio Industrial feminino em São Paulo*. Mais tarde, nas décadas de 80 e 90 surgem os núcleos de pesquisas e de estudo de gênero como o Pagu na Unicamp, que é referência no Brasil sobre estudos de gênero e pesquisadoras como Margareth Rago com a tese *Os prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. Recentemente podemos citar o trabalho de Lucila Scavone com a tese de livre docência *Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais*.

De acordo com Ethel V. Kosminsky<sup>181</sup> a ampliação do movimento feminista provocou o levantamento da vida de mulheres, daquelas que tinham sido mantidas à parte, isoladas pelo silêncio. Joan Scott<sup>182</sup> localiza a origem dos estudos de gênero na década de 1960, quando as ativistas femininas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre opressão e inspiração para a ação, de acordo com a historiadora o estudo de gênero e o movimento feminista vieram caminhando ao longo dos anos, mas isso não é somente uma submissão política, mas também uma perspectiva teórica que os leva a encarar o sexo como um modo melhor de conceituar política.

Segundo Kosminsky<sup>183</sup> Na década de 1990 os temas de família e gênero foram incorporados aos estudos migratórios produzidos nos Estados Unidos. E segundo a autora, Steven Gold expõe três motivos para essa mudança:

---

<sup>181</sup> KOSMINSKY, Ethel, Op.Cit.

<sup>182</sup> SCOTT, Joan, **História das Mulheres**, In. A escrita da História, BURKE, Peter org. Tradução Magda Lopes, Editora Unesp, São Paulo, 1992.

<sup>183</sup> KOSMINSKY, Ethel, **Questão de Gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e Nova York**, Pagu, Campinas, Dezembro de 2004, nº23 pp.279-328.

1. O aumento do número de mulheres imigrantes. Assim um dos aspectos que define a “nova imigração” é o seu grande contingente feminino;
2. Crescente influência do feminismo acadêmico, que coloca a experiência da mulher no centro da produção do conhecimento;
3. Presença de um grande número de mulheres imigrantes que tem acarretado implicações políticas relevantes, no sentido de reivindicações por melhores moradias e por mais extensivos serviços de assistência social, tornando-as o centro da pesquisa.

Ainda de acordo com o autor, a crescente influência do feminismo na Universidade irá colocar a experiência da mulher no centro da pesquisa acadêmica nos EUA. Até o final dos anos 80, as questões de família e de gênero encontravam-se ausentes dos estudos de imigração e de adaptação do imigrante.

Se a produção bibliográfica sobre gênero como categoria analítica surgiu nos estudos migratórios nos Estados Unidos datam da década de 1990 como Donna Gabaccia *From the Other Side: Women, Gender & Immigrant Life in the U.S. 1820-1990* ; no Brasil surgiu da década de 2000. Nesse período em que o estudo de gênero entrou na historiografia brasileira da imigração, surgiu alguns trabalhos com o de Kosminsky *Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York.*, Ana Cristina Braga Marte e Soraya Resende Fleischer *fronteiras cruzada: etnicidade, gênero e redes sociais*. Entre outros novos artigos.

O recente interesse dos pesquisadores na experiência de famílias e de mulheres imigrantes está na busca de compreender o funcionamento da família migrante, conhecer a sua adaptação, relacionando a questão de gênero com o mercado de trabalho, o preconceito e as instituições e redes étnicas, assim como assuntos privados.

Segundo Kosminsky<sup>184</sup>, a inclusão do gênero como categoria mediadora nos estudos migratórios proporciona ao pesquisador informações sobre as causas, conseqüências e processos da migração internacional, permitindo também uma ampliação da relação entre o local e o global. Quando o gênero é trazido à frente dos estudos imigratórios, vários temas podem surgir,

---

<sup>184</sup> KOSMINSKY, Ethel; Op.Cit

entre os quais, como mulheres e homens vivenciam a imigração de forma diferenciada e como este fato interfere no seu assentamento.

Mulheres parecem compartilhar da percepção do mundo social pela sua inserção na família e, embora, isso não seja verdadeiro para todas as mulheres, muitas parecem dar sentido às suas vidas, referindo-se às transições individuais e familiares. Ao analisar a literatura judaico-feminina no Brasil e EUA ela nota que as histórias de vida são vidas de grupos, nas quais as narradoras tece a sua história com aquelas do seu outros significantes, os seus filhos, pais, maridos, amantes e amigos<sup>185</sup>.

Comparando a experiência migratória de mulheres e de homens, observa-se que a mulher, quer migradas sozinhas ou com suas famílias têm recursos, oportunidades, preocupações e reações diferentes e, por essa razão, seguem estratégias de adaptação distintas, desempenhando papéis centrais na adaptação do grupo à nova sociedade. A pesquisa com mulheres imigrantes e suas famílias focalizam, geralmente, a experiência de mulheres que precisa trabalhar contribuindo para a renda de suas famílias, por meio do salário ou do trabalho executado em negócios da própria família.

Segundo Gabaccia<sup>186</sup>, demograficamente e culturalmente as mulheres imigrantes se assemelham aos homens de sua origem no trabalho, na casa, e em suas comunidades, entretanto suas vidas divergem da vida deles pois, exatamente desde suas origens, as responsabilidades dos homens e das mulheres são mais complementares do que divididas. A mulher geralmente ficava incumbida dos afazeres da casa e cuidar da família portanto, não mantém contato com a sociedade nativa, seus únicos contatos eram com mulheres imigrantes de sua origem que eram suas vizinhas; enquanto que os homens ao saírem para trabalhar mantém contato com a sociedade maior e sua adaptação nesta sociedade é facilitada por esse maior contato.

De acordo com Kosminsky<sup>187</sup>, as autobiografias, biografias, romance de cunho biográfico de autoria de mulheres imigrantes quando analisados pela historiografia da imigração demonstram que a mulher assim como os pobres tem uma história oral, pois, de forma equivocada, até a década de 80 esta historiografia concebia os imigrantes de forma estereotipada

---

<sup>185</sup> KOSMINSKY, Ethel, **A literatura judaico feminina de imigração nos Estados Unidos e Brasil**, In. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, FFLCH-USO, n°3, Humanitas, São Paulo, 2001

<sup>186</sup> GABACCIA, Donna, **From the Other Side: Women, Gender & Immigrant life in the U.S. 1820-1990**; Indiana University Press, Indianápolis, 1994

<sup>187</sup> KOSMINSKY, Ethel, op.cit.

e quase sempre incorreta, tidos como trabalhadores do sexo masculino, mas o estudo de questão de gênero surgiu para tentar destruir esse estereótipo.

Antes de começar a análise das instituições e de suas fundadoras, vou refletir sobre o papel e como era representada a mulher no judaísmo e a sociedade maior.

### **A Mulher Judia: trabalho e família**

Assim como em outras denominações religiosas e culturais, no judaísmo se espera que a mulher siga alguns padrões de comportamento que muitas vezes entra em choque com a sociedade maior, principalmente na questão do trabalho e inserção social. A seguir uma oração, *Eshet Chail* (mulher virtuosa) que define bem qual o papel da mulher judia.

*“A mulher virtuosa, quem pode achar? Porque o seu valor em muito excede ao das pérolas. O coração do marido confia e nela nunca lhe faltará;*

*Ela faz o bem todos os dias da sua vida;*

*Ela traz o seu pão, mesmo que tenha que busca-lo de longe com os navios mercantes;*

*Ela se levanta quando ainda está escuro e dá mantimentos à sua casa e dá tarefas às suas escravas;*

*Ela estuda e analisa o campo para compra-lo;*

*Ela planta a vinha com o fruto de suas mãos;*

*Ela cinge os seus ombros de fortaleza e fortalece os seus braços;*

*Ela sabe e percebe quando um negócio é proveitoso;*

*Ela não apaga a chama da luz quando a noite chega;*

*Ela estende as suas mãos e palmas para fiar e tecer;*

*Ela abre a palma da mão para o pobre e atende o necessitado;*

*Ela não tem medo da neve e protege a sua família com os vestidos de lã escarlate;*  
*Ela faz para si vestidos e cobertas de linho finíssimo e de púrpura;*  
*Ela faz as roupas de seu marido para que este se sinta bem junto aos anciãos da terra;*  
*Ela faz túnicas de linho e contas para vender aos negociantes;*  
*Ela tem força e dignidade no seu exterior e alegra-se com esta honra;*  
*Ela abre a boca com sabedoria e a lei da benevolência está na sua língua;*  
*Ela olha a arrumação, limpeza e o bom andamento de sua casa e não come o pão da preguiça;*  
*Ela acorda os seus filhos bem cedo e estes a chamam de bem-aventurada;*  
*O seu marido então a louva dizendo: muitas mulheres tem procedido virtuosamente mas tú a todas elas sobrepujas;*  
*A graça é enganadora e a formosura é vã, mas a mulher que tem o Eterno, essa será louvada. Dai-lhe o fruto das suas mãos e nas portas da cidade ela seja louvada pelas suas obras.”*

A oração acima foi de suposta autoria do rei Salomão, e como se pode notar a mulher é tida como a mantenedora do lar seja como aquela que traz o pão, ou que mantém a casa limpa, fica a frente dos negócios, mantém seu marido limpo e orgulhoso para que ele possa se apresentar diante dos anciãos. Mas conforme na sociedade maior o papel feminino ia mudando, a mulher judia também ia reavaliando sua função dentro da comunidade.

Segundo Rachele Lweig Dolinger<sup>188</sup> a situação da mulher judia vem mudando ao longo do tempo. Na antiguidade era prestigiada, mas com a diáspora passou a segundo posto. Apenas na idade moderna que voltou a ocupar posto de destaque, uma das figuras mais importantes foi Dna.

---

<sup>188</sup> DOLINGER, Rachele Lweig, **Mulheres de Valor: Uma memória que se destaca na comunidade judaica do Rio de Janeiro**; Garamond, Rio de Janeiro, 2004

Grazia Mendes. No século XIX surgem figuras como Judith Montefiore, Henrieta Hirsch, mas somente no século XX que, a exemplo da sociedade maior, a mulher da comunidade judaica consolidou sua posição social. Mas qual era essa posição social? Fazia diferença entre as judias da Europa Oriental e Central e Oriente Médio?

Segundo Kosminsky<sup>189</sup>, na Europa Oriental, onde os judeus tendiam a ser mais religiosos, uma judia casada raramente trabalhava fora de casa, ou em uma fábrica. Primeiro porque a produção industrial na Polônia e na Rússia ainda estava em seu início; segundo, o homem judeu não via com bom grado que a sua esposa permanecesse em companhia de homens estranhos. Não que o trabalhar fosse um grande problema, ao contrário, para a judia casada era um orgulho sustentar o lar enquanto o marido ficava incumbido de ir a sinagoga e estudar as sagradas escrituras, mas a convivência delas com outros homens poderia ameaçar a sacralidade da família, o mesmo não ocorria com mulheres solteiras. Então, as judias casadas geralmente trabalhavam no mercado em praças públicas, ou em uma pequenas lojas. As solteiras podiam trabalhar fora de casa em companhia de outros homens que não eram seus pais e irmãos, pois estas ainda não estavam sacramentadas pelo casamento.

Para Kosminsky e Gabaccia a questão do trabalho no Novo Mundo foi um problema para a mulher imigrante. Gabaccia frisa a diferença de trabalho exercidos no Velho Mundo, muitas vezes profissões ligadas ao campo, e no país de imigração, onde teve que trabalhar nas linhas de produção das indústrias. Assim como suas funções dentro do lar, até então essas mulheres não eram responsáveis pela manutenção de seus lares, a partir da imigração a mulher passa a ser co-responsável pela manutenção do lar. Acompanhando essa mudança em seu papel familiar vem a sua mudança de status dentro da sociedade, pois de forma geral, essas mulheres pertenciam a classe média em seus países de origem, a imigração e a necessidade de trabalhar e ajudar no orçamento familiar fez com que seu status social decaísse.

No caso da mulher judia além das mudanças acima, houve também um choque cultural. Kosminsky explicita que na Europa Oriental a mulher judia ortodoxa era acostumada a trabalhar para o sustento do lar, enquanto o marido se ocupa do estudo com as sagradas escrituras. Acostumada a trabalhar em pequenas lojas da própria família, no continente americano ela viu o papel familiar mudar: o marido passa a ser o arrimo de família e a mulher fica reclusa ao seu

---

<sup>189</sup> KOSMINSKY, Ethel, **Questão de gênero em estudos comparativos...** Op.Cit.

papel doméstico. A autora relata em seu trabalho<sup>190</sup> queixas de mulheres pela barreira cultural imposta pela sociedade que imigraram quanto ao seu trabalho e o trabalho do marido, muitas vezes eram interpeladas se este estava doente e por isso estava incapacitado de sustentar a família.

A autora também explica que a situação da judia no novo mundo diferenciava de país para país para qual emigravam. Duas mulheres podiam ser da mesma origem, do mesmo *Shtetl*, do mesmo estado civil e classe social, mas a situação de ambas poderia ser diferente no continente americano, dependia para qual país ela fosse emigrar. Na mesma obra Kosminsky<sup>191</sup> faz um comparativo da situação das judias na sociedade norte americana e a brasileira nas três primeiras décadas do século XX.

No Brasil os imigrantes judeus encontraram uma sociedade fechada e apoiada no forte patriarcalismo onde uma mulher casada não podia sair de casa sem ser acompanhada pelo marido ou um parente próximo. Kosminsky explica que apesar do século XX ter visto uma maior independência da mulher, dos filhos e filhas em todas as classes, a ideologia do passado patriarcal da colônia ainda persistia nesses mecanismos de suporte da família, o poder da figura do pai se sobrepunha ao restante da família.

Conseqüentemente, o imigrante seja ele judeu, italiano, ou espanhol, ou qualquer outra origem, tendo contato com essa cultura brasileira centrada no patriarcalismo também passa adotá-la na condução de suas famílias. As mulheres da classe altas ficavam apenas ocupadas com assuntos familiares ou de lazer, as da classe média e baixa ficavam ocupadas em atividades domésticas como lavar, passar roupa, cozinhar. Raro eram as mulheres que trabalhavam fora de casa, quando faziam, trabalhavam, geralmente, como vendedoras.

O perfil que tracei acima era de uma mulher casada do início do século XX no Brasil seja ela judia ou não, já as solteiras o perfil era um pouco diferente. Quando pertencia às classes mais altas freqüentavam os colégios e quando terminavam o que hoje corresponde ao ensino médio, geralmente logo se casavam ou iam ser professoras e, com o crescimento dos bancos e do setor público, trabalhavam como secretárias, um grupo muito restrito freqüentavam o ensino superior e praticavam suas profissões. Já as solteiras da classe mais baixa ou ajudavam suas mães nas

---

<sup>190</sup> KOSMINSKY, Ethel, op.cit.

<sup>191</sup> Idem, Ibidem

prendas domésticas ou iam para as fábricas, geralmente tecelagem, para ajudar no orçamento familiar e lá ficavam até se casar.

A segunda geração também enfrentam diferenças na forma como lidar com a questão do trabalho. Geralmente em uma família imigrante o filho era visto como a esperança dos pais em uma ascensão social, por isso muitas vezes todo o esforço da família era para que os meninos conseguissem estudar e conseguir o diploma universitário, pois em uma cidade como São Paulo com pouco mais de cinco universidades a época, o nível superior era garantia de sucesso profissional.

Para as mulheres a situação era diferente, em classes menos favorecidas quando não eram analfabetas, no máximo faziam até o 4º ano do ensino primário (atual 5º ano do ensino fundamental), a educação básica na época. As moças de classe mais abastadas geralmente chegavam até cursar o normal ou científico (atual ensino médio), poucas foram aquelas que conseguiram chegar ao nível superior. Aos olhos dos pais a mulher não necessitava de possuir o nível superior pois a sua ocupação seria a manutenção da ordem no lar, enquanto que o marido ficaria responsável pelo sustento. Somente com a ampliação de alguns setores públicos e a expansão do serviço social as mulheres passaram a ocupar mais espaço no mercado de trabalho e seus pais deixavam com que frequentasse o “curso de mulheres” como secretariado e serviço social.

Mas apesar dessa ampliação a responsabilidade do sustento do lar ainda permanecia com o homem. A primeira geração de imigrantes via como futuro promissor para a segunda geração em um “bom casamento”. O bom casamento seria encontrado com um moço da comunidade que possuísse o nível superior, isso ajudaria no status da família. Possuir uma graduação era garantia da família de que o marido não fosse exercer uma profissão braçal e assim conseguir manter a filha e na manutenção de seu status perante a comunidade.

Em comparação com os EUA a autora também demonstra que apesar da sociedade norte-americana, assim como a brasileira, repudiar o trabalho da mulher casada fora de casa, as classes trabalhadoras daquela sociedade não compactuavam com essa cultura, as mulheres mesmo que casadas, freqüentemente ajudavam no orçamento familiar em trabalhos nas fábricas até que os filhos pudessem tomar seu lugar. Alguns casos eram comuns o retorno temporário das mães ao trabalho fora de casa para ajudar no orçamento familiar.

Os imigrantes judeus da Europa Oriental que foram para os Estados Unidos e habitavam Nova York eram, em sua maioria, operários das fábricas e habitavam o bairro do *East lower Side*. Enquanto que, em São Paulo, foram morar no Bom Retiro também um bairro operário mas, ao invés dos seus congêneres em solo norte-americano, que em sua maioria foram para o chão de fábrica, os imigrantes judeus que vieram para o Brasil, em sua maioria, constituíram pequenos negócios como sapatarias, alfaiataria, mercearia, armarinhos<sup>192</sup>, mas não se pode negar a presença significativa de judeus como operários.

Essa mudança pode se explicar pelo período em que as duas economias se encontravam durante o auge da imigração judaica em seus países. Nos EUA esse auge ocorreu em fins do século XIX e início do XX quando a economia americana já estava se consolidando e possuía pouco espaço a ser preenchido na economia desse país. No Brasil a industrialização estava em seu início e a economia brasileira estava em expansão, assim como as ferrovias, possibilitando aos judeus que imigraram nas primeiras décadas do século XX de ocuparem outros ramos do mercado que não fosse o da classe operária.

No Brasil a esposa judia da classe média ajudava seu marido no comércio, quando tinha algum, e as suas filhas ajudavam as mães nos afazeres da casa durante a folga das tarefas escolares. Já nos Estados Unidos, as esposas judias ajudavam seus maridos ou em seu pequeno comércio, ou na maioria dos casos, indo junto com eles para o chão de fábrica esporadicamente para obterem um aumento da renda e suas filhas também iam. Essa ajuda nos negócios familiares não era vista como profissão pelas mulheres judias, mas como uma necessidade para o desenvolvimento econômico da família.

Segundo Kosminsky, a segunda geração de judeus nos EUA foi diferente que no Brasil. Naquele país o maior incentivo governamental possibilitou o maior acesso pelas mulheres maior grau de escolaridade que no Brasil. Juntamente com maior atividade do movimento feminista na sociedade maior e nas fábricas conjeturando nomes como Ema Goldman, fez com que as judias americanas da segunda geração fossem mais emancipadas que as brasileiras e não sofressem com tantas barreiras impostas pela sociedade maior e por seus pais quanto o acesso destas ao mercado de trabalho e ao ensino superior.

---

<sup>192</sup> Vide Análise do *Bureau de Travail* da Ezra no capítulo 2

## A mulher judia e a assistência social

Mas o grupo de judias que irei analisar nesta dissertação é a elite da comunidade judaica, algumas imigraram junto com seus maridos ou pais para fazer a vida no Brasil. E tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, constituíram instituições de beneficência. Neste capítulo me deterei na cidade de São Paulo e analisarei a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, fundada em 1915 e a OFIDAS fundada em 1940. O que me interessou nesse tema foi a alta participação feminina na constituição da beneficência, principalmente mulheres da elite.

Alguns autores tratam a tradição feminina de assistencialismo como uma *mitzvá*<sup>193</sup> e que por trás disso está toda uma tradição construída ao longo de séculos. Argumentam que já no século XVII em plena invasão holandesa no nordeste brasileiro e a forte presença de judeus pela tolerância religiosa flamenga fez surgir uma caixa de pobres e uma organização de ajuda as noivas judias de baixa renda. Não contesto a já existência dessa instituição, mas resumir tudo a um ato religioso, mas creio ser reducionista demais.

Em capítulos anteriores lanço mão da hipótese da ausência do Estado Nacional fez com que as instituições ocupassem esse lugar. Mas ao analisar mais profundamente suas ações vemos também que essas instituições funcionaram como formas de controle sobre a comunidade na tentativa de manter o status da comunidade perante a sociedade e assim evitar com que indivíduos marginalizados pela sociedade maior, tidos como impuros, permanecessem no convívio da comunidade entre os “normais”.

O que atrai na Sociedade das Damas é o seu pioneirismo na beneficência da comunidade. Logo em uma sociedade patriarcal foram as mulheres as primeiras à trabalhar pela beneficência na comunidade em São Paulo. Já a OFIDAS além de ser uma instituição feminina, representa a segunda geração de imigrantes aqui estabelecidos há mais tempo e que começa a trabalhar pela beneficência, ela também representa o início de uma nova era da assistência e das fusões, já que nasceu da fusão de três instituições femininas e marca o início da profissionalização da assistência social, pois até então, com exceção da CIP, as demais instituições de beneficência praticavam a assistência social de forma amadora. Segundo Gabaccia<sup>194</sup> as associações de

---

<sup>193</sup> mandamento

<sup>194</sup> GABACCIA, Dona, op.cit.

beneficência e ajuda mútua antes eram da esfera masculina, com o passar do tempo passaram para a esfera feminina, geralmente mulheres da classe média.

A primeira geração lidava apenas com pessoas de sua cultura e a segunda geração passa a lidar com os nativos. É o que ocorreu na relação entre Sociedade das Damas e OFIDAS. O voluntariado com a comunidade étnica pode ser vista como um fenômeno específico de classe: mulheres imigrantes que demonstravam seu status publicamente quando participavam de voluntárias em uma instituição étnica. E assim como ocorreu na comunidade judaica, nas relações de gênero, a figura masculina era vista como construtora da comunidade enquanto a mulher como voluntária de associações.

Dentro da comunidade judaica, os papéis da Sociedade das Damas e Ezra muitas vezes eram distintos e complementares. Apesar de serem associações beneficentes, nas décadas de 1920 e 1930 a Ezra era vista como a espinha dorsal da comunidade, a instituição capaz de se encarregar pela imigração e adaptação do novo imigrante e resolver conflitos internos com arbitragem. A OFIDAS era vista apenas como uma instituição de beneficência, não extrapolando o seu limite, com exceção de participar na Revolta Constitucionalista de 1932 na confecção de capuzes para os soldados paulista. Deste então ficou muito claro a divisão de gênero entre as instituições: a Ezra ficaria responsável pelo cuidado com o mantenedor da família, o homem como se esperava em uma sociedade patriarcal, em arranjar emprego e moradia, enquanto que a Sociedade das Damas\Ofidas era responsável pela mulher e criança provendo a elas cuidados médicos e auxílio monetário, quando o mantenedor estava morto ou incapacitado de trabalhar.

A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas foi fundada em fins de 1915, foi a primeira instituição de beneficência da comunidade judaica em São Paulo. A sua criação e, posteriormente, a da Ezra evidencia o início de uma imigração contínua de judeus para o Brasil.

Em sua ata fundacional está escrito assim:

“O fim da associação é auxiliar a todos os Israelitas pobres sem distinção de nacionalidade e socorrer aqueles que sem culpa própria caíram na indigência”

Mas o que seduz e leva a escolher a Sociedade das Damas é o seu pioneirismo, a primeira sociedade beneficente da comunidade judaica em São Paulo, o fato de ser uma instituição fundada por mulheres em uma época em que o patriarcalismo era muito forte, e a alta participação de mulheres da elite da comunidade judaica na formação e direção dessas entidades.

A Sociedade das Damas era uma instituição pequena, ligada a senhoras que freqüentavam a primeira sinagoga de São Paulo<sup>195</sup>.

Das três fundadoras, uma era esposa de um grande empresário da comunidade, filantropo conhecido por doar os terrenos e altas quantias em dinheiro para diversas instituições da comunidade judaica, sua família está ligada a fundação de algumas sinagogas da comunidade. Outra era esposa de um dos fundadores da Knesset Israel e da Sociedade Amigo dos Pobres EZRA e a terceira era esposa de um importante comerciante da comunidade judaica em São Paulo. Berta Klabin, Olga Nebel e Olga Tabacow.

Agora me pergunto, o porque dessa alta participação feminina no assistencialismo em São Paulo? Algo parecido assim apenas na comunidade Sírio Libanesa. De acordo com o Oswaldo Mario Serra Truzzi<sup>196</sup> isso deve ao fato que essas mulheres, da elite da comunidade síria, procuravam algo que saísse da rotina de suas vidas, algo para ocupar seu tempo e assim escapar um pouco do domínio patriarcal de suas famílias.

Também creio que esse seja um dos motivos para que pessoas da elite da comunidade judaica em São Paulo tenha se interessado com maior entusiasmo à obra da filantropia para fugir um pouco da rotina de seus lares e do domínio patriarcal de seus maridos.

Como afirmou a filha de uma das diretoras da Sociedade das Damas em uma entrevista:

“Em casa quem mandavam era o pai. Sempre. Mandava em tudo. A mãe mandava na cozinha, nas empregadas, nas crianças... mas quem mandava em geral no que acontecia na casa, o que podia gastar ou o que não podia gastar, ou quando podia comprar alguma coisa ou quando não podia comprar alguma coisa... quem era o dono do dinheiro ali era o pai, porque era a única pessoa que ganhava dinheiro...A mulher nunca trabalhou – só dentro de casa. Ela trabalhou dentro de casa com as crianças e com os casamentos que tinha que fazer, mas quem mandava ali era o pai. Os pais eram mandões mesmo!...eu lembro que os pais nunca eram criticados, eram sempre os que tinham razão(...)”<sup>197</sup>

Mas também há outro motivo que possa ser a razão da alta participação feminina na direção e formação dessas entidades. Assim como para os homens e para as mulheres e suas famílias o trabalho nestas instituições de beneficência dava prestígio perante a comunidade.

---

<sup>195</sup> Knesset Israel

<sup>196</sup> TRUZZI, Oswaldo Mario, **Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo**, HUCITEC, São Paulo, 1995

<sup>197</sup> **Passagem para América: relatos da imigração judaica em São Paulo**. Org. BECKER, Gaby & FREINDENSON, Marília, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 2003.

Quanto maior o cargo, maior o prestígio adquirido na comunidade e maior a soma de dinheiro que doavam para essas instituições.

A sociedade beneficente das Damas Israelitas teve apenas duas direções, a primeira ficou no cargo de 1915 à 1932. Em 1932 toma posse a segunda geração de senhoras mais novas e com novas ambições. Essa nova direção gerenciou a instituição para um novo rumo e aumentou suas ações, além de apoiar os jovens combatentes de São Paulo contra as forças getulistas, em 1935 fundou o Lar das crianças que abrigava as crianças necessitadas da comunidade.

Mas a Sociedade das Damas apenas existiu até vinte de maio 1940 quando esta instituição juntamente com o Lar das Crianças e a Gota de Leite da B'nai B'rith se fundiram e fundaram a OFIDAS (Organização Feminina Israelita De Assistência Social). Os diretores das três entidades passaram a ser diretores da nova instituição, mas a presidente ainda continuou sendo a da Sociedade das Damas, Luiza Klabin Lorch, filha de Berta e Maurício Klabin grande filantropo sionista da comunidade judaica brasileira, e esposa de Luiz (Ludwig) Lorch presidente e fundador da CIP, portanto dentre as diretores era quem tinha maior projeção dentro da comunidade.

A fundação da OFIDAS inicia uma nova direção nas instituições da comunidade judaica.

1. As fusões, nunca até então havia ocorrido tamanha fusão de três entidades, com isso inicia-se a era das fusões e arrisco a dizer que inicia-se o processo de integração da comunidade judaica, um processo longo que continuaria a ocorrer nas próximas três décadas, culminando com a criação da UNIBES (União Israelita de Bem Estar Social) em 1976 quando a Policlínica Linath Hatzedek, OFIDAS e Ezra se unem.
2. A era da profissionalização da assistência social na comunidade judaica. Recordamos que o curso de Serviço Social da PUC foi criado em 1936, isso deve ter influenciado no modo como encarariam a assistência aos imigrantes.
3. Foi a primeira instituição que conseguiu unir tanto instituições dos judeus do Bom Retiro (Sociedade das Damas e Lar das Crianças) como instituição dos judeus alemães (Gota de Leite da Bnai Brith).
4. Foi uma instituição que em seu estatuto definia que apenas mulheres fariam parte de sua diretoria, mesmo tendo homens presentes em sua fundação, assim como entre o

quadro de funcionários. A primeira diretoria era composta por mulheres da elite da sociedade judaica.

Além desses quatro pontos que mencionei acima, o que faz da OFIDAS também ter atenção especial é o fato dela representar a segunda geração da comunidade judaica em São Paulo, pelo menos os filhos daqueles que foram os primeiros que aqui chegaram, a maioria, ou nasceram aqui ou imigraram quando criança.

Uma geração com maior predisposição de estabelecer contato com outros grupos da comunidade e iniciar o processo de integração entre as instituições. Digo integração pois os grupos de judeus dentro da comunidade em São Paulo nunca deixaram de ter suas características regionais: seja lingüística, rito religioso, na culinária ou mesmo politicamente, mas essa nova geração possibilitou a interação e integração dos grupos da comunidade. Integração esta que se consolidaria na década de 50.

Em seu estatuto está escrito:

Art 3 – A organização tem por objetivo prestar à mulher e á criança assistência moral e material.

Art 4 – Os sócios da Organização podem ser de ambos os sexos.

Art 21 – Só poderão fazer parte da Diretoria pessoas do sexo feminino

Art 36 – A Diretoria será auxiliada por comissões de sua livre nomeação, podendo fazer parte dessas comissões, pessoas de ambos os sexos.

Como era de sua função anterior, a Ofidas continua a assistir a mulher e a criança enquanto a Ezra fica responsável pela assistência ao pai de família. Mas ao contrário de anteriormente a profissionalização faz com que a qualificação profissional de seus funcionários fosse mais importante que o gênero, possibilitando assim em seu quadro profissional pessoas de ambos o sexo. Mas ainda continua a se caracterizar como uma instituição feminina, pois além do nome, ainda configura exclusivamente em sua diretoria pessoas do sexo feminino

Ao analisar as atas de reuniões, livros de caixa, livros com dados sobre assistência, vemos que o crescimento da ação da OFIDAS na década de 1940 foi vertiginoso. Abaixo temos alguns

dados que possam explicitar essa afirmativa com dados da receita da OFIDAS\Sociedade das Damas ao longo de pouco mais de 20 anos<sup>198</sup>:

#### Caixa em 1921

|                                       |                                   |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| Receita: Mensalidades – Cr\$ 4.094,00 | Despesas: Auxílios: Cr\$ 2.489,00 |
| Donativos – Cr\$ 731,00               | Doentes: Cr\$ 1.717,80            |
| Total – Cr\$ 4.825,00                 | Diversos: Cr\$ 267,00             |
|                                       | Total: Cr\$ 4.473,80              |

#### Caixa de 1931

|                                       |                                  |
|---------------------------------------|----------------------------------|
| Receita: Mensalidades: Cr\$ 15.371,10 | Despesas: Auxílio: Cr\$ 5.969,20 |
| Donativos: Cr\$ 3.857,50              | Doentes: Cr\$ 17.783,00          |
| Festas: Cr\$ 4.725,30                 | Diversos: Cr\$ 2.421,50          |
| Total: Cr\$ 23.953,90                 | Total: Cr\$ 26.173,70            |

#### Caixa em 1941

|  |                                    |
|--|------------------------------------|
| Receita: Mensalidades: Cr\$ 128.828,90 | Assistência Social: Cr\$ 74.635,70 |
| Donativos: Cr\$ 75.101,70              | Lar da Criança: Cr\$ 87.418,20     |
| Reembolsos: Cr\$ 10.700,10             | Gota de Leite: Cr\$ 30.254,50      |
| Caixinhas: Cr\$ 2.593,40               | Peah: Cr\$ 2.093,10                |
| Juros: Cr\$ 855,90                     | Administração: Cr\$ 32.721,10      |
| Total: Cr\$ 218.080,00                 | Instalação: Cr\$ 7.923,00          |
|  | Total: Cr\$ 235.045,60             |

#### Caixa de 1942-43

| Receita                       | Despesas                           |
|-------------------------------|------------------------------------|
| Mensalidades: Cr\$ 190.277,00 | Lar da Criança: Cr\$ 117.139,00    |
| Donativos: Cr\$ 90.914,20     | Assistência Social: Cr\$ 98.102,40 |
| Reembolsos: Cr\$ 13.762,60    | Higiene Infantil: Cr\$ 23.037,10   |
| Caixinhas: Cr\$ 11.163,20     | Peah: Cr\$ 16.241,20               |
| Juros: Cr\$ 153,30            | Administração: Cr\$ 47.525,90      |
| Benfeitores: Cr\$ 8.250,00    | Gabinete Dentário: Cr\$ 12.684,40  |
| Total: Cr\$ 314.520,30        | Total: Cr\$ 314.730,00             |

Se considerarmos que no período entre 1920 e 1940 a comunidade judaica paulistana cresceu de pouco mais de 5 mil pessoas para mais de 20 mil, um crescimento de 300% a

---

<sup>198</sup> Fundo OFIDAS, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

arrecadação da organização feminina foi de ordem muito maior, de Cr\$ 4.825,00 em 1921<sup>199</sup> para Cr\$ 314.520,30 em 1942, um aumento de 6400%, se formos apenas fazer um comparativo no âmbito das mensalidades, o aumento foi de 4400%. Isso pode se explicar por uma série de fatores como o crescimento econômico do país no período, assim como o crescimento econômico da própria comunidade já estabelecida em São Paulo há quase meio século, possibilitando a seus membros auxiliar as instituições de beneficência e assim conseguir manter em um patamar aceitável o padrão de vida dos membros da comunidade que necessitam de auxílio. Uma evidência que vem corroborar com este fato é o crescimento entre 1931 e 1941, 3.000%, em um período em que a imigração judaica para o Brasil sofria uma série de restrições já discutidas anteriormente.

Vemos também um aumento no modo de arrecadação de dinheiro. Nos primórdios do assistencialismo na comunidade, vemos que havia apenas dois modos de arrecadação, com o desenvolvimento da comunidade as opções de arrecadação também aumentaram. Isso pode se explicar por um maior intercâmbio entre as instituições da comunidade, pois alguns desses meios como as caixinhas foram também comumente utilizadas pela CIP na arrecadação de fundos para suas campanhas em prol dos imigrantes.

Mas do mesmo modo em que a arrecadação aumenta, os gastos também aumentaram, muitas vezes redundando em déficits. No mesmo período os gastos aumentaram em 7000%, evidenciando além do aumento da comunidade no período, também o alcance da ação dessas instituições. No início, o auxílio se restringia a apenas ajuda pecuniária e consultas médicas. Nas décadas seguintes, esse auxílio é estendido a todos o alcance da melhoria na qualidade de vida do assistido, como no caso da OFIDAS, higiene infantil, distribuição de roupas, auxílio médico, pecuniário além da educação.

Ao longo da década de 1940 a OFIDAS sofre constantemente com restrição financeira e corte nos gastos. Principalmente nos anos do pós-guerra e o reatamento da imigração. Parte da qual a OFIDAS teve papel importante em auxiliar. O aumento no número de assistidos no pós-guerra fez a situação financeira se deteriorar mais ainda, as arrecadações não acompanhavam o aumento dos gastos na ampliação dos seus serviços. Em um artigo da Revista Aonde Vamos, temos um relato da situação financeira da instituição durante a década de 1940:

---

<sup>199</sup> Dados atualizados no momento, já que a moeda corrente era o réis e não o cruzeiro.

A situação financeira da OFIDAS tornou-se tão angustiosa que foi ventilado a necessidade de fechar o Lar das Crianças.

Pode você, membro consciencioso da coletividade, concordar com esta medida que prejudicará 70 crianças, entre as quais alguns órfãos e vários filhos de Imigrantes recém-chegados;

Só há um meio de evitar este passo doloroso e de conseqüências tão graves para a coletividade: obter de um número bastante grande de pessoas de boa vontade o patrocínio de uma ou mais crianças (anuidade incluindo alimentação, higiene e educação: Cr\$ 5.000,00) ou a contribuição de uma mensalidade especial, destinada unicamente a manutenção do Lar.

Está, portanto, em suas mãos, amigo, a decisão sobre o futuro de 70 crianças. Temos a certeza de que resolverá o problema no mais elevado espírito humanitário e de consciência, pelo que sinceramente lhe agradecemos<sup>200</sup>

Essa ampliação pode ser explicada por influência do governo Vargas que incentivou a ampliação do Serviço Social no Brasil. O surgimento do Serviço Social em fins do século XIX é defendido por muitos como uma forma de controle da sociedade capitalista burguesa sobre o proletariado e assim evitar que ideologias de esquerda como o socialismo e anarquismo ganhe adeptos entre os assistidos. No Brasil o serviço social ganha destaque durante o Estado Novo com a criação do SENAI e SENAC. Em São Paulo vai surgir em 1936 o curso superior de Serviço Social da PUC. Todo esse contexto político e educacional pode ter influenciado o surgimento e a ação da OFIDAS a partir de 1940. Mas será que a instituição funcionava como uma forma de controle?

Creio que o intuito principal da OFIDAS não fosse o controle arbitrário da classe trabalhadora, pois o seu alvo como bem definido anteriormente, era amparar mulheres e crianças. Mas a função da OFIDAS, assim como de outras instituições de beneficência era manter em um certo padrão razoável o status comunitário perante a sociedade maior. Não deixar que a imagem comunitária fosse prejudicada pela presença de mendigos e indigentes entre os membros da comunidade.

Certa vez em meados da década de 1950, Anatol Rosenfield fez uma série de reportagens ao jornal quinzenal Crônica Israelita sobre a situação do Serviço Social da comunidade judaica paulistana. Em seu relatório sobre a OFIDAS ele tece vários elogios sobre a instituição, chamando-a de jóia fina da comunidade e descreve a ação de cada um dos sete departamentos da instituição:

---

<sup>200</sup> Aonde Vamos? Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

## “II. Visita a OFIDAS

**Lar da Criança** – (...) O departamento de Assistência Social é encarregado de fazer a seleção das crianças beneficiadas pelos serviços do Lar. Considera a Dna. Clarinha de importância a visita ao domicílio das famílias, não só para verificar a necessidade de assistência, mas principalmente para estudar os ambientes, dar apoio moral e consolo, levar presentinhos como flores e dar ao auxílio um caráter de afetividade (...) O Lar da OFIDAS trabalha de resto, em estreita colaboração com o Lar das crianças da CIP, recomendando a aceitação de crianças a este último ou acolhendo crianças recomendada pela CIP.

**Departamento Social** – é orientado fundamentalmente no sentido da assistência à mulher e a criança. Não se visa a simples filantropia. Cada caso é cuidadosamente estudado, procurando-se levantar o nível geral da família, por meio de uma orientação sadia. A ação não é atomizada e improvisada: ‘Seguimos muitas vezes a vida da criança desde a creche até a Universidade ou ao ingresso na atividade profissional’ (...) ‘lidamos com muitas famílias de imigrantes recém-chegados enviados a OFIDAS pelo JOINT. Vieram naturalmente também imigrantes novos não ajudados pelo JOINT’.

**Departamento de Orientação Profissional e Educacional** - Atende jovens de **ambos os sexos**, encaminhando-os para diferentes escolas e cursos especializados, procurando colocá-los sempre quando possível. Também nestes casos não se descuida a OFIDAS de manter estreito contato com as famílias dos jovens. Contam os mesmos com o concurso de uma orientadora educacional, fazendo-se, em casos determinados testes para investigar as aptidões dos atendidos, sendo preciosa a colaboração da Dra. Betty Katzenstein.

**Departamento de Higiene Infantil** – Cuida de bebês de 0 a 3 anos, fornecendo cuidados médicos, medicamentos, conselhos e orientações alimentícios e higiênicos, dando subsídios em dinheiro e alimentação.

**Gabinete Dentário** – Proporciona a todos sem exceção o tratamento de orientação profilática procurando-se estimular a visita periódica por parte das crianças.

**PEAH** – Distribuição de roupas – roupas usadas, recebidas da coletividade, são consertadas, lavadas e passadas para depois serem distribuídas entre os necessitados. Parte das roupas é comprada e nova, particularmente os enxovais para bebês e os uniformes escolares. A Peah concede igualmente móveis e utensílios domésticos.

**Biblioteca** – atende crianças em idade escolar, emprestando livros aos matriculados, todos em português. Grande parte dos livros é adquirida por compra. A leitura das crianças é orientada.(...) Do âmbito da Biblioteca que tem duas pessoas encarregadas, fazem também parte atividades sociais, como jogos de salão e ao livre, sessões cinematográficas, audições de discos, concursos literários, etc.”<sup>201</sup>

Na década de 1940 a OFIDAS tinha mais de 1.500 associados, sua assistência social tinha amplo alcance, a seguir alguns dados da assistência da instituição<sup>202</sup>:

### Assistência Social

Freqüentavam: 1399

Visita domiciliares: 660

---

<sup>201</sup> Crônica Israelita, 15 de fevereiro de 1955, São Paulo-SP, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

<sup>202</sup> Fundo OFIDAS, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

Alugueis: 245  
Vales de mantimentos: 398  
Auxílios avulsos: 221  
Consultas médicas: 97  
Receitas: 117  
Hospitalizados: 22  
Exames de Lab.etc.: 41

Lar da Criança: 60 – 66

Higiene Infantil:

Frequência: 1242  
Consultas médicas: 756  
Remédios: 627  
Distribuição de leites: 1261

PEAH

Nº das pessoas atendidas: 1.390

Nº das peças entradas: 4.837  
Nº das peças saídas: 3.699

Gabinete Dentário

Frequência: 215  
Extrações: 109  
Obturações: 54  
Intervenção: 16  
Tratamento Clínico: 127

Notamos com esses dados que em uma comunidade de 20 mil pessoas e considerando que o assistido pode utilizar dois ou mais setores da instituição, a assistência da Ofidas deve ter alcançado perto de 2 mil assistidos, totalizando 10% da comunidade judaica paulistana. Assim como o número de associados ser muito alto, 1400 em comparação com a comunidade. Muito disso se deve ao fato do quadro da sua diretoria pertencer tanto a setores ashkenaz do Bom Retiro como a judeus ocidentais da CIP.

Apesar de ser uma instituição tida por feminina em seu nome, OFIDAS permitia que homens fizessem parte do corpo de funcionários e alguns dos seus setores permitiam que pessoas de ambos os sexos fossem assistidos, desde que jovens. Mais do que auxiliar apenas as mulheres,

a instituição tinha como objetivo de amparar a família. Em análise as fichas de assistidos nota-se a preocupação das assistentes sociais com o ambiente familiar, se havia estrutura o suficiente para o desenvolvimento pleno das crianças. Nota-se aí uma diferença com a assistência até então exercida na comunidade, deixando de ser apenas uma ajuda pecuniária para se aprofundar no bem estar familiar.

Para tanto, a OFIDAS matinha contato com diversos órgãos de assistência social no Brasil e nos EUA que auxiliavam o seu trabalho com intercâmbio de profissionais. Um desses órgãos eram o Conference Jewish Claims Against Germany Inc. e o National Council of Jewish Women nos EUA. Com esta última instituição, a OFIDAS enviou uma de suas funcionárias (Clara Schafirowitz) para fazer um curso em assistência social de cerca de um ano e meio e depois com o compromisso de retornar para trabalhar durante dois anos para a comunidade. Nos próximos 10 anos, a funcionária e a instituição feminina americana mantiveram estreitos contatos de colaboração e informação mútua.

Nota-se que desde a fundação da Sociedade das Damas em 1915 à consolidação da OFIDAS nas décadas de 1940 e 1950, vemos uma evolução na assistência social feminino exercido pelas mulheres na comunidade judaica. Em seus primórdios era exercido de forma amadora o objetivo era diferente, no início do século XX a questão das polacas era algo que incomodava a comunidade judaica no continente americano, assim como a Ezra, as instituições de beneficência do início do século XX que auxiliavam a imigração, tinham entre seus objetivos barrar a ação desses que estavam a margem da sociedade.

Durante as décadas de 1930 com a ascensão do nazismo na Europa, e finais de 1940 e início de 1950 com os sobreviventes da II Guerra Mundial e a criação no Brasil dos cursos de assistência social, fizeram com que a assistência se profissionalizasse, mas a questão feminina ainda estava em primeiro plano da instituição. Não só feminina, quando se referem a mulher, muitas vezes se referem a família, como se a figura feminina fosse o esteio da família. Mas diferentemente de anteriormente segregava-se aquela que estava a margem da sociedade a nova assistência não excluía essa personagem e seus filhos, é comum verificar nas fichas de algumas crianças do Lar das Crianças “pai desconhecido”, não excluía desde que a profissão da mulher, que antes seria marginalizada, não fosse explicitada.

A questão do trabalho também não fica segregado da assistência. Muitas mulheres buscam ajuda na instituição devido a incapacidade do marido em sustentar os seus dependentes. Então a mulher assumia o controle da casa e a Ofidas muitas vezes funcionava além de apoio pecuniário, apoio moral a mulher. Muitas vezes, nota-se de forma sutil, nas entrevistas das assistidas, uma certa vergonha no fato do marido estar incapacitado e necessitar da ajuda externa.

O importante nessa evolução é que as mulheres deixam de ser agentes secundárias na imigração e passam a ser agentes ativos na imigração. A família deixa de ter apenas o rosto masculino do pai de família como é visto em instituições como a Ezra e passa a ter rosto feminino e infantil. Mostra que as necessidades eram diferentes e suas experiências de imigração também eram diferentes. Mas as mulheres ainda são tratadas como o sexo frágil, apesar do incentivo ao trabalho, não poderia ser qualquer trabalho. As oficinas da OFIDAS ofereciam cursos como de floristas para suas assistidas.

Como era uma instituição que congregava tanto judeus de origem ashkenazita como judeus de origem alemã, não poderia deixar de ter conflitos internos como notamos no seguinte trecho de ata extraído:

“O Sr. Ludwig Hein pede a palavra para protestar como sócio da Ofidas sobre a chapa apresentada pela Diretoria  
Disse inicialmente não ter nada contra os elementos que compõem a mesma, acha porém que foi um grande erro não permitirem a colaboração de elementos do setor da língua alemã, que como é do conhecimento de todos, não só representam uma grande força na nossa coletividade do ponto de vista social, como também financeiro(...)”

Ana Lifischitz ataca o setor alemão e este em protesto nas eleições de 1951 votam em branco (14 votos) com palavras de replica de Any Zausmer e Susana Frank.”<sup>203</sup>

## **Política**

O último trecho mostra que até mesmo a OFIDAS não estava alheia aos acontecimentos políticos da comunidade judaica local. No começo a instituição mantinha relações estreitas com a CIP, sendo muitas de suas diretoras esposas ou mães de diretores da Congregação. Portanto,

---

<sup>203</sup> Atas de Assembléia Extraordinária de 09 de Agosto de 1951, Fundo OFIDAS, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

muitas decisões políticas adotadas pela Congregação referente ao sionismo e a FISESP, também eram adotadas pela OFIDAS como vemos no relato a seguir:

“Como é de conhecimento de todos, a Ofidas é uma sociedade brasileira, registrada com a única e expressa finalidade de prestar assistência a mulher e à criança. Nestas condições, a diretoria cujo mandato acaba de terminar, chegou a conclusão que, conquanto seja desejável uma união da Ofidas à outras sociedades com fins idênticos, que dizer de assistência social local, esta mesma conveniência não se apresentava no caso de uma união com sociedades das mais variadas finalidades, locais e mundiais (...) Em vez de tratar dos problemas da assistência e do trabalho já exaustivo, a diretoria teria sempre de considerar os mais variados problemas que por cada membro são encarnados sob outro ângulo, conforme suas convicções pessoais e políticas (...) Em nossa recusa de unirmos a outros grupos de finalidades diferentes nunca houve motivo pessoal, nem julgamo-nos superior a outras, nem fomos anti-sionistas ou sionistas, porque nenhum ponto de vista nos cabe neste plano(...) Ainda viva o entusiasmo e a emoção causados pela criação do Estado de Israel e é compreensível que o estabelecimento de um modo vivendi entre Israel e os judeus cidadãos de outras nações, seja prematuro e portanto a situação ainda um pouco confusa. Mas estamos observando que sempre mais Tande a generalizar-se o ponto de vista que deve ser feita uma distinção entre Israel que é uma nação com seus cidadãos, Israeli, abrangendo pessoas de todas as religiões – e judaísmo e judeus que se referem a uma religião histórica e as pessoas que professam e que são cidadãos dos países onde nasceram e cuja cidadania adotaram.”<sup>204</sup>

Em virtude de sua presidente por muito tempo ser Luiza Klabin Lorch, nota-se uma postura bem próxima adotada pela diretoria da CIP, de neutralidade e em certo ponto, afastamento do sionismo paulistano e da Federação. Mas assim como na Congregação, essa diretoria também é afastada e passa a não fazer mais parte dos quadros diretivos. Mas mesmo assim não deixa de ter um certo viés político em seus quadros funcionais, mas dessa vez de esquerda. Assim como a Ezra foi atrativo para pessoas de esquerda atuar, a OFIDAS também, muito pode se especular o porque dessa ação, porque não a CIP?

Primeiro é notável o anti-comunismo entre os diretores da CIP com um artigo escrito por Alfred Hirschberg contrário a ala progressista<sup>205</sup>, o mais a esquerda encontrado entre seus diretores eram membros do Dror que é a esquerda sionista. Na Ezra e na Ofidas acharam espaço para atuarem de fato a filosofia da solidariedade e do mutualismo, assim como ainda permanecerem com a consciência judaica de estarem ligados a instituições judaicas e de ajudarem judeus necessitados em tzedaká (justiça social) e uma mitzvá. Outro fator: o local, ambas as instituições ficavam no Bom Retiro berço da esquerda judaica paulistana próxima da Casa do Povo (anteriormente o Jugend Club), a escola Scholem Aleichem com profissionais trabalhando nos dois espaços.

---

<sup>204</sup> Atas de Assembléia Extraordinária de 1949. Fundo OFIDAS, Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

<sup>205</sup>

Dentre os nomes de pessoas da esquerda judaica, vemos figurar com destaque o nome de Elisa Kauffmann Abramovich que tem o seguinte no prontuário no DEOPS-SP

Elisa Kauffmann Abramovich

O nome da prontuariada aparece numa relação de vereadores eleitos pelo Partido Social Trabalhista. Seu nome está entre os manifestantes comunistas identificados durante uma manifestação em frente ao prédio da Prefeitura Municipal de São Paulo, quando foi instalada a Câmara Municipal de São Paulo, quando foi instalada a Câmara Municipal. O documento que traz essa última informação é datado de 20 de fevereiro de 1948. O nome de Elisa Kauffmann Abramovich também está inserido na relação de membros do Centro de Cultura e Progresso, que congregava judeus e era suspeito de exercer atividades comunistas.<sup>206</sup>

Elisa K. Abramovich nasceu no Brasil filha de judeus russos de Odessa. Estudou na escola técnica profissional e na década de 1930 começa a frequentar o Jugend Club onde conhece seu marido, Francisco Abramovich, comunista, nascido na Argentina e proeminente dentro da esquerda judaica. Na década de 1940 ela começa a trabalhar na oficina de profissionalização da Ofidas, nela ensinava as meninas que ficavam no lar da criança a confeccionarem arranjos de flores e outros artesanatos. Nota-se que as profissões ensinadas às meninas eram aquelas tidas como essencialmente femininas.

Posteriormente ela se torna orientadora vocacional da oficina da Ofidas e também passa a auxiliar na triagem dos assistidos, em uma entrevista, um dos assistidos relata a importância da Elisa K. Abramovich no trabalho frente a instituição

“Eu e meu irmãos estudávamos no Colégio Tiradentes e a Ofidas custeava os nossos estudos, lembro como se fosse hoje, ela ficava ali na rua Jorge Velho no Bom Retiro, em um prédio grande e lembro muito bem da Dna. Elisa Abramovich, ela era uma das responsáveis de lá, estava a frente de todas as decisões.”<sup>207</sup>

Na década de 1950 ela passa a integrar o quadro docente da escola Scholem Aleichem de educação infantil, escola progressista e de tradição idichista, com métodos pedagógicos inovadores para a época, nessa mesma época ela auxilia bastante as jovens recém imigradas dos países árabes como Egito, Líbano e Marrocos que fugiam da perseguição anti-sionista de seus governos.

---

<sup>206</sup> WIAZOVSKY, Taciana, **Bolchevismo e judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do Deops**, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, São Paulo, 2001.

<sup>207</sup> Entrevista do sr. Arnaldo Lev, entrevistador: Márcio Mendes da Luz, São Paulo, 12\12\2010

Além de Elisa Abramovich configura o nome de Maria Anders (Wolfenzon) e Clara Schafirowitz (Fridman), Rosa Aizemberg também membros da Casa de Cultura e Progresso. Além de relações com personalidades da esquerda judaica como Febus Gikovate, Samuel e Leijb Aizemberg, Boris Cipes e Francisco Abramovich, Hugueta Sendacz, muitos desses ligados ao Teatro Ídiche. Mas apesar de ter essas funcionárias na esquerda judaica, elas não faziam parte do quadro diretivo da instituição, o que não caracteriza a instituição como progressista, por não haver uma gestão nesse sentido por parte de sua diretoria como ocorria com a Casa de Cultura e Progresso e a escola Scholem Aleichem, como lemos anteriormente em alguns momentos da década de 1940 a diretoria se preocupou em se afastar deles.

Apesar da distância política entre a diretoria e o quadro profissional da instituição, não há rumores de conflitos entre as partes até a sua fusão em 1970 com a Ezra e Policlínica para criar a Unibes (União Israelita do Bem Estar Social). O fato de ser uma diretoria voluntária e conforme o tempo a perda de prestígio das instituições de beneficência frente a outras instituições da comunidade como o Clube Hebraica e a FISESP fez com que a participação da diretoria fosse menos incisiva, dando espaço a seus empregados, somando isso a segurança de uma instituição não progressista em tempos que o PCB era proibido, segurança essa que não existia nas instituições de esquerda da comunidade.

A participação feminina judaica na assistência social da comunidade paulistana, demonstra uma grande participação, além do assistencialismo, na política intra-comunitária e externa na sociedade maior. A sua evolução de 1915 até as décadas de 1940 e 1950 demonstra não só a profissionalização do assistencialismo na comunidade, como também a evolução econômica e social dela na sociedade brasileira, assim como sofre diretamente influência do governo e da sociedade maior.

## **Conclusão**

Nesse capítulo discutiu-se a participação feminina nas relações pessoais durante a imigração e qual o papel muitas vezes legado a elas. Como o papel da mulher na historiografia vem sendo encarado desde a década de 1960 e como os estudos de questão de gênero adentram

na historiografia da imigração e em que essa nova abordagem pode auxiliar nos novos estudos imigratórios.

A evolução da beneficência feminina na comunidade na primeira metade do século XX, saindo do amadorismo de apenas ajuda pecuniária que era desenvolvido durante a época da Sociedade das Damas Israelitas, para o profissionalismo da assistência social da Ofidas em que a figura da assistente social passa a ser comum e a evolução do papel da mulher na sociedade melhora, possibilitando-as a ganhar o mercado de trabalho. Mas verificou-se muitas vezes que essas instituições de beneficência apenas confirmaram a sua posição como mulheres submissas ao lar e que a função do homem era a do sustento. Como ao dividir a responsabilidade de assistência com a Ezra responsável pela parte masculina, enquanto a Ofidas fica responsável pela parte feminina.

Mas foi a Ofidas foi a primeira instituição a inaugurar a era das grandes fusões, juntando sobre o mesmo trabalho diversos setores da comunidade judaica tanto regional: sefardim, ashkenazita e ocidentais, como em política: desde antissionistas como Luiza Lorch à progressistas como Elisa Kauffmann Abramovich. Assim como as demais instituições não poderia ficar a parte da discussão política dentro do seio da comunidade. Por concentrar em seus quadros membros dos mais diversos setores da comunidade judaica a sua posição política interna mudava de acordo com o grupo que estivesse no poder.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa dissertação de mestrado quis demonstrar como que as instituições de beneficência judaica auxiliaram na imigração e adaptação desse grupo na cidade de São Paulo. Nota-se ao analisar os dados sobre o trabalho dessas instituições que tiveram participação ativa na imigração com grandes redes de comunicação com outras instituições internacionais. E também mostraram ser essenciais na adaptação desses imigrantes em solo brasileiro se tornando um dos pilares principais da comunidade, muito devido a ausência de um Estado Nacional Judaico que os protegessem das agruras do antissemitismo na Europa e que os auxiliasse na instalação do país que escolheram para imigrar na América.

Mas também essas instituições serviram como instrumentos de controle da elite comunitária local, para manter o status da comunidade perante sociedade maior não denegrindo a imagem dos seus membros perante a elite local, como não permitindo que seres tidos como marginalizados não configurassem no seio da comunidade e fizesse com que esse assunto se tornasse tabu dentro da comunidade.

Os conflitos internos e externos dessas instituições também foram alvos de estudo dessa dissertação pois eles determinaram como determinada instituição encarava o papel do imigrante na sociedade e qual modo de auxiliar. Teve a forma amadora como a Ezra e a Sociedade das Damas, e a profissionalização da Ofidas e CIP como surgimento da figura da Assistente Social e a atenção deixa de ser apenas o financeiro personalizado na figura do pai de família e passa ser também o bem estar social personalizado na família.

A conturbação política interna também atinge as instituições da comunidade, vê-se a luta interna para decidir qual seria a encabeçar a integração da comunidade e qual projeto comunitário liderar. Nisso houve o choque cultural entre liberais e ortodoxos, sionistas e não sionistas, ashkenazitas e ocidentais, choques de filosofias de vida e ideologias políticas. Rivalidades com origem no século XIX e trazidas pelos imigrantes na bagagem da Europa para cá que cresceu em terreno fértil. Mas mesmo com todas as adversidades, a política externa da Guerra Fria e do governo Brasileiro com a proibição do PCB e a ditadura militar ajudaram o projeto sionista lograr dentro da comunidade nas décadas de 1950 e 1960.

Mas apesar de escolher as quatro instituições, Ezra, CIP, Sociedade das Damas e Ofidas e tangencialmente analisar outras instituições como a FISESP e o ICIB para abranger o maior possível a imigração judaica para o Brasil, essa imigração ainda é muito plural e mesmo a análise dessas quatro instituições não conseguiu atingir um grupo judeu imigrante na época, os sefardim e mizrahim.

Segundo Mizrahi, a presença Sefardi e mizrahim em São Paulo é tão antiga quanto as dos primeiros ashkenazita no início do século XX, mas ao invés de ocuparem o bairro do Bom Retiro como estes, resolveram ir para o Bairro da Mooca e Cambuci. Os primeiros judeus sefarditas<sup>4</sup> chegam ao Brasil no final do século XIX e início do século XX começam a chegar em São Paulo, procedendo, basicamente de Esmirna, Beirute, Seida, Safad e Damasco, no Brasil preferiam morar na Bela Vista e região central. Os judeus orientais escolheram fixar-se na Mooca, Brás e depois no Ipiranga. O motivo de saída desses judeus são os mesmos que dos sírios libanês, descontentamento com o governo otomano e a tentativa de uma vida melhor na América, ainda não havia o conflito religioso aberto como viria a ter mais tarde.

Na década de 30 e 40, centenas de Sefarditas de diferentes nacionalidades, num intenso e contínuo movimento migratório, deixaram seus países de origem com destino a São Paulo. Os judeus da Itália, dos Bálcãs e Grécia buscavam refúgio do antissemitismo alemão, já os do oriente médio da constante pressão árabe-mulçumana após a criação do Estado de Israel. No ano de 1920, estabeleceram-se no país 19.290 “turco asiáticos”, nessa categoria encontrava-se muçulmanos, cristãos maronitas e judeus.

Ainda na década de 1920 constroem suas primeiras sinagogas e clubes recreativos como o clube Monte Sinai e o CIBAT (Centro Israelita Brasileiro Amadeu Toledano), construíram em 1929, na rua da Abolição, uma sinagoga e contou com a colaboração mensal de seus participantes. Já os orientais, construíram, em terreno cedido pela família Klabin, dois templos numa mesma rua, a Odorico Mendes no bairro da Mooca. Uma, a dos Siadne, reunia os imigrantes de Seida e Beirute, a outra era a dos Safadie, originários de Safad e Damasco demonstrando forte regionalismo entre os judeus mizrahim.

---

<sup>4</sup> Judeus da península Ibérica que após serem expulsos da Espanha e Portugal em 1492 e 1506 respectivamente se espalham pelo norte da África, Sul da Itália dos Bálcãs, Grécia e Oriente Médio

De forma geral não lidavam com os ashkenazitas, sendo classificados por estes como turcos devido ao domínio turco-otomano em suas regiões de origem, e devolviam chamando-os de gringos por falarem o ídiche que é bem próximo do alemão medieval, rivalidade qual não permitia casamento entre os seus membros e muito menos o diálogo para formação de uma instituição em comum. Já os judeus sefarditas e os ocidentais lidavam bem, talvez pelo fato de compartilharem da afeição pelo rito liberal enquanto que os mizrahim preferiam o rito tradicional.

De forma geral, foram pouco atendidos por instituições beneficentes brasileiras. Sabe-se que a Alliance Israelite Universelle<sup>208</sup> teve grande influência em incentivo à imigração desses para o continente americano. Talvez as relações de parentescos muito forte e a imigração em corrente tenha ocupado o espaço das instituições beneficentes na imigração e no assistencialismo desse imigrante em solo brasileiro. Por isso que esta dissertação tenha os tratado de forma tangencial e periférica, apesar de sua representatividade dentro da comunidade

Dentro da questão política, aderiram a causa sionista como demonstra o artigo a seguir retirado da crônica israelita:

O Despertar do Judaísmo Sefaradi em São Paulo. – Gabriel Kibrit

Diante dos acontecimentos que se desenvolvem na política mundial, é de grande evidência a necessidade para nós judeus de sermos unidos e organizados numa massa compacta e disciplinada em torno dos deveres que a hora nos exige.

Hoje mais do que nunca, devemos nos dedicar ao renascimento do povo judaico; devemos aprender a língua hebraica; estudar a história e a literatura judaica, preparar uma geração que honre a pátria e seu povo.

É indispensável por mãos à obra imediatamente, amanhã talvez seja tarde e a ninguém é lícito eximir-se, cada qual deverá participar da reconstrução judaica e isto diz respeito mui particularmente aos judeus sefaradins, há pouco viviam numa apatia e desinteresse condenáveis, particularmente no nosso *Ishuv* de São Paulo e a causa principal era a diferença idiomática.

[...] Eis porque, sentindo a necessidade inadiável, alguns elementos sefaradis propuseram a criação da COMUNIDADE HEBRAICA DE SÃO PAULO, que abrangerá em seu seio todos os judeus sefaradis de São Paulo, a fim de organizá-los e apresentá-los às sociedades co-irmãs com uma força ciente e consciente de seus deveres, começando por abolir a indiferença que existia entre ashkenazim e sefaradim para isto contratou os serviços do rabino Yehudá Gertner recém-chegado de Eretz Ysrael. A fim de organizar o setor sefaradi, o primeiro passo feliz dado pelo referido rabino foi congregar as três sinagogas existentes em São Paulo, Templo Israelita Rito Português, Sinagoga Israelita Brasileira e Sociedade União Israelita Paulista, e o segundo passo foi a fundação da Escola Hebraica Brasileira Eretz.

---

<sup>208</sup> Instituição de judaica francesa fundada em 1860 para ajudar na imigração de judeus dos países muçulmanos.

[...] Resta ainda a terceira etapa, se a comunidade sefardita quer ver coroados de êxito os seus esforços propugnado pela união dos sefardim, é preciso proceder já a sionização dos sócios e imbuir-lhes o espírito de renascimento que iluminou as comunidades judaicas de Além-Mar para dar-lhes consciência de seu papel como judeus e das obrigações que sobre eles pesam.<sup>209</sup>

Depois do conflito mundial, a imigração sefardita passa a ser predominante com a vinda de judeus do Egito sob a ameaça do antissionismo de Gamal Abdel Nasser e de outros países muçumanos do oriente médio como Marrocos e Líbano. Compostos em sua maioria de profissionais liberais vêm para o Brasil e formam suas sinagogas a parte como a Mekor Haim (judeus do Egito) e a Beit Jacob (Judeus do Líbano).

Esse seria o último grupo a ser abordado mesmo que brevemente por essa dissertação.

---

<sup>209</sup> Crônica Israelita, 20-09-1949.

## Bibliografia

ARENDR, Hannah, **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**, tradução: José Rubens Siqueira, São Paulo, Cia. das Letras, 1999

AVNI, Haim, **História de la inmigracion judaica en la argentina (1810-1950)**, Editorial Universitária Magnes, Universidad Hebrea de Jerusalém, Argentina, 1983.

BLOOM, Harold, **The Glories of Yiddish: History of the Yiddish Language**, YIVO Institute for Jewish Research, Yale University Press, Volume 55.

BIONDI, Luigi, **Entre associações étnicas e de classes: os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)**, Campinas- São Paulo, 2002

CAMPAGNANO, Ana Rosa, **Intolerância contra os judeus italianos entre a emancipação e as leis raciais fascistas**, Vértice, 6ª edição, Humanitas, FFLCH/USP, São Paulo, 2001

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; **O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)**; São Paulo, Brasiliense, 1988

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti, **Língua e Identidade em vidas migrantes**, In Migração e Identidade: Olhares sobre o tema, Centauro, 2007

CYTRYNOWICZ, Roney; **Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos de 1930 e 1940**. In GRINBERG, Keila, Os judeus no Brasil: Inquisição, Imigração e Identidade, Rio de Janeiro, 2005.

DECOL, René, **Judeus brasileiros: um panorama demográfico**, in Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

DELLAPERGOLA, Sérgio. Jewish Identity/Assimilation/Continuity: Approaches to a Changing Reality. In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, Humanitas, São Paulo, 2001

DE LUCA, Tânia Regina, **O sonho do futuro assegurado**, São Paulo, Contexto, 1990

FALBEL, Nachman, **Os judeus do Brasil: Estudos e notas**, Humanitas, Edusp, 2008

FAUSTO, Boris, **Negócios e Ócios: história da imigração**, São Paulo, Companhia das Letras, 1997

GABACCIA, Donna, **From the Other Side: Women, Gender & Immigrant life in the U.S. 1820-1990**; Indiana University Press, Indianápolis, 1994

HALL, Michael, **Imigrantes na cidade de São Paulo**, in PORTA, Paula, **História da cidade de São Paulo, vol.3, a cidade na primeira metade do século XX**, São Paulo, Paz e terra, 2004.

HARSHAV, Benjamin, **O significado do Yidish**, São Paulo, Perspectiva, 1994

HIRSCHBERG, Alice Irene, **Desafio e Resposta: A história da Congregação Israelita Paulista desde sua fundação**, CIP, São Paulo, 1976

IAMAMOTO, Maria Villela; CARVALHO, Raul de, **Relações sociais e serviço social no Brasil**, Cortez, São Paulo, 2001

KOSMINKSY, Ethel, **Questão de Gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e Nova York**, Pagu, Campinas, Dezembro de 2004, n°23 pp.279-328

\_\_\_\_\_, **A literatura judaico feminina de imigração nos Estados Unidos e Brasil**, In. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, FFLCH-USO, n°3, Humanitas, São Paulo, 2001

KLEINER, Alberto, **Inmigración judia a Brasil**, Instituto Hebreo de Ciências, Buenos Aires, 1943

KUSHNIR, Beatriz, **Baile de Máscaras: Mulheres judias e prostituição, as polacas e suas associações de ajuda mútua**, Imago, Rio de Janeiro, 1996

LESSER, Jeffrey, **Continuity and Change Whithin an Immigrant Comunity: The Jews of São Paulo, 1924-1945**, Luso-Brazilian Review, 1988, pp.45-58.

\_\_\_\_\_, **A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**, tradução: Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbre, São Paulo, Unesp, 2001

\_\_\_\_\_, **Judeus: O estereótipo e a questão dos refugiados no Brasil, 1935-1945**, in GRINBERG, Keila, **Judeus no Brasil, inquisição, imigração e identidade**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_, **Brasil e a Questão Judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito**, tradução: Marisa Sanematsu, Imago, Rio de Janeiro, 1995.

LEVIN, Elena, **História de una Emigración(1933-1939) Alemanes judios en la Argentina**, Buenos Aires, 1991

LEWIN, Helena, **DOPS: o instrumento da repressão política**, in Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

MIZRAHI, Rachel, **Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro**, São Paulo, Ateliê, 2003.

MOYA, Jose C. **Immigrant and Associations: A Global and Historical Studies**, In Journal of Ethnic and Migration Studies, Mortimer House, London, 2008

**Passagem para América: relatos da imigração judaica em São Paulo**, Org. BECKER, Gaby & FREIDENSON, Marília, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 2003.

POUTIGNAT, Philippe & STREIF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, São Paulo: Ed. Da Unesp. 1998

Revista Morashá, Edição 43, Dezembro de 2003

SANSON, Daniel, **Características socioeconômicas da população judaica do Rio de Janeiro**, In Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

SCOTT, Joan, **História das Mulheres**, In. A escrita da História, BURKE, Peter org. Tradução Magda Lopes, Editora Unesp, São Paulo, 1992.

THOMPSON, E.P, **Costumes em Comum**, revisão técnica: Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes – São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios, Sírios e libaneses em São Paulo**. Unicamp: Campinas, 1993

WALDMAN, Berta, **Jacó Guinsburg: depoimento de uma vida em curso**, In Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, Humanitas, São Paulo, 2001

WIAZOVSKI, Taciana, **Bolchevismo e judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do Deops**, São Paulo, Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001